



UNIVERSIDADE FEDERAL DE
CAMPINA GRANDE

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM HISTÓRIA

ALINE MOURA DE SOUZA

“SALVE O DIVINO”
UMA HISTÓRIA DE DEVOÇÃO AO ESPÍRITO SANTO NO DISTRITO FELIZARDO-
CE (1994-2023)

CAJAZEIRAS-PB

2024

ALINE MOURA DE SOUZA

“SALVE O DIVINO”
UMA HISTÓRIA DE DEVOÇÃO AO ESPÍRITO SANTO NO DISTRITO FELIZARDO-
CE (1994-2023)

Monografia apresentada à disciplina Trabalha de Conclusão de Curso (TCC), do Curso de Graduação em Licenciatura em História, da Unidade Acadêmica de Ciências Sociais, do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito para obtenção de nota.

Orientador(a): Prof^ª. Dr^ª. Silvana Vieira de Sousa

CAJAZEIRAS-PB

2024

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação-(CIP)

S729s	<p>Souza, Aline Moura de. “Salve o Divino” uma história de devoção ao Espírito Santo no Distrito Felizardo – CE (1994-2023) / Aline Moura de Souza. – Cajazeiras, 2024. 117f. : il. Color. Bibliografia.</p> <p>Orientadora: Profa. Dra. Silvana Vieira de Sousa. Monografia (Licenciatura em História) UFCG/CFP, 2024.</p> <p>1. Religiosidade popular - Distrito de Felizardo – Ceará. 2. Festa do Divino Espírito Santo - Distrito de Felizardo - Ceará. 3. História cultural. 4. História oral. 5. Historiografia - Distrito de Felizardo - CE. 6. Cultura popular. 7. Catolicismo popular. 8. Festejos religiosos. I. Sousa, Silvana Vieira de. II. Título.</p> <p>UFCG/CFP/BS CDU – 2-853(813.1)</p>
-------	---

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

ALINE MOURA DE SOUZA

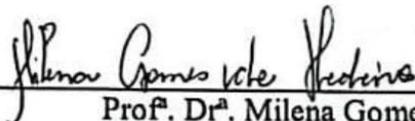
"SALVE O DIVINO"
UMA HISTÓRIA DE DEVOÇÃO AO ESPÍRITO SANTO NO DISTRITO FELIZARDO-
CE (1994-2023)

APROVADO em: 29/04/2024

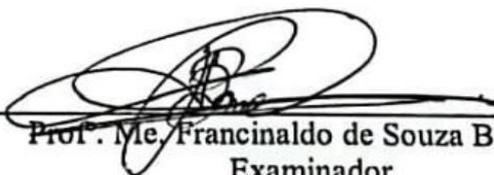
Comissão examinadora



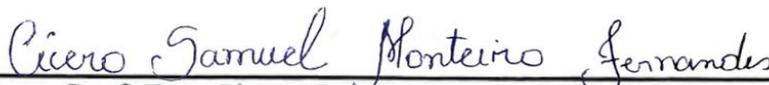
Prof.ª Dr.ª Silvana Vieira de Sousa
Orientadora



Prof.ª Dr.ª Milena Gomes de Medeiros
Examinadora



Prof. Me. Francinaldo de Souza Bandeira
Examinador



Prof. Esp. Cicero Samuel Monteiro Fernandes
Examinador (Suplente)

Cajazeiras - PB

2024

Dedico à minha mãe, Neuza Maria, ao meu pai, José Ferreira, e aos meus irmãos, Alex de Souza e Angélica Moura e ao meu companheiro, Rodrigo L. Candido, por toda paciência, amor e cumplicidade, vocês são luz em minha vida. E também aos homens e mulheres que vivenciaram e contaram essa história, sem vocês ela não seria possível.

AGRADECIMENTOS

Ao Divino, sobre todas as coisas.

À minha família – a minha mãe, Neuza Maria, mesmo com o seu pouco estudo e o meu pai, José Ferreira, que nunca aprendeu a ler nem escrever (pois, desde pequenos tiveram que abdicar dos estudos para ajudar os seus pais a tirar o seu sustento trabalhando no campo), mas, sempre entenderam a importância da educação e sempre nos incentivaram a não desistir, e apesar das dificuldades buscaram dar o seu melhor para que nós tivéssemos a oportunidade que eles não tiveram e mesmo sem entender a dimensão desse trabalho, me apoiaram, me incentivaram a sua maneira e sonharam comigo o dia em que chegaria a conclusão desta monografia. Vocês são meu orgulho e meus exemplos de honestidade, caráter, humildade e amor. Também quero agradecer aos meus irmãos, Alex de Souza e Angélica Moura, que igualmente aos nossos pais, sempre me apoiaram, vocês também são exemplos para mim, vocês me lembram que nunca estarei só. Já estendo os agradecimentos a José Jucinaldo e Rosália Iolanda, meus cunhados, por ambos, sempre com muito alto astral melhorar meus dias, também a minha cunhada, que presenteou nossa família com o meu sobrinho amado, sou duplamente grata, Arthur foi quem muitas vezes foi minha válvula de escape do estresse da pesquisa, nas nossas inúmeras brincadeiras. – família, vocês são o meu refúgio, o meu alicerce, aqueles que sempre me acolhem nos momentos mais difíceis, e que compartilham comigo os momentos mais felizes, que me fazem crer que a vida tem propósito, tem sentido. Os amo.

Ao Rodrigo Candido – meu companheiro, meu amor – por acreditar em mim quando eu não podia, por ser meu principal incentivador, pela paciência nos momentos de descrença em mim mesma, pela compreensão, carinho e companheirismo em todo o processo de minha construção acadêmica, e principalmente pessoal, também sou grata por ter me auxiliado em toda a construção deste trabalho, por acreditar que ele seria possível, por todas as noites que ouviu meus desabafos, por todo afeto, por ser também o meu refúgio, por ser também a minha família, por crescermos nesse processo juntos, por me acolher nos meus piores dias. Sou grata por ter você, o amo, obrigada por tudo, obrigada por tanto.

À Silvana Vieira de Sousa – minha orientadora – pela disponibilidade em me orientar, por confiar e acreditar, e se empenhar na produção da pesquisa, por me dar todas as condições e possibilidades para desenvolvê-la, por sempre estar disposta a me responder e sanar minhas dúvidas e por possibilitar a conclusão desse trabalho, muito obrigada!

À Amanda Rodrigues e Camila Penaforte – minhas amigas e companheiras de ofício – Amanda por assim como Rodrigo, ter me ajudado em toda a construção desse trabalho, vocês fizeram um verdadeiro trabalho de coorientação, sem vocês eu não teria conseguido, obrigada Amanda, querida amiga, por me socorrer quando estava muito angustiada para concluir esse trabalho, sou grata por todas as nossas conversas, pela paciência em debater comigo as minhas dúvidas junto ao Rodrigo, pela disposição em me ajudar. À Camila também pelas inúmeras conversas, por me incentivar nesse trabalho a correr atrás das coisas, por me ajudar nas transcrições assim como Rodrigo, eu sei o quanto foi trabalhoso, por isso agradeço por terem se disponibilizado, também sou grata pela amizade, minha “duplinha” de trabalho nos nossos anos de curso. Um parágrafo aqui seria insuficiente para expressar o tamanho da minha gratidão aos três por terem me ajudado diretamente na construção desse trabalho, obrigada!

Aos meus amigos – minha segunda família – amigos de infância, Rafaella Samires, Jéssica Batista e Jéfferson José, gratidão pela nossa longa amizade que não ruiu com o tempo, sei que posso contar com vocês, sempre terei um espaço de acolhida em momentos difíceis. À amiga que a faculdade me deu, Vitória Souza. Gratidão por me acolher em sua casa, quando nos conhecemos na faculdade e nos aproximamos, desde esse dia jamais nos separamos, e também me entender, pois compartilhamos das mesmas aflições relacionadas às pesquisas e conclusão do curso no mesmo período. Grata por tudo. À Ayanne Cybelle, gratidão por chegar na minha vida no momento que mais precisava. A todos tenho eterna gratidão pela amizade, pelas conversas, pelo apoio, pelos conselhos e por compartilharem comigo meus dias ruins e meus dias bons também, a amizade de vocês sempre fez total diferença, e nossas conversas sempre foram importante para me gerar reflexões. Aos amigos que também a UFCG me deu, Denis Gonçalves, que mesmo longe é uma amizade que quero levar para a vida toda, grata pelas longas conversas ao telefone, por me acolher na residência sempre que precisei ficar por algum motivo na UFCG, por me fazer companhia, por ouvir minhas lamúrias sobre a vida e sobre o TCC. Ao Lourival Tavares, pelo bom humor nos momentos críticos, pela companhia nos dias de residência pedagógica, pelas conversas sobre a pesquisa, e também pela parceria nas correções

do primeiro capítulo. Ao Darlysson Sousa, por compartilhar os nossos lamentos, gratidão também pela parceria nos anos de residência pedagógica, por tirar dúvidas também comigo, sobre nossas pesquisas, grata pela escuta e contribuição neste trabalho também gerada pelas nossas discussões. José Antonio (Zé Neto), por ouvir sobre minhas inquietações, por divagar sobre a vida, por proporcionar as situações mais engraçadas junto a Francisco Didier, que também estendo minha gratidão pelas conversas e pela sensibilidade em ouvir, pois todas as nossas conversas propiciaram ao seu modo uma contribuição para a minha formação e em consequência para a construção deste trabalho. Jacqueline Magalhães, sou grata pela nossa aproximação, pelas nossas conversas sobre nossas dificuldades nas pesquisas, e sobre uma dúzia de coisas aleatórias, grata pelo acolhimento. Ao Cícero Alves por sua gentileza, sua sinceridade. A Janicleide Machado por sua perspicácia, e bom humor em momentos críticos, à Fabriciana Abreu, por sua prestatividade e a amabilidade, Fernanda Carla, pela sua assertividade e atenção. A Maria Fernandes, Josefa Jakeline, Dalua Oliveira e Mário Pedoni (*In memoriam*) por todas às vezes que me acolheram em suas casas também quando necessitei ficar em Cajazeiras por morar em outro estado, vocês têm minha eterna gratidão. Ao Herike Vieira, pelo apoio, por me ouvir nos piores dias e me ajudar inúmeras vezes com palavras amigas. A nossa turma em geral. A Cícero Samuel, também um amigo que a faculdade me deu, por todo o seu encorajamento, sua gentileza e suas palavras de apoio. A todos vocês, sou grata, pela amizade e por proporcionarem os melhores anos da minha vida, sou grata pela nossa troca de experiência, pois cada um de vocês contribuiu para a minha formação pessoal e acadêmica, em algum grau e de alguma maneira, contribuíram para que chegasse até aqui. Gratidão, amo todos vocês!

Aos meus entrevistados – Homens e mulheres que participaram desta pesquisa – por me receberem em suas casas, por aceitarem relatar suas memórias, por fazerem este trabalho se tornar realidade, sem vocês nada seria possível, esse trabalho não é só meu, esse trabalho é nosso. Muito obrigada!

A todos que acreditaram em mim, os amigos, colegas e conhecidos, que de alguma forma contribuíram e torceram pela conclusão desta pesquisa. A todos os funcionários da UFCG e a todos os professores que passaram pela minha vida.

À Universidade Federal de Campina Grande.

Não imaginava que os agradecimentos seriam uma tarefa tão difícil, pois além de tentar conter a emoção sempre incorre escrever algo que não seja capaz de mensurar a importância daqueles que contribuíram ou acompanharam o percurso de desenvolvimento desta pesquisa de alguma maneira. Além do que, a nossa memória é falha e seletiva, e pode-me levar a injustiças pelo esquecimento. Antecipadamente desculpo-me caso esqueça de alguém.

E por último e não menos importante agradeço a mim mesma, por respeitar o meu tempo, por confiar em mim mesma e que tudo daria certo e no tempo certo, por conseguir mesmo com todas as limitações não desistir, mesmo com todas as adversidades, persistir, pois “Só há uma maneira de atravessar um deserto, caminhando. Não tente correr, não ouse parar.” (BRANDÃO, 2005, p.19).

“Salve o divino Espírito Santo, oiá, oiá, oiá!

Salve o divino Espírito Santo, oiá, oiá, oiá!

*O divino Espírito Santo chegou aqui nessa
morada*

Veio guiando a bandeira na poeira da estrada

Veio trazer sua benção por nós muito esperada

Veio tirar a esmola pra igreja do Queimado.”

Divino Espírito Santo (Sérgio Reis).

RESUMO

Fonte de forte expressão da religiosidade popular, a devoção ao Espírito Santo é bem conhecida e difundida no Brasil, uma manifestação religiosa que atrai muitos devotos, e que cada localidade parte de uma singularidade, abrigando diversos elementos e conseqüentemente uma história. Nesse contexto, o objetivo da pesquisa é compreender a historicidade da prática da devoção ao Divino Espírito Santo do distrito Felizardo-CE, no período de 1994 a 2023, com fins de entender como essa prática se construiu e se constrói, a partir das experiências daqueles que dela participam e atribuem a mesma um sentido, um significado. Trata-se de um estudo no Campo da Nova História Cultural, com interface na Cultura e Religiosidade Popular, campos de atuação do historiador por ser produto social e cultural. Portanto, para dar andamento ao trabalho, para discutir o objeto de estudo na História e na historiografia, foram utilizadas as contribuições de Burke (2005), Domingues (2011), Santos (2008), Andrade (2000) e Sousa (2017). Para analisar o espaço de inserção dessa devoção a partir da cultura religiosa, como também problematizar os significados da prática, suas modificações e usos, estudos como o de Burke (2003), Barros (2005) Hobsbawn (1997) Chartier (1988), Abreu (1996) e Souza (2008) nortearam a discussão, e também outros pesquisadores importantes na historiografia. A metodologia da História Oral, discutida por Portelli (1997) e Alberti (2004) e memória com Halbwachs (1968) na realização das entrevistas que foram submetidas ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) com CAAE de nº 68860823.4.0000.5575. O uso de entrevistas foi indispensável para a progressão desse trabalho, além do uso de outras fontes, como imagens e vídeos. Ao final deste trabalho, compreendeu-se a complexidade do festejo, incluindo suas relações políticas, sociais, culturais e econômicas, assim como suas influências nesses aspectos. Apesar dessa gama de relações, a festa persiste e se adapta às demandas do tempo presente.

Palavras-chave: Festa do Divino. Religiosidade. História Cultural. História Oral. Felizardo-CE.

ABSTRACT

A source of strong expression of popular religiosity, devotion to the Holy Spirit is well known and widespread in Brazil, a religious manifestation that attracts many devotees, and that each locality starts from a singularity, harboring diverse elements and consequently a history. In this context, the aim of this research is to understand the historicity of the practice of devotion to the Divine Holy Spirit in the district of Felizardo-CE, from 1994 to 2023, in order to understand how this practice was built and is being built, based on the experiences of those who take part in it and give it meaning. This is a study in the field of New Cultural History, with an interface in Popular Culture and Religiosity, fields in which historians work because they are social and cultural products. Therefore, in order to proceed with the work, the contributions of Burke (2005), Domingues (2011), Santos (2008), Andrade (2000) and Sousa (2017) were used to discuss the object of study in history and historiography. In order to analyze the space where this devotion was inserted from the perspective of religious culture, as well as to problematize the meanings of the practice, its modifications and uses, studies such as Burke (2003), Barros (2005) Hobsbawn (1997) Chartier (1988), Abreu (1996) and Souza (2008) guided the discussion, as well as other important researchers in historiography. The methodology of Oral History, discussed by Portelli (1997) and Alberti (2004) and memory with Halbwachs (1968) in carrying out the interviews, which were submitted to the Research Ethics Committee (CEP) under CAAE No. 68860823.4.0000.5575. The use of interviews was indispensable for the progress of this work, as well as the use of other sources, such as images and videos. At the end of this work, the complexity of the festival was understood, including its political, social, cultural and economic relations, as well as its influences on these aspects. Despite this range of relationships, the festival persists and adapts to the demands of the present time.

Keywords: Feast of the Divine. Religiosity. Cultural History. Oral History. Felizardo-CE.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Imagem do Divino da Capela Nossa Senhora da Conceição, Felizardo-CE, 2019.....	28
Figura 2: O Boi de Pano e o Cavalinho, bonecos folclóricos tradicionais da festa do Divino em Paraty (RJ), 2014.....	34
Figura 3: A Miota e o Peneirinha, bonecos folclóricos tradicionais da festa do Divino em Paraty (RJ), 2014.....	34
Figura 4: Curucucús ou Mascarados da Festa do Divino em Pirenópolis (GO), 2017.....	35
Figura 5: Cavallhadas da festa do Divino em Perenópolis (GO), 2017.....	35
Figura 6: O imperador da festa do Divino em Natividade (TO), 2016.....	36
Figura 7: Encontro das Bandeiras, às margens do rio Piracicaba, 2013.....	37
Figura 8: Monumento do Divino Espírito Santo, entrada de Morada Nova-CE, 2013.....	38
Figura 9: Imagem aérea do Distrito Felizardo-CE, 2019.....	40
Figura 10: Frente da capela Nossa Senhora da Conceição antes da instalação da torre, Felizardo-CE, 2011.....	44
Figura 11: Frente da Capela Nossa Senhora da Conceição depois da instalação da torre, Felizardo-CE, 2019.....	44
Figura 12: Imagem aérea do centro do distrito Felizardo-CE, 2020.....	46
Figura 13: Imagem da inauguração da praça do Divino Espírito Santo, Felizardo-CE, 2012.....	46
Figura 14: Bandeira do distrito Felizardo-CE, 2022.....	47
Figura 15: Hasteamento da bandeira, festa do Divino Espírito Santo, Felizardo, 2019.....	57
Figura 16: Camiseta da festa do Divino Espírito Santo do ano 2000, Felizardo-CE, 2023....	66
Figura 17: Camiseta da festa do Divino Espírito Santo do ano 2000, Felizardo-CE, 2023....	66
Figura 18: Camiseta da Festa do Divino Espírito Santo, Felizardo-CE.....	67
Figura 19: Camiseta da Festa do Divino Espírito Santo, Felizardo-CE.....	67
Figura 20: Fila do almoço da festa do Divino Espírito Santo, Felizardo-CE, 2019.....	68

Figura 21: Cozinheiras do almoço da festa do Divino Espírito Santo, Felizardo-CE, 2019...	68
Figura 22: Casal sorteado da noite de novena usando a vestimenta vermelha, festa do Divino Espírito Santo, Felizardo-CE, 2018.....	71
Figura 23: Casal sorteado da noite de novena usando a vestimenta vermelha, festa do Divino Espírito Santo, Felizardo-CE, 2018.....	71
Figura 24: Casal sorteado em procissão indo em direção ao seu setor, festa do Divino Espírito Santo, Felizardo-CE, 2019.....	71
Figura 25: Casal sorteado em procissão indo em direção ao seu setor, festa do Divino Espírito Santo, Felizardo-CE de 2019.....	71
Figura 26: Procissão de encerramento da festa do Divino Espírito Santo, Felizardo-CE, 2012.....	73
Figura 27: Procissão de encerramento da festa do Divino Espírito Santo, Felizardo-CE, 2012.....	73
Figura 28: Procissão de encerramento da festa do Divino Espírito Santo, Felizardo-CE, 2012.....	73
Figura 29: Procissão de encerramento da festa do Divino Espírito Santo, Felizardo-CE, 2012.....	74
Figura 30: Procissão de encerramento da festa do Divino Espírito Santo, Felizardo-CE, 2017.....	75
Figura 31: Festa do Divino Espírito Santo, imagem de Nossa Senhora da Conceição na procissão, Felizardo-CE, 2017.....	76
Figura 32: Festa do Divino Espírito Santo, imagem do Divino Espírito Santo na procissão, Felizardo-CE, 2017.....	76
Figura 33: Festa do Divino Espírito Santo, procissão na BR 116, Felizardo-CE, 2017.....	76
Figura 34: Festa do Divino Espírito Santo, procissão na BR 116, Felizardo-CE, 2017.....	76
Figura 35: Procissão de encerramento da festa do Divino Espírito Santo, Felizardo-CE, 2016.....	76
Figura 36: Procissão de encerramento da festa do Divino Espírito Santo, Felizardo-CE, 2016.....	76
Figura 37: Ala dos ciclistas na procissão de encerramento da festa do Divino Espírito Santo, Felizardo-CE, 2019.....	78

Figura 38: Postagem da primeira noite de novena do Divino Espírito Santo, Felizardo-CE, 2020.....	78
Figura 39: Itinerário da procissão da festa do Divino, Felizardo-CE, 2020.....	79
Figura 40: Padre percorrendo o setor Joaquim Rolim com a imagem do Divino, Felizardo-CE, 2020.....	79
Figura 41: Registro da “missa do envio” do 28º ano da festa do Divino Espírito na capela Nossa Senhora da Conceição, Felizardo-CE, 2022.....	84
Figura 42: Arte produzida para o 26º ano da festa do Divino Espírito Santo, Felizardo-CE, 2020.....	87
Figura 43: Captura de tela da <i>live</i> do novenário do Divino Espírito Santo, Felizardo-CE, 2020.....	87
Figura 44: Missa de encerramento da festa do Divino Espírito Santo, Felizardo-CE, 2019.....	92
Figura 45: Missa de encerramento da festa do Divino Espírito Santo, Felizardo-CE, 2019.....	92
Figura 46: Banner, os sete dons do Espírito Santo, Felizardo-CE, 2019.....	93
Figura 47: Crianças andando a cavalo e almoço da festa do Divino Espírito Santo, Felizardo-CE, 2019.....	96
Figura 48: Fotos da inauguração da praça do Divino Espírito Santo, Felizardo-CE, 2012.....	98
Figura 49: Abanador distribuído na festa do Divino Espírito Santo, Felizardo-CE, 2017.....	101
Figura 50: Abanador distribuído na festa do Divino Espírito Santo, Felizardo-CE, 2017.....	101

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Locais de votação e zona eleitoral do município de Ipaumirim-CE. 2022	102
--	-----

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	18
2. ASPECTOS DA RELIGIOSIDADE POPULAR COMO OBJETO DA CULTURA.....	21
2.1. Religiosidade Popular como expressão da Cultura Popular.....	21
<i>2.1.1. A Nova História Cultural: Cultura, religiosidade e catolicismo popular.....</i>	<i>22</i>
2.2. Devoção ao Divino Espírito Santo: aspectos históricos	29
3. HISTÓRIA, CULTURA E MEMÓRIA: NOTAS SOBRE O ESPAÇO DA FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO.....	40
3.1. Felizardo-CE: enveredando na pesquisa.....	40
<i>3.1.1. A Capela de Nossa Senhora da Conceição em Felizardo</i>	<i>42</i>
3.2. Festejos religiosos em Felizardo-CE.....	48
4. REZAR E FESTEJAR EM FELIZARDO-CE: “O DIVINO ESTÁ CHEGANDO”	54
4.1. Tradição: De Goiás a Felizardo-CE.....	54
4.2. Memória, tradição e (re)invenção: modificações e conflitos na festa do Divino Espírito Santo em Felizardo-CE.....	59
<i>4.2.1. Início da festa do Divino Espírito Santo em Felizardo-CE e suas modificações.....</i>	<i>61</i>
4.3. Entre memórias: Significados, sentidos, usos e conflitos da festa do Divino Espírito Santo em Felizardo-CE.....	86
<i>4.3.1. O Divino opera milagres, e constrói sentidos e significados.....</i>	<i>88</i>
<i>4.3.2. Não só de devotos se faz a festa: Outros usos do festejo do Divino Espírito Santo no distrito Felizardo-Ce.....</i>	<i>94</i>

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
REFERÊNCIAS.....	105
ANEXOS	111

1. INTRODUÇÃO

Vestidas de vermelho e branco e bandeira na mão, formação feita! Se inicia a procissão, que é guiada pela imagem do santo, levado em um andor, e no carro de som, se escuta: “salve o Divino Espírito Santo!”, refrão da música que se tornou marca da Festa do Divino Espírito Santo do Distrito Felizardo-CE e de tantas outras. Não recorro a primeira vez (data exata) que ouvi essa canção, mas recorro a sensação de dúvida, sobre o que poderia mover todas essas pessoas, inclusive quem vos escreve, em um só ato, em uma só direção, à Festa do Divino.

Tal inquietação já fazia parte do meu ser, na minha vivência, como espectadora da festa que, no entanto, só foi convidada à cena com mais intensidade, durante as atividades realizadas no curso de História, e as disciplinas de Projeto de Pesquisa, pois ao longo do curso desenvolvemos determinadas preferências, sejam elas teóricas ou metodológicas, direcionando para um lugar, e uma identidade enquanto pesquisador.

Em meio a tantas dúvidas sobre possíveis temas, e tantas possibilidades de pesquisa, a temática, voltada para a cultura popular, e o campo da religiosidade veio à tona, também devido à ausência de trabalhos envolvendo o objeto de estudo, a *festa do Divino Espírito Santo*, no Distrito Felizardo-CE, no período que vai de 1994 quando se inicia as comemorações à 2023, último ano acompanhado até o momento, onde a festa completou seus 29 anos.

Nesse contexto, a partir da observação da festa do Divino a curiosidade em saber mais sobre ela foi despertada, e assim a pesquisa surgiu a partir do interesse pela história local, pela cultura popular e religiosa e pela ausência de estudos sobre a festa no localidade, o que também aponta a relevância desse trabalho para a comunidade acadêmica e a contribuição para o fomento à história local, incentivando a elaboração de novas pesquisas que contemple a cultura e religiosidade popular buscando contribuir para suscitar novos debates tendo em vista o crescente número de produções historiográficas no campo da cultura, a discussão proposta nessa pesquisa mostra sua importância como possibilidade de subsidio para novas pesquisas, com outros olhares, e outras questões a serem levantadas, para a produção científica, e também relevância social à medida registra as memórias e as vivências daqueles que participam da festa e dão significado a ela. As festas, em particular as festas religiosas populares, têm a sua importância à medida que conectam as pessoas as suas raízes culturais, como forma de preservar a história da Devoção ao Divino Espírito Santo em Felizardo-CE.

A festa do Divino Espírito Santo é bem difundida na cultura popular do Brasil, uma manifestação cultural e religiosa que atrai muitos devotos, e que cada localidade parte de uma singularidade, abrigando diversos elementos e conseqüentemente histórias, práticas e representações próprias. A História Cultural fornece grandes recursos temáticos a serem explorados pela História, e neste trabalho tendo como objeto de estudo *A festa do Divino Espírito Santo* inserido na cultura popular, advinda das heranças deixadas pela colonização portuguesa, o festejo se funde a cultura brasileira, na junção de elementos, com características específicas e também locais, onde há como símbolo central da festividade a imagem da Terceira Pessoa¹ da Santíssima Trindade Cristã, o Espírito Santo. Ocorrendo em diversas regiões do país, em algumas destas, a festa é considerada patrimônio cultural do Brasil pelo Iphan².

A religiosidade, outro elemento particular, determina o envolvimento de multidões levadas pela sua fé às procissões, novenas e missas, um ato de forte expressão da cultura popular e religiosa brasileira.

A proposta metodológica deste trabalho tem como base o diálogo com a História Oral para a construção de conhecimento sobre a festa do Divino Espírito Santo, que tem como fonte os relatos de memórias de homens e mulheres adultos que participaram direta e indiretamente da festa, ou a observaram e que tem muito a dizer e contribuir como fontes e também como produtores de conhecimento, que além das suas memórias relatadas também forneceram outros tipos de fontes como poema, fotos e vídeos.

Além das entrevistas gravadas e transcritas, que foram submetidas ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) com CAAE de nº 68860823.4.0000.5575, e outras fontes já citadas, foi utilizada uma extensa bibliografia de modo a fomentar a discussão do tema e as questões levantadas, dialogando com outras áreas do conhecimento, também partindo de alguns questionamentos que norteiam a discussão, a partir de algumas inquietações, pois, quais

¹ As três pessoas da Santíssima Trindade são um só Deus em Três Pessoas distintas. O Pai, o Filho e o Espírito Santo, possuem a mesma natureza divina, a mesma grandeza, bondade e santidade. Apesar disso, através da história, a Igreja tem observado que certas atividades são mais apropriadas a uma pessoa que a outra. A Criação do mundo é mais apropriada ao Pai, a redenção ao Filho e a Santificação, ao Espírito Santo. A santíssima trindade. Catolicismo Romano. Disponível em: <https://www.catolicismoromano.com.br/a-santissima-trindade-explicacao/> Acesso em 06 de nov. de 2022.

² “O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) é uma autarquia federal vinculada ao Ministério do Turismo que responde pela preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro. Cabe ao Iphan proteger e promover os bens culturais do País, assegurando sua permanência e usufruto para as gerações presentes e futuras”. Apresentação. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). 23 de nov. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/iphan/pt-br/acesso-a-informacao/institucional/apresentacao> Acesso em: 09 de fev. de 2022.

motivos poderiam ter impulsionado a suposta moradora a trazer para a localidade o festejo? Com qual intuito a mesma foi inserida na comunidade? Quais os significados em torno dessa celebração? Quais são os sentidos atribuídos pelas pessoas a essa festa, e ao Espírito Santo? Quais mudanças foram sendo empreendidas na festa? Essas mudanças aconteceram espontaneamente ou encontraram resistência? Como ganhou tal proporção à medida que envolve toda a população e não somente a local? Chamando a atenção de pessoas de outras regiões.

Partindo dessa discussão, com esse trabalho busca-se compreender a historicidade da prática devocional ao Divino Espírito Santo no distrito Felizardo-CE, no período de 1994 a 2023, com fins de entender como essa prática se construiu e se constrói, a partir das experiências daqueles que dela participam e atribuem a mesma um sentido, um significado.

Ademais, o trabalho foi estruturado em três partes, a primeira, intitulada “**Aspectos da Religiosidade Popular como objeto da Cultura**” procurou-se discutir a festa do Divino Espírito Santo na História e na produção historiográfica, com fins de compreender os diálogos produzidos sobre essa temática e como se apresenta na produção dessa cultura de forte expressão da religiosidade popular no distrito Felizardo-CE.

Na segunda parte, intitulada “**História, cultura e memória: Notas sobre o espaço da festa do Divino Espírito Santo**”, buscou-se analisar a formação do espaço da pesquisa, atrelada à cultura religiosa, para compreender os aspectos que propiciaram a criação da festa do Divino Espírito Santo no distrito Felizardo-CE e a partir dessa conjuntura, compreender como no distrito se possibilitou a criação da festa.

E na terceira, intitulada “**Rezar e festejar em Felizardo-CE: ‘O Divino está chegando’**”, trazemos a problematização das transformações que a festa do Divino Espírito Santo no distrito Felizardo-CE sofreu ao longo de sua existência, como também os significados em torno dessa devoção e os usos para aqueles que dela participam.

Ao final deste trabalho compreendeu-se, dentro das limitações temporais e materiais das fontes disponibilizadas, toda a complexidade do festejo, conhecendo acerca de toda a gama de relações políticas, sociais, culturais e econômicas nas quais a festa está inserida, bem como, as influências do mesmo em cada um desses âmbitos, e que apesar dessas relações complexas, a festa persiste e se reinventa de acordo com as demandas do seu tempo.

2. ASPECTOS DA RELIGIOSIDADE POPULAR COMO OBJETO DA CULTURA

Este capítulo se dedicou em discutir a festa do Divino Espírito Santo na História e na produção historiográfica, com fins de compreender os diálogos produzidos sobre essa temática e como se apresenta na produção dessa cultura de forte expressão da religiosidade popular no distrito Felizardo-CE.

2.1 Religiosidade Popular como expressão da Cultura Popular

Preliminarmente deve-se pensar, para em seguida adentrar na discussão sobre religiosidade popular, a formação do Brasil atrelada a tradição cristã. Os colonizadores portugueses trouxeram consigo a religião católica, que se tornou a religião oficial do Brasil até o século XIX. A Igreja desempenhou um papel fundamental na catequese dos povos indígenas e na escravização dos africanos, muitas vezes usando a religião como justificativa para a dominação. Impactando profundamente nas estruturas da sociedade, na formação da identidade nacional, seus valores, costumes e tradições. Até mesmo com o tempo e a diversidade de religiões existentes, que foram surgindo ao longo dos séculos, a influência da tradição cristã na atualidade ainda se evidencia na sociedade brasileira (Betto, 2006).

Destacamos aqui o movimento da Contrarreforma e as missões jesuíticas que são temas cruciais para entender a história da colonização do Brasil. No período da Contrarreforma, a Igreja Católica estabeleceu uma série de reformas para incentivar e reafirmar sua autoridade em território brasileiro, em resposta as adversidades apresentadas pela Reforma Protestante que se fazia presente. Desse modo, as missões jesuíticas assumiram um papel importante para enfrentar essa nova realidade. Os membros da Companhia de Jesus, foram enviados para a colônia portuguesa para converter os povos indígenas ao Cristianismo e assim ampliar sua dominação e estabelecer a influência católica na região (Leite, 1938).

No Nordeste, a Companhia de Jesus desempenhou um papel de grande destaque na disseminação da fé católica e na evangelização dos povos dessa região, trabalhando para converte-los ao Cristianismo, ensinando os fundamentos religião católica realizando o batismo, assim como ensinavam os princípios da fé católica, também passavam os seus valores morais e éticos, auxiliando na formação religiosa da população, contribuindo para reforçar e preservar a tradição católica por meio das missa, festividades, celebrações religiosas, mantendo entre os

habitantes acesa a fé, também por meio do estabelecimento de santuários e locais de peregrinação se constituindo como importantes centros para a peregrinação, assim como adequaram a liturgia católica adicionando características da cultura indígena, danças, música e outros rituais, facilitando a aceitação e conversão dos índios ao catolicismo, além de darem amparo material, com assistência social e espiritual, atuando como conselheiros, dando orientação religiosa à comunidade. A atuação dos jesuítas teve uma significativa influência na formação da fé católica na região Nordeste em especial, e na construção das tradições religiosas ao longo tempo (Leite, 1940).

Por fim, a tradição cristã foi responsável por moldar toda a sociedade brasileira, influenciando em todos os seus âmbitos, sejam eles sociais, políticos, econômicos e culturais, em especial o Nordeste e a cultura religiosa popular. Os aspectos estruturais e conjunturais permitem compreender a singularidade dessa expressão religiosa que se materializa na cultura popular (arte, literatura, canções, teatro, nas vestimentas, dança, festas, educação, turismo, entre outros), estruturou e estrutura todo o modo de viver, pensar e agir dessas pessoas em sociedade.

2.1.1. A Nova História Cultural: Cultura, religiosidade e catolicismo popular

Compreende-se que com as contribuições da Escola dos *Annales*, no século XX, houve a quebra com as ideias tradicionais de pesquisa e escrita historiográfica, elaborando novas formas metodológicas, técnicas e de problematização das fontes, rompendo com a supremacia do documento escrito e com a ideia de que o mesmo fala por si próprio e de que o historiador deve ser imparcial, “ao mesmo tempo em que se ampliou o campo do historiador, amplia-se, necessariamente, a tipologia da sua fonte”. (Karnal, Tatsch, 2009).

E com a ampliação do campo de ação da História e também um alargamento na noção do que é fonte, abriu-se um leque de possibilidades para a produção historiográfica, “convém lembrar que a Nova História Cultural se tornou possível na moderna historiografia a partir de uma importante expansão de objetos historiográficos” (Barros, 2005, p.1) e com essa expansão a cultura popular se tornou alvo de estudo dos historiadores.

Como possibilidades destes novos objetos, torna-se críveis com essa nova modalidade historiográfica estudos dos mais variados. Tais como:

a “cultura popular”, a “cultura letrada”, as “representações”, as práticas discursivas partilhadas por diversos grupos sociais, os sistemas educativos, a mediação cultural através de intelectuais, ou a quaisquer outros campos temáticos atravessados pela polissêmica noção de “cultura”(Barros, 2005, p.1)

E sendo o objeto de estudo dessa pesquisa a festa do Divino Espírito Santo em Felizardo-CE de forte expressão da cultura popular, é elucidativo buscar uma discussão sobre esse conceito e sobre o catolicismo popular, para compreender os diálogos produzidos sobre a celebração do Divino. Tão controvertido quanto o conceito de Cultura é a construção do conceito de Cultura Popular na historiografia.

A idéia de "cultura popular" ou *Volkskultur* se originou no mesmo lugar e momento que a de "história cultural": na Alemanha do final do século XVIII. Canções e contos populares, danças, rituais, artes e ofícios foram descobertos pelos intelectuais de classe média nessa época. No entanto, a história da cultura popular foi deixada aos amantes de antiguidades, folcloristas e antropólogos. Só na década de 1960 um grupo de historiadores acadêmicos passou a estudá-la. (Burk, 2005, p.29).

A partir das contribuições desses novos estudos se passou a indagar acerca da polarização entre cultura dita popular e erudita “quem é ‘o povo’? Todos, ou apenas quem não é da ‘elite’?” Burke (2005). O autor ainda fala sobre a problemática enfrentada pelos historiadores da cultura popular entre incluir ou excluir as elites dessa categoria pois “o que torna a exclusão problemática é o fato de que as pessoas de status elevado, grande riqueza ou poder substancial não são necessariamente diferentes, no que diz respeito à cultura das pessoas comuns” (Burke, 2005, p. 41).

A prática da devoção ao Divino Espírito Santo no distrito Felizardo-CE arrasta multidões de diferentes espaços, partidos políticos, faixas etárias, gêneros, etnias e classes sociais, mas que tem um costume que lhes é comum, partilham da mesma cultura existente num mesmo espaço. Segundo E. P. Thompson (1998) citado em Oliveira (2015), costume é a prática, e a sua fonte é o que as pessoas fazem em seu cotidiano, entendido como bom e assim sendo feito com frequência, constituindo-se como lei, baseado nos costumes da população, formando o que se chama de direito “consuetudinário”.

Para Domingues (2011) na visão tradicional, cultura popular:

[...]consiste em todos os valores materiais e simbólicos (música, dança, festas, literatura, arte, moda, culinária, religião, lendas, superstições etc) produzidos pelos extratos inferiores, pelas camadas iletradas e mais baixas da sociedade, ao passo que cultura erudita (ou de elite) é aquela produzida pelos extratos superiores ou pelas camadas letradas, cultas e dotadas de saber ilustrado. No entanto, esta divisão rigorosa não se confirma empiricamente, pelo menos é o que as pesquisas no terreno da história cultural, antropologia, sociologia e teoria literária vêm demonstrando ultimamente. (Domingues, 2011, p.404).

Ainda discorre Domingues (2011) em menção aos estudos de Burke (1989) e Certeau (*et. al.* 1989, p.63) que a polarização (popular e erudito) foi criada na segunda metade do século XVIII pelos intelectuais europeus por meio do conceito de folclore, o “saber do povo”, demarcando a fronteira entre as manifestações culturais das camadas sociais mais privilegiadas e aquelas de ampla difusão.

Já no século XIX, “o povo”, se tratando dos habitantes das zonas rurais (não os setores marginalizados das cidades), e sua produção cultural, exaltada como “natural” de origem “pura” vista como “resíduo do passado” serviu como base para o início de pesquisas folclóricas que se dedicaram em descobrir uma cultura “primitiva”, assim, nessas pesquisas entendia-se que as manifestações folclóricas, herança do mundo rural, e o seu crescente contato com os centros urbanos as condenaria ao desaparecimento. “Entretanto, ao longo do século XX, após uma série de estudos que se debruçou sobre as manifestações populares “sobreviventes”, essa concepção foi se tornando cada vez mais insustentável. Batizou-se, então, a categoria ‘cultura popular’ no lugar do restritivo ‘folclore’. (Burke, 1989. Certeau, *et.al.* 1989 apud. Domingues, 2011, p. 402).

Sobre os estudos das manifestações “sobreviventes”, Santos (2008) que trata da festa do Divino de São Luiz do Paraitinga (São Paulo) em sua dissertação: “*A Festa do Divino de São Luiz de Paraitinga: O desafio da cultura popular na contemporaneidade*” aborda, como o próprio título sugere, quais são os desafios da cultura popular frente à contemporaneidade, que a festa sobrevive em meio às transformações, e apesar de estar inserida numa zona de influência metropolitana, continua persistindo, mas ressalta que “todas as manifestações culturais no mundo ‘moderno e globalizado’ não podem mesmo ser simplesmente encaradas como ‘sobrevivências’, contrapostas, agora, a uma nova realidade” (Santos, 2008, p.07) e expõe, fazendo referência a Canclini (2003), que é fundamental compreender o “processo cultural” a partir das transformações sofridas e de acordo com seu tempo.

De acordo com Chauí (1995), a religiosidade é a expressão do sagrado que se demonstra a partir de manifestações simbólicas e sobrenaturais que se apresentam por meio da fé do ser humano, que atuam como forma de superação das dificuldades da vida cotidiana. Essas representações religiosas tem uma simbologia em torno, é desse modo, a representação da divindade, o mesmo Deus que oferece força necessária para enfrentar as adversidades da vida terrena, e constrói um elo de pertencimento à proporção que é vivenciado por grupos que nutrem as mesmas representações do sagrado. Diante dessas concepções, o sagrado tem a função de dar base de sustentação ao ser humano como

forma de enfrentar as problemáticas da vida cotidiana, principalmente por meio da manifestação da fé religiosa, seja ela expressa individualmente ou coletivamente.

“A festa do Divino de São Luiz do Paraitinga, mais do que resistência, interage e se transforma junto com as modificações de toda a sociedade, inclusive, fora do território luizense” (SANTOS, 2008, p.07). Para o autor ao invés de procurar um discurso que exponha um contraponto, é imprescindível salientar a necessidade de ampliação dos discursos históricos em seu campo de ação, em favor às diversas e coexistentes realidades.

Realidades que podem ser entendidas a partir da experiência, como é evidenciado por Oliveira (2015) em menção ao trabalho do Inglês E. P. Thompson (1998) *Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*, onde aborda que o autor “percebe e apresenta a cultura para além das análises marxistas ortodoxas que a explicam como simples desdobramento das relações base/estrutura” (E.P. Thompson, 1998 apud. Oliveira, 2015, p.02).

Nesse contexto a cultura é apreendida como sendo algo dinâmico, construída e também em construção pela inter-relação de fatores tanto sociais como políticos e econômicos. Expressa como força de transformação histórica, delimitada temporal e espacialmente, seu entendimento só pode ser alcançado a partir da análise empírica. “Dessa forma eles nos expõem a problemática de tentar compreender o passado a luz de sua própria ‘experiência’ e ‘consciência social’, e não pelo juízo de valores”. (E.P. Thompson, 1998 apud. Oliveira, 2015, p.02).

Assim como o trabalho de E.P. Thompson, estudos como o de Bakhtin (1987) cujo seu objetivo principal era compreender a influência da cultura cômica popular na obra de François Rabelais, também contribuiu para os estudos da cultura popular. Para o autor, o riso, o jocoso, o burlesco “esses ritos e espetáculos organizados à maneira cômica apresentavam uma diferença notável, uma diferença de princípio, poderíamos dizer, em relação às formas do culto e às cerimônias oficiais sérias da Igreja ou do Estado feudal” (Bakhtin, 1987). Produzindo uma “dualidade do mundo” em oposição a cultura oficial, expressa pelo Estado e a Igreja, construído, ao lado do mundo oficial, um “segundo mundo” e uma “segunda vida”, a cultura cômica popular exprimiu a visão de mundo das camadas mais baixas da sociedade. “Mas, apesar disso, esta manteve um permanente, orgânico e dinâmico contato com a cultura oficial, influenciando e sendo influenciada por ela” (Bakhtin, 1987 apud. Domingues, 2011, p.404).

A relação entre a cultura erudita (ou da elite intelectual) e a cultura popular passa tanto pelas formas quanto pelos conteúdos dos sistemas de representações. Por isso o cruzamento entre ambos os domínios não pode ser

entendido como uma relação de exterioridade envolvendo dois conjuntos estabelecidos aprioristicamente e sobrepostos (um letrado, o outro iletrado). Pelo contrário, esse cruzamento – ou zonas de fronteiras – entre o chamado “erudito” e o “popular” produz encontros e reencontros, espécie de fusões culturais. (Domingues, 2011, p.404).

A cultura popular e a cultura erudita se inter-relacionam, e estão em constante movimento, passando por transformações nos seus domínios, não devendo assim analisar cada qual de forma isolada, sem considerar suas interações, como afirma Ginzburg (1987), existiu entre elas uma relação circular, influenciada reciprocamente. “Tornar indissociável a divisão entre eles é anular os postulados metodológicos que procuram conferir um tratamento contrastado de um e de outro domínio” (Domingues, 2011, p.404).

Tais interações podem ser percebidas no catolicismo popular, à medida que a Igreja e sua postura crítica em relação ao mundo moderno, procurou se adaptar e se inserir na realidade contemporânea, “É interessante notar que a busca por uma conceituação das manifestações voltadas para o catolicismo popular dá-se ao mesmo tempo em que a religião católica passa a sofrer a feroz concorrência com outras religiões, como o espiritismo, o pentecostalismo e a umbanda” (Andrade, 2000, p.81). Andrade (2000) discorre que em meio a essas mudanças a Igreja buscou compreender como os setores mais populares reagiam, visto que eram os mais atingidos pelas novas religiões.

Foi após o Concílio Vaticano II que a igreja passa a mudar sua postura, e mudar suas abordagens. “O Concílio encerrou em 1965, com a seguinte palavra de ordem: *deve a Igreja, a todo momento perscrutar os sinais do tempo.*” (Andrade, 2000, p.101) é no mesmo contexto, inserida nessa dinâmica que surgem as ideias da Teologia da Libertação, que se fundamentada no evangelho, e surge do confronto entre a fé e a realidade de milhões de pessoas em situação de miséria. É uma teologia popular, originada das necessidades e realidade do povo, que clama por libertação de todas as formas de opressão. O Concílio Vaticano II e as Conferências do Episcopado Latino Americano ampliaram a compreensão da Igreja sobre a situação dos pobres. Essa teologia reconhece o pobre como sujeito de sua própria libertação e promove a solidariedade com eles. A fé, nesse contexto, deve ser transformadora e libertadora. (Noronha, 2012, p. 190-191)

Desse modo, urgia a necessidade de maior atividade da igreja na sociedade e para que a mesma cumprisse sua “missão”, ela deveria estar acurada aos acontecimentos e se integrar a eles, as exigências e aspirações dos homens em seu entorno e se atentar ao mundo onde

ocorriam mudanças rápidas, profundas e extensas. Mudanças essas que sem a participação ativa da Igreja enquanto instituição, poderia ser prejudicada. A Igreja deveria se fazer presente nesse momento, e o Concílio Vaticano II assim como as Conferências Episcopais de Medellín e Puebla buscaram alternativas para sua inclusão no mundo contemporâneo. (Andrade, 2000, p.101). A partir da dinâmica social a Igreja buscou adaptar velhos costume em situações que via ser necessário, mediante um novo contexto.

A década de 60 era vista como um novo período histórico, onde a igreja católica começava a repensar e reinterpretar a sua história para buscar elementos para justificar a importância da sua atuação nesse período e sua relevância naquela sociedade. “Era necessário construir um outro significado para os projetos eclesiais” (Andrade, 2000, p.102). E foi assim que:

De detentora do poder político e religioso, de guardiã dos valores dominantes, predominante até fins dos anos de 1950, a Igreja passa a construir um discurso no qual descaracteriza a atuação de muitos missionários evangelizadores e recupera, por intermédio de sua história, memórias de atuações defensoras dos pobres, dos oprimidos. A Igreja, agora, era a Igreja dos pobres. (Andrade, 2000, p.102).

A Igreja sendo conhecedora da dinâmica das manifestações do catolicismo popular, ela teria ferramentas para empregar mudanças que considerasse necessárias, uma vez que. “A instituição eclesial, ao fazer parte da história também poderia agir sobre ela, indicando as possibilidades de alteração da realidade ou mesmo a sua manutenção.” (Andrade, 2000, p. 114).

Em relação a conceituação da religiosidade popular o mesmo autor afirma que: “Muitos autores conceituaram a RP como expressão religiosa da cultura popular, sendo que alguns até a nomearam como um sistema cultural, vista como ‘*a experiência cristã das culturas populares*’” (Andrade, 2000, p. 103). De acordo com a análise do autor, para parte dos setores do clero tal manifestação é vista nas abordagens, por vezes interpretada como fruto da ignorância religiosa, em outras como uma alienação resultada pela imposição da cultura dominante.

Já Souza (2008) em seu artigo intitulado “O catolicismo popular e a Igreja: conflitos e interações” aborda a relação entre o catolicismo popular e a Igreja católica. O catolicismo popular é pensado enquanto manifestação religiosa atrelada às práticas e crenças do cristianismo, mas atuante de forma, em parte autônoma, em relação ao espaço da instituição e entendido como produto das camadas sociais subalternas frente às estruturas de poder que a Igreja como instituição pertence.

Considerada uma das maiores expressões de fé herdada dos portugueses, a festa do Divino Espírito Santo é repleta de significados e tradições, pois a festa é mantida pelo catolicismo popular. Antes, durante e depois da festa do Divino Espírito Santo em Natividade todo o processo de organização da mesma demonstra que as pessoas envolvidas, cada qual com sua habilidade, trabalham para conseguir realizar a festa da melhor maneira possível [...]. (Sousa, 2017, p.19).

As festividades do Divino, fazem parte do catolicismo popular e há como símbolo central a imagem da Terceira Pessoa da Santíssima Trindade Cristã. Como afirma Agostinho (1994, p. 27), a “Trindade é um só Deus verdadeiro e quão realmente se diz, se crê e se entende que com o Pai, o Filho e o Espírito Santo possuem uma só substância ou essência”, o Espírito Santo, é simbolizado por um pombo (figura 1).

São parte do catolicismo popular “representações e práticas relativas ao culto dos santos e à transação com a natureza e não os sacramentos e a catequese formal”. (Oliveira, 1985, p. 113 apud. Souza, 2008, p.128). Mas como ressalta, tal autonomia não é algo absoluto, por expressar as condições de existência das classes subalternas utilizando dos códigos religiosos oficiais. (Oliveira, 1985, p. 113 apud. Souza, 2008, p.128).

Figura 1: Imagem do Divino da Capela Nossa Senhora da Conceição, Felizardo-CE, 2019.



Fonte: Foto retirada do perfil do Instagram Imaculada Conceição Felizardo. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BzVsSLDB9Dr/> Acesso em: 04 de ago. de 2021.

Em suma, “A igreja ‘cristianizou’ uma celebração pagã que fazia parte de uma cultura popular e, sobretudo, folclórica. (...) a igreja não desfaz determinada crença ou ritual, antes de tudo, ela batiza determinada manifestação”. (Mata, 2000, p. 23-24, apud. Sousa, 2017, p.15). Mais adiante será observado esse aspecto de formalização da comemoração e como ela chega ao Brasil se expandindo em seu território.

2.2 Devoção ao Divino Espírito Santo: aspectos históricos

Para compreendermos a prática da festa do Divino no distrito Felizardo-CE, faz-se necessário preliminarmente entender o que é uma festa do Divino Espírito Santo. Muitas são as histórias e versões sobre o culto ao Espírito Santo, uma delas faz referência as festividades das colheitas com sua origem na Antiguidade, no entanto, nas configurações que adquiriu mais tarde, teve início na Idade Média com o abade Joaquim de Fiori³, contemporâneo de São Francisco de Assis, que pregava a ideia de que a última fase da história seria a do Espírito Santo⁴. “A Era do Espírito Santo seria marcada pela ausência da mediação da Igreja nas relações entre o Homem e o Divino, assim como pela caridade – donde se percebe a importância das esmolas e da ceia comunitária”. (IPHAN, 2010, p.23)

A institucionalização da festa parte da iniciativa dos monarcas D. Isabel e D. Diniz:

Segundo o folclore religioso lusitano, durante uma viagem, a Rainha Isabel e seu marido ficaram em Alenquer, onde ela tivera um sonho em que Deus muito se alegraria se fosse construída ali uma igreja dedicada ao Espírito Santo. Conforme tal narrativa, ao chegar ao local da construção com os trabalhadores, a Rainha já encontrou a planta desenhada no chão e os alicerces iniciais erguidos. Rapidamente, ela se ajoelhou e agradeceu o milagre (...) E teria sido nessa igreja que se estabeleceu o culto ao Espírito Santo, que recebeu feições populares com a representação do Império. (Monteiro, 2001. p.69, apud. IPHAN, 2010, p.19)

Fundindo-se a cultura brasileira, na junção de elementos, com características específicas e também locais, se espalhou progressivamente em Portugal e chega ao Brasil com a colonização portuguesa:

(...) a festa e as folias – grupos precatórios que, alegremente e cantando, pediam esmolas para o Divino – possuem uma origem nobre. Teriam começado em Portugal, no início do século XIV, muito antes da Reforma católica, por iniciativa da Rainha D. Isabel (1271-1336) casada com o Rei D. Diniz de Portugal (1261-1325), e rapidamente tornaram-se uma das mais intensas e populares, chegando ao Brasil juntamente com o início da colonização. (Camara Cascudo, 1954 apud. Abreu, 1996, p.16).

³ Joaquim de Fiore (c. 1132 — 1202), “teria sido o primeiro a formular uma filosofia da História, por volta do século XII, na qual a humanidade passaria por três etapas, evoluindo em maturidade espiritual, e em direção ao último estágio, que seria o da ‘liberdade por excelência’” Machado (2005, p32)

⁴ Festa do Divino Espírito Santo. Blog Khristianos, 23 de mai. De 2015. Disponível em:

<https://khristianos.blogspot.com/2015/05/festa-do-divino-espírito-santo.html> Acesso em: 11 de out. de 2022.

A festa de Pentecostes, do Espírito Santo, ou do Divino (como é conhecida no distrito Felizardo-CE) em Portugal, entrou para o calendário religioso e tinha a finalidade de difundir os ensinamentos da instituição por meio da distribuição de esmolas aos mais pobres em época de escassez. “A celebração do dia de Pentecostes caracteriza-se como uma festa cristã comunitária, um sinal de partilha e de compromisso na missão de reunir o mundo em torno da mensagem de Cristo” (Marques, 2000 apud. Sousa, 2017).

Cinquenta dias após a Páscoa, era (e ainda hoje) feita a celebração, no Domingo de Pentecostes, representando a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos, festejado com grandes banquetes e distribuição das esmolas arrecadadas. Transplantada da Metrópole para as colônias com as navegações, a festa se expandiu pelo mundo, chegando ao Brasil.

As escassas e pouco precisas referências que possuímos acerca das origens das Festas do Divino em terras brasileiras, ainda hoje vivas, remete principalmente para o período compreendido entre o primeiro e o terceiro quarto do século XIX embora, por exemplo, em Pirenópolis, no Estado de Goiás, a mesma parece ter sido introduzida em meados do século XVIII, à semelhança, aliás, de Guaratinguetá, no Estado de São Paulo (de que existem informações remontando a 1751) ou, ainda, de São Salvador da Baía, respeitando neste caso a 1765 e provenientes da Igreja de Santo Antonio Além do Carmo. (LOPES, 2004 apud. Sousa, 2017, p.17).

Sousa (2017) em seu artigo denominado “*A Festa do Divino Espírito Santo: influências do Modelo de Império de Alenquer (Portugal) na festa de natividade-Tocantins (Brasil)*” traz um estudo adentrando no processo histórico das comemorações e o modelo da festa do Espírito Santo em Portugal.

Em Natividade, cidade do Estado do Tocantins, Sousa (2017) analisa a festa do Divino Espírito Santo, e a influência no formato da festividade advindo dos colonizadores portugueses para compreender a comemoração na localidade, o seu modo de organização, e alguns traços que a mesma obteve do modelo português “Alenquer constitui, sim, como a grande festa modelo da qual, direta ou indiretamente, evoluíram todos os impérios encontrados no espaço português e brasileiro”. (Sousa, 2017, p.16). O modelo da festa em parte dos Açores iniciava, como já citado, na época de pentecostes, também no Brasil e em parte de Portugal continental e seguiam uma ritualística:

[...] Começava no Domingo de Páscoa até o Domingo de Pentecostes ou chamado também de Domingo do Espírito Santo. Todos os rituais decorriam segundo a forma de um cortejo, o qual percorria certas ruas da cidade, previamente enfeitadas com uma série de arcos triunfais, sempre profusamente decorados com motivos alusivos ao tema da festa, apresentando

um Imperador, dois reis (que representavam a Santíssima Trindade), com o momento da coroação com três coroas de prata, além da participação de homens bons, nobres, burgueses das cidades e vilas do reino durante os desfiles cerimoniais entre igrejas matrizes, conventos e templos consagrados ao Espírito Santo. Havia ainda o bodo, incluindo pão e carne, assinalados como esmola distribuída aos pobres e necessitados, caracterizando uma forma de homenagem e louvar a divindade, além da realização de bailes reais. (Sousa, 2017, p.16).

Sobre a expansão para solo brasileiro, já segundo Silva (2005), citado pelo IPPLAP⁵ (2012) o Instituto de Pesquisas e Planejamento de Piracicaba, o crescimento da festa do Divino no Brasil teria passado por três etapas, sendo a primeira no século XVI, com os primeiros estabelecimentos da costa e então para o interior; a segunda etapa decorreu da imigração de casais portugueses açorianos para o Maranhão em 1619 e Santa Catarina nos anos de 1748 e 1756; a terceira etapa, teria acontecido com a imigração de grupos ou individualmente, de origem açoriana, principalmente em Niterói e Rio de Janeiro, até o século XX:

Várias irmandades da cidade do Rio de Janeiro, no século XIX, prestavam homenagem ao Divino Espírito Santo na festa de Pentecostes do calendário católico, 50 dias após a Páscoa, quando se comemorava, liturgicamente, sua decisão sobre os apóstolos, fonte de sabedoria e amor, e o próprio nascimento da igreja católica. (Abreu, 1996, p.14).

No século XIX a repercussão da festa era tamanha que na cidade do Rio de Janeiro, foi sugerida como símbolo nacional por intelectuais. “Não por acaso, até hoje, a devoção ao Divino Espírito Santo constitui-se em um dos fortes núcleos das devoções populares em todo Brasil” (Machado, 2009, p. 38).

Também vale destacar que, a inserção da festa do Divino no Brasil, aconteceu em um contexto conflituoso entre diferentes grupos étnicos, “o colono de origem portuguesa, o escravo negro, o remanescente indígena e o elemento estrangeiro” (IPPLAP, 2012). Por parte das instituições do Santo Ofício no século XVI existia uma pressão em torno dos rituais católicos, de serem a maneira portuguesa, suprimindo qualquer manifestação vinda dessas misturas entre essas culturas.

Os termos veiculados como 'profano' ou como 'grupos de folclore atestam a consolidação da estrutura criada no século XVI como justificativa de sobrevivência perante o Santo Ofício. Assim, a festa do Divino permanece mantendo algumas manifestações de cunho religioso de origem africana como

⁵ Instituto de Pesquisas e Planejamento de Piracicaba, que produziu o livro intitulado: A festa do Divino Espírito Santo de Piracicaba.

a Congada ou indígena como o Cururu, à margem da religiosidade. (IPPLAP, 2012, p.30).

Posto isto, a influência sofrida nas misturas entre esses diferentes povos, culturalmente, consolidou a festa, tornando-a tão diversa no território brasileiro, mantendo algumas partes das suas estruturas simbólicas, e também agregando novos elementos a partir do contato com as diferentes regiões e suas culturas, se agregando nesse novo espaço, o que Burke (2003) chamou de adaptação cultural, em que ocorre um movimento de descontextualização e recontextualização, de um item (a festa) do seu local de origem, passando por um processo de adequação, modificando-o para se adaptar ao novo ambiente (solo brasileiro), e apesar dos constantes esforços dos portugueses de tentarem reproduzir o modelo de festa tal qual se via em Portugal, as modificações aconteceram.

Como já supracitado, no Brasil “o ápice do culto do Espírito Santo encontra-se no período colonial e atualmente é celebrado em diversas regiões do país com uma extensa variedade de versões que incluem a cultura regional” IPPLAP (2012). Celebrada de Norte a Sul no país, dentre as localidades que tem sua festa, pode-se citar algumas delas, tais como: Paraty (RJ); Piracicaba (SP); Jacareí (SP); Mogi das Cruzes (SP); Laranjal Paulista (SP); Taubaté (SP); São Luiz de Paraitinga (SP); Anhembi (SP); Itanhaém (SP); Itu (SP); Pirenópolis (GO); Ouro Preto (MG); São João Del-Rei (MG); Salvador (BA); Alcântara (MA); São Luis (MA); Manaus (AM); Florianópolis (SC); Penha (SC); Itajaí (SC); Barra Velha (SC); Santo Amaro da Imperatriz (SC) e Natividade (TO).

Das mencionadas acima, a Festa do Divino Espírito Santo é considerada patrimônio cultural imaterial⁶ pelo Iphan, por exemplo, em Paraty e em Pirenópolis. Passada de geração em geração a festividade é constantemente reelaborada pelos diferentes grupos e comunidades na qual faz parte.

Em Paraty (RJ) “O catolicismo popular (...), que vigorou também em outras cidades brasileiras, até o final do século XIX, estruturou-se em torno do culto da memória dos santos,

⁶ “Os bens culturais de natureza imaterial dizem respeito àquelas práticas e domínios da vida social que se manifestam em saberes, ofícios e modos de fazer; celebrações; formas de expressão cênicas, plásticas, musicais ou lúdicas; e nos lugares (como mercados, feiras e santuários que abrigam práticas culturais coletivas). A Constituição Federal de 1988, em seus [artigos 215](#) e [216](#), ampliou a noção de patrimônio cultural ao reconhecer a existência de bens culturais de natureza material e imaterial”. Patrimônio Imaterial. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>. Acesso em: 11 de out. de 2022.

representados por relíquia ou imagem, correntes no cristianismo ibérico, e trazidos para cá”. (IPHAN, 2010, p.14). A eles se dedicavam homenagens e também faziam pedidos.

A festa pode ser vista como uma doação feita pelos homens, que desenvolvem com os santos uma relação de troca (...) em que se cria uma obrigatoriedade de retribuição. Por meio das promessas, espera-se a retribuição por parte da divindade sob a forma de saúde, prosperidade, harmonia e resposta a pedidos específicos. (Mauss, 1974 apud IPHAN, 2010, p.09).

Também se mostram como momento de lazer muito importante para a comunidade que aliado a parte religiosa da festa como procissões e as rezas feitas, e os divertimentos na parte cultural, complementam a festa, que envolvem diferentes segmento sociais propiciando muitas das trocas culturais. (IPHAN, 2010, p.09-10). “Essas manifestações envolvem formas de relacionamento com a divindade, que fogem ao controle eclesiástico, apesar da utilização dos 10 templos e da participação de representantes da Igreja”. (IPHAN, 2010, p.09-10).

Segundo o Dossiê de Registro elaborado pelo Iphan, sobre a Festa do Divino Espírito Santo da cidade de Paraty, a festa religiosa é uma das mais complexas existentes na cidade, não apenas pela comoção da população, mas pela imensa preparação da organização, que se inicia um ano antes e também por “reunir um conjunto de celebrações, formas de expressão, lugares, ofícios, práticas e saberes. Sua realização mobiliza uma significativa solidariedade social, suscitando doações por parte dos fiéis, espontâneas ou motivadas por eventos que evocam grande sociabilidade.” (IPHAN, 2010, p.07). A exemplo da celebração de coroação do imperador, as danças, o almoço, a celebração de ação de graças e também da presença dos bonecos folclóricos (figuras 2 e 3) entre outras atividades:

Durante o almoço, acontecem as brincadeiras com as crianças, que podem se estender pela tarde toda. “Enquanto os adultos comem, as crianças brincam”. Na praça, ao lado direito da Matriz, onde fica a quadra de basquete, as crianças podem brincar de corrida de saco, ovo na colher, cabra cega, maçã na bacia, e outras brincadeiras infantis que vão se adaptando ao longo dos tempos. De repente, surgem os bonecos folclóricos da Festa, o boi-de-pano, o capinha, o cavalinho, a Miotá e o peneirinha, que aparecem para animar a criançada, sempre acompanhados de um tocador de caixa. (IPHAN, 2010, p.76).

Figura 2: O Boi de Pano e o Cavalinho, bonecos folclóricos tradicionais da festa do Dívino em Paraty (RJ), 2014.



Fonte: Foto extraída no Blog de Paraty, de autoria de Ricardo Gaspar. Disponível em: <https://paraty.com.br/blog/festa-do-divino-espírito-santo/> Acesso em: 16 de abr. de 2023.

Figura 3: A Miota e o Peneirinha, bonecos folclóricos tradicionais da festa do Divino em Paraty (RJ), 2014.



Fonte: Foto extraída no Blog de Paraty, de autoria de Ricardo Gaspar. Disponível em: <https://paraty.com.br/blog/festa-do-divino-espírito-santo/> Acesso em: 16 de abr. de 2023.

Na festa de Pirenópolis (GO) a comemoração também incorporou vários elementos populares. Podemos observar o ritual dos chamados Mascarados ou Curucucús (figura 4), forte símbolo cultural, além das famosas “cavalcadas” (figura 5), influência marcante das missões jesuíticas introduzidas no Brasil objetivando a catequese de escravizados e indígenas, e ainda conta com a encenação das lutas entre cristãos e mouros e a figura do Imperador responsável pela condução da celebração, em algumas regiões a sua escolha é feita mediante sorteio, em outras é feita pelo bispo.

Figura 4: Curucucús ou Mascarados da Festa do Divino em Pirenópolis (GO), 2017.



Fonte: Imagem retirada do site “Agita Pirenópolis”. Disponível em: <https://www.agitapirenopolis.com.br/conheca-os-mascarados-de-pirenopolis-20429> Acesso em: 18 de ago. 2022

Figura 5: Cavalhadas da festa do Divino em Pirenópolis (GO), 2017.



Fonte: Imagem retirada do site “Agita Pirenópolis”. Disponível em: <https://www.agitapirenopolis.com.br/cidade-de-pirenopolis/cavalhadas-de-pirenopolis> Acesso em: 18 de ago. 2022.

Sousa (2017) sobre a comemoração em Natividade ressalta ser possível que a festividade tenha chegado a cidade no século XVIII, no período das minerações, com a chegada de imigrantes portugueses a procura de ouro nessa região, mas é na década de 80 que as festividades do Divino ganham seu aspecto formal.

Na cidade histórica do Estado do Tocantins sua organização começa um ano antes (também como em outras localidades), quando é feito o sorteio dos chamados “festeiros” na missa de coroação do Imperador (figura 6) e também no Dia de Pentecostes. “Nesse dia, os despachantes já sinalizam se vão ou não ‘soltar’ alguma folia, ajudando o Imperador e o Capitão do Mastro na busca de donativos sejam eles em dinheiro ou produtos para realização da Festa”. (Sousa, 2017, p.18).

Figura 6: O imperador da festa do Divino em Natividade (TO), 2016.



Fonte: Foto de Flávio Cavallera. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4735/473557642010/html/>
Acesso em 16 de abr. de 2023.

Após o sorteio, é dado início as atividades da festa “(...) e um novo ciclo se inicia, novas famílias serão inseridas no contexto da Festa e a devoção permanece”. (Sousa, 2017, p.18), no decorrer do ano são realizadas reuniões para decidirem os “Alferes”, “foliões”, os locais e roteiros dos pousos, e também a composição de músicas para a festa, e demais aspectos da organização.

Como em Natividade (TO), Sousa (2017) também fala que se for estabelecido um comparativo entre a cidade de Pirenópolis (GO) e as ilhas do Açores claramente são encontradas suas semelhanças no ritual festivo, mas, no caso da cidade goiana, tem suas especificidades (assim como em outras cidades) onde prevalece as chamadas procissões, as “folias”, “cavalhadas” como exposto anteriormente, e as novenas, assim como as danças populares e folclóricas. “O que importa nesses casos apresentados é a especificidade principal da festa do Divino Espírito Santo, onde é a figura do “Imperador” que além de ter um papel de comandar a procissão é distribuidor de ‘bodos’ ou esmolos marcando essas práticas cerimoniais populares”. (Sousa, 2017, p.18).

Já na cidade de Piracicaba (SP) Machado (2009, apud. IPPLAP, 2012, p.29) expressa que a festa “era originalmente realizada em dezembro seguindo o ciclo agrícola, à época da colheita. Depois, passou para outubro, junho e a partir de 1964, entrou para o calendário da Igreja, sempre nas duas primeiras semanas do mês de julho, cinquenta dias após a Páscoa”. A festa do Divino da cidade de Piracicaba é uma das mais importantes manifestações do patrimônio imaterial. É celebrada na primeira quinzena de julho atualmente, e tem um tempo de duração de sete dias.

No decurso das atividades da solenidade do Divino Espírito Santo são promovidos numerosos eventos religiosos, além de festivos e também econômicos, como as “celebrações de derrubada e bênção de barcos, celebrações das bandeiras, bênção das casas, tríduo solene,

procissões, jantares, leilões, salva de morteiros, festanças folclóricas (congada, cana verde, dança dos tangarás, catereté) entre outras manifestações individuais e coletivas”. (IPPLAP, 2012, p.37). A festa acontece no rio Piracicaba, nele ocorre o chamado Encontro das Bandeiras (figura 7), e é uma das poucas festas fluviais que acontecem no Brasil.

Figura 7: Encontro das Bandeiras, às margens do rio Piracicaba, 2013.



Fonte: Foto de Fernanda Zanetti/G1. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2013/07/encontro-de-bandeiras-reune-fieis-do-divino-margens-do-rio-piracicaba.html> Acesso em: 16 de abr. de 2023.

É uma extensa variedade de práticas que podem ser percebidas de uma festa para outra. Machado (2009) citado pelo IPPLAP (2012, p.32) alude que no Rio Grande do Sul, a influência mais forte é da cultura portuguesa açoriana e também da cultura alemã, decorrido da colonização dessa região, já em São Luís do Maranhão a festa é fortemente determinada por rituais afro-maranhenses, como o Tambor de Mina e também por rituais católicos resquícios do tempo da escravidão.

Além da festa que acontece no distrito Felizardo-CE, foram encontrados registros sobre a celebração do Divino também em outra cidade do estado do Ceará, na cidade de Morada Nova⁷, onde o padroeiro local é o Divino Espírito Santo. Seu dia é comemorado no domingo de pentecostes. A festa se inicia com o levantamento da bandeira do Divino Espírito Santo em frente à igreja matriz e é marcada pelo novenário, e ainda acontecem outras atrações como a banda de música que movimenta a festa. Inclusive na entrada da cidade tem um monumento do Divino Espírito Santo (figura 8), que tem inspirado planos futuros para a comunidade do distrito de Felizardo-CE.

Figura 8: Monumento do Divino Espírito Santo, entrada de Morada Nova-CE, 2013.

⁷ FESTA do Divino Espírito Santo. Festas e Tradições. Conhecendo Morada Nova. Disponível em: <http://www.portaldodivino.com/Moradanova/moradanova.htm>. Acesso em: 25 de abr. de 2023.



Fonte: Tripadvisor. Disponível em: https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g2344270-i77152690-Morada_Nova_State_of_Ceara.html Acesso em: 09 de mai. de 2023.

Em entrevista Joaquim Rodrigues (08/05/2023), demonstra ter conhecimento dessa estrutura e projeta algo parecido para o futuro da festa no distrito:

[...] aquela imagem que tem lá na entrada da cidade a gente vai ver se, se consegue fazer aqui. Não sei se tu viu. Que é os sete dons do Espírito Santo e a imagem em cima, na entrada da cidade. A gente vai ver se coloca na guarita ali, bota aquela mesma estrutura com a imagem do Divino “né”, e botar uma “placazinha” Terra do Divino, Felizardo do Divino (Joaquim Rodrigues 08/05/2023)

Ao apresentar Morada Nova-CE e outras cidades que reverenciam ao Divino Espírito Santo, é possível perceber certas apropriações ou mesmo inspirações, mas é importante compreender também que cada festejo tem suas particularidades e se expressam de diferentes formas, se manifestando de acordo com o tempo e o local em que se insere.

[...] rural ou urbana, marítima, fluvial ou terrestre: litorânea (encontro dos barcos é realizado no mar), fluvial (encontro dos barcos é realizado no rio) e rural (não há encontro de barcos). No entanto existem elementos comuns que podem ser observados tais como: leilões, quermesses, distribuição de alimentos, celebrações, procissões e desfiles em que se fazem presentes a bandeira e a folia do Divino, torneios de cantadores e cururueiros. O costume de fazer doações materiais simbolizadas pela carne de gado e pelo sal é inspirado no pentecostes judaico. (PERECIN, 2006 apud IPPLAP, 2012).

Perecin (2006), deixa explícito que independentemente do modo como o festejo se realiza, haverá pontos individuais e comuns. No distrito Felizardo, por exemplo, a festa é tanto urbana como rural, pois no dia da procissão principal a população que reside nos sítios com cada representante portando uma imagem do Divino, montadas a cavalo, vem ao encontro da população do distrito para juntas iniciarem o trajeto da procissão e seguir com a programação

do dia, com a missa de encerramento da celebração e em sequência o almoço que é feito com alimentos doados pela população local, que em vez da distribuição dessas doações, realizada pelo Imperador escolhido (não existe a figura do Imperador na festa do distrito Felizardo) como é observado em outras festas, no distrito é arrecadado alimentos por meio dessas doações e é convertido nesse almoço servido no dia para a população, essa prática de servir esse almoço é vista, por exemplo, na festa do Divino em Paraty (RJ). Também acontece o chamado “novenário festivo” que acontece durante os 10 dias que antecede o dia principal da festa. Essas são apenas algumas das particularidades encontradas na festa do Divino em Felizardo-CE.

Por fim, neste capítulo foi discutido a festa do Divino Espírito Santo como objeto de estudo da História, a partir do alargamento em seu campo de ação, e também a partir das produções historiográficas sobre festas do Divino Espírito Santo em outras localidades foi possível entender suas especificidades como expressão da religiosidade popular que remete segundo Ginzburg (1991, p.37) citado por Souza (2008, p.128) “A experiência inacessível que, durante milênios, a humanidade expressou simbolicamente por meio de fábulas, ritos e êxtases, permanece como um dos centros ocultos de nossa cultura, de nosso modo de estar no mundo”. Mas abre um parêntese em relação a necessidade de situar essa religiosidade num espaço “sociopolítico” onde a mesma se insere, compreendendo-a dentro das numerosas segmentações e diversidades que a delineiam. Para atender a essa necessidade, no capítulo que segue, será analisado o distrito Felizardo-CE, onde a festa do Divino Espírito Santo é celebrada a quase três décadas.

3. HISTÓRIA, CULTURA E MEMÓRIA: NOTAS SOBRE O ESPAÇO DA FESTA DO DIVINO ESPÍRITO SANTO

Buscou-se nesse capítulo analisar a formação do espaço da pesquisa, atrelada à cultura religiosa, para compreender os aspectos que propiciaram a criação da festa do Divino Espírito Santo no distrito Felizardo e a partir dessa análise, compreender como o distrito se tornou terreno fértil para sua consolidação.

3.1. Felizardo-CE: enveredando na pesquisa

A 422 quilômetros da capital do Estado do Ceará, e a uma distância de 10 quilômetros da sede, atual município de Ipaumirim-CE, localiza-se Felizardo-CE (figura 9). A figura abaixo mostra uma das principais avenidas que dá acesso ao centro do distrito e é também onde a procissão do Divino espírito Santo faz seu trajeto.

Figura 9: Imagem aérea do Distrito Felizardo-CE, 2019



Fonte: Foto produzida por Fernando Cavalcante, Disponível em: https://www.instagram.com/p/Bw6zDX_nlNN/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 04 de ago. de 2021.

Assim, como *locus* da pesquisa o distrito Felizardo-CE, o estudo se voltará para a análise da devoção ao Divino Espírito Santo, no período de 1994-2023, a partir de entrevistas, como também da análise de imagens e vídeos fornecidos pelos entrevistados, aliado a bibliografia sobre o tema. O distrito Felizardo era denominado como “Olho D’Água do Melão”, e segundo literatura local, na obra “Em Família” de Chagas e Rolim (2004):

O topônimo Olho D'Água do Melão não tem uma explicação etimológica. Presume-se, por dedução, e/ou por informações de pessoas idôneas do Distrito, que em face de um dos primeiros moradores e proprietário de parte de suas terras, Senhor **Félix Antônio Duarte**, filho de Dersulina Duarte (não foram encontrados dados de seu pai), ter seus antecedentes residentes no sítio Melão, neste Distrito e lá existir uma pequena fonte natural de água, que aliás ainda existe, batizam-no com esse nome, fazendo alusão a tal particularidade. (Chagas e Rolim, p.15-16, 2004).

Nascendo como um sítio, das pesquisas feitas no livro “Em Família” se tem informações de que “quando Felix Antônio adquiriu referidos terrenos, existia no Sítio Olho D'Água, apenas uma pequena casa de taipa localizada nas proximidades da ponte que serve de sangradouro ao açude de Felizardo, pertencente a Antônio Sucupira Cândido” (Chagas e Rolim, 2004, p.16, cuja família descendia de escravizados.

Com mais terras sendo adquiridas tanto para moradia como para fins agrícola e pecuária, a população foi crescendo e com o aumento populacional tomou proporção de povoado. No século XIX, Olho D'Água do Melão, fazia parte da jurisdição de Lavras da Mangabeira que tem seu desmembramento no ano de 1875, dando origem aos municípios de Umari (1883), Baixio (1932) e Ipaumirim (1953).

Nesse ínterim, com sede no município de Baixio “Foi exatamente, na gestão do Sr. Luiz Bezerra, que surgiu a ideia da mudança do nome de Olho D'Água para Felizardo” (CHAGAS e ROLIM, p.64, 2004), que advinha da ideia de homenagear Vicente Felizardo Vieira e sua família pelos serviços prestados à comunidade, além da sua importante atuação na política local, que também lhe trouxe grande reconhecimento, contribuindo com o desenvolvimento do lugar, “Portanto, pelo Decreto Estadual de nº 448 de 20 de dezembro de 1938, a Vila Olho D'Água teve o topônimo alterado para **Felizardo**” (Chagas e Rolim, p.64, 2004) e em sequência passa a fazer parte do município de Ipaumirim.

O distrito Felizardo é uma subdivisão do município de Ipaumirim. Sua administração está concentrada na sede municipal, que possui significativos poderes sobre a economia e a política da região. Apesar dessa divisão, o distrito de Felizardo tem sua própria história, que está imersa em uma redefinição territorial de dependência e independência local em relação ao âmbito político, cultural e social. (Rodrigues, 2019, p.17).

Como aponta Rodrigues (2019) o distrito tem sua própria história, apesar da dependência administrativa ao município de Ipaumirim, tanto no âmbito político, cultural e

social, também tem sua autonomia principalmente no que diz respeito ao cultural e religioso, mas que se interligam e sofrem influências.

Para esse estudo nos interessa destacar um aspecto da sua subjetividade a partir do foco na vivência religiosa, como importante condutor da vida na localidade, assim, observaremos agora o desenvolvimento do distrito Felizardo e sua formação atrelada a fundação da capela de Nossa Senhora da Conceição, e sua importância no cotidiano da comunidade.

3.1.1. A Capela de Nossa Senhora da Conceição em Felizardo-CE

“Falar de qualquer aglomerado humano quer seja uma cidade, vila, arraial, povoação, lugar, julgado etc., é falar da centralidade religiosa” (Costa, 2008, p. 2). Seguindo com a fala de Costa (2008), desde o período colonial a Igreja Católica esteve na base do surgimento de muitos dos núcleos urbanos. Uma “ermida ou uma capela” constituíam os centros nas quais se formavam pequenos aglomerados humanos e com o aumento populacional a capela passava para outro nível e era transformada em paróquia ou freguesia.

Assim, a antiga capela se transformava em igreja matriz, e com isso tanto a suas estruturas quanto a população a sua volta se ampliava e conseqüentemente, a localidade era elevada à categoria de vila e nesse sentido as primeiras vilas se formaram nesse período.

Como aponta Saldanha e Santos:

[...] a religião pode ser um meio de entendimento das configurações espaciais de um lugar, demonstrando que as manifestações do sagrado são elementos presentes nos espaços urbanos e contribuem para a formação dos mesmos, pois, por mais que o sentimento religioso se aparte da vivência do homem, sua história está intimamente vinculada às experiências sagradas através da sua cultura (Saldanha, Santos, 2018, p.02).

E desde sua formação, o atual distrito Felizardo estabeleceu essa conexão, também “comum a outros distritos e cidades da região, com o início da ocupação das terras ligado a questões de religiosidade” (Ribeiro, 2019, p. 14).

Nesse contexto, percebe-se a importância desse centro religioso, a capela, para a formação do espaço, pois foi, a partir da fundação da capela de Nossa Senhora da Conceição, que o sítio começa a se desenvolver, “O distrito de Olho d’Água nasceu da antiga capelinha de

Senhora da Conceição. Em torno dela, as famílias começaram a construir suas casas, a estabelecer o seu pequeno comércio, a formar uma comunidade”. (Gonçalves, 1997, p.145).

O terreno onde corresponde a capela foi doado por D. Maria José de Lima, no início do ano de 1874, que afirmava ser “Senhora e possuidora do sítio Olho d’Água” (Gonçalves, 1997, p. 23) fazia doação de uma parte de terra para a capela. Assim, em seu entorno foram fixadas as primeiras residências:

Ao redor da capelinha, fixou residência Felix Antônio, um dos primeiros habitantes da localidade. Casando-se os filhos, ali mesmo se radicavam com suas famílias. Foi isso que aconteceu com Manoel Batista e Vicente Felizardo Vieira, genros de Félix Antônio. (Gonçalves, 1997, p.145).

Fazendo da “capelinha” o “núcleo de suas atenções”, os moradores se empenharam na construção, e manutenção da mesma, pois com o passar do tempo suas estruturas foram ruindo “a ponto de alguns habitantes, em regime de mutirão, reconstruí-la” (Chagas e Rolim, 2004) Tal relação não ruiu com o tempo, a Capela e sua importância simbólica para a comunidade é retratada em outros momentos na história do distrito:

O simbolismo em torno da Capela Nossa Senhora da Conceição é visível no distrito Felizardo. Desde a realização da reforma em 2015, em que foi construída a torre frontal da capela, esse aspecto tornou-se ainda mais presente, pois evidenciou a importância do templo. (Rodrigues, 2019, p.22).

Para Costa (2008) a importância das vilas nos núcleos urbanos era evidenciada na representação da igreja e suas estruturas, no que diz respeito a sua dimensão e a presença da torre frontal, revelando o crescimento e organização do local.

A construção da torre da capela (figuras 10 e 11) traz consigo uma relevância simbólica ao edifício, também observada nas imagens dos representantes religiosos locais em sua estrutura (Rodrigues, 2019), como Nossa Senhora da Conceição, que na figura 10 pode ser observada a ilustração da padroeira no vitral, e acima do vitral está uma figura móvel do Divino Espírito Santo, que não faz parte da estrutura, mas foi colocada justamente no período que compreende o festejo como forma de dar destaque ao santo junto a Nossa Senhora da Conceição.

Figura 10: Frente da capela Nossa Senhora da Conceição antes da instalação da torre, Felizardo-CE, 2011



Fonte: Foto retirada do blog Distrito Felizardo Disponível em: <https://distritofelizardo.blogspot.com/2011/11/blog-post.html> Acesso em: 13 de ago. de 2021

Figura 11: Frente da Capela Nossa Senhora da Conceição depois da instalação da torre, Felizardo-CE, 2019.



Fonte: Rodrigues, 2019, p.22.

A obra da torre era almejada pela comunidade a muito tempo, e com o passar dos anos suas estruturas foram sendo modificadas, ampliadas, partindo de campanhas feitas pelos próprios fiéis, no entanto, para a torre foram encontradas dificuldades maiores, financeiramente, para sua edificação, como é relatado a seguir:

Nós estamos vivendo um momento impar aqui no distrito Felizardo. Uma torre que a muito tempo foi sonhada, já pelos nossos antepassados, é uma história que se conta desde 1874, então culminamos hoje com a inauguração desta grande obra, uma obra que também foi sonhada por meu pai, ele tinha muita vontade de construí-la, infelizmente o destino não permitiu, e antes dele falecer, ele pediu a tio João que o fizesse, e tio João abraçou também, este grande presente que hoje ele está entregando a nossa comunidade.

E não é só se preocupando também, além do social, além da política também com a parte religiosa dessa comunidade.

Exatamente, a parte religiosa a parte social, tudo isso faz parte da nossa vida, nós estamos inseridos num processo, que se não caminharíamos dessa forma a gente nunca chega a lugar nenhum, e então vamos abraçando cada coisa a seu tempo e no seu momento.⁸

No trecho da entrevista, é possível perceber que, a instalação da torre se concretizou partindo da iniciativa, principalmente de João Rolim, empresário e conterrâneo, que fez doação para a mesma ser construída, e também com a arrecadação de fundos por parte dos moradores do distrito, demonstrando o envolvimento com as obras da igreja, quanto comunidade cristã. Também em entrevista, João Rolim afirma que era um compromisso seu, tal projeto:

Era um compromisso já, que eu tinha de mandar construir essa torre, até porque o Zézé Dias que era um patrono aqui do município, havia, prometido, e ele morreu mas nós ficamos na obrigação de fazer, e hoje foi entregue a comunidade e o pessoal ficou muito, muito contente, então faz parte. Eu estou lá no Maranhão, mas, nunca abandonei minha terra, porque aqui é onde eu nasci, onde tem meus familiares, e sempre estou encostando por aqui para ver essa gente tão boa. Duas vezes por mês eu venho aqui, uma vez ou uma vez em noventa dias, mas eu gosto dessa terra, porque aqui é onde eu tenho meus familiares, as minhas raízes.⁹

A inauguração da torre ainda contou com grande festa em praça pública, marcada pela presença do empresário que também foi responsável por financiar-la, como também de políticos, como o ex-prefeito, Dr. Geraldo (reeleito no ano seguinte), Luciene Rolim, (vereadora e familiar de João Rolim), autoridades da Igreja, e a população local, o que mostra a importância desse centro para a comunidade.

Assim, compreende-se que a inauguração da torre não se apresenta apenas como uma modificação na estética das suas estruturas, pois para aqueles que frequentam esse espaço seja para fins religiosos ou lúdicos, como as festas de rua que acontecem em frente (figura 12) a

⁸ Trecho de entrevista feita com Luciene Rolim, vereadora no ano de 2015, para o jornal Diário do Sertão. APÓS doações de fiéis e empresário, torre de igreja é inaugurada com grande festa. Diário do Sertão, Ipaumirim, 29 de jul. 2015 Disponível em: <https://www.diariodosertao.com.br/noticias/religiao/53513/apos-doacoes-de-fieis-e-empresario-torre-de-igreja-e-inaugurada-com-grande-festa-video.html> Acesso em: 04 de ago. 2021.

⁹ Trecho de entrevista feita com João Rolim, empresário, também para o Jornal Diário do Sertão. APÓS doações de fiéis e empresário, torre de igreja é inaugurada com grande festa. Diário do Sertão, Ipaumirim, 29 de jul. 2015 Disponível em: <https://www.diariodosertao.com.br/noticias/religiao/53513/apos-doacoes-de-fieis-e-empresario-torre-de-igreja-e-inaugurada-com-grande-festa-video.html> Acesso em: 04 de ago. 2021.

essa instituição, e as festas religiosas, torna esse um espaço de sociabilidade, onde as pessoas se encontram para se divertir e dialogar (Rodrigues, 2019).

Figura 12: Imagem aérea do centro do distrito Felizardo-CE, 2020



Fonte: Imagem retirada do perfil do Instagram. Disponível em:

https://www.instagram.com/p/B86rzXKnsj5/?utm_source=ig_web_copy_link Acesso em 04 de ago. de 2021

Significado comumente importante e expresso também na construção da praça localizada na lateral esquerda da capela, edificada em homenagem ao Divino Espírito Santo inaugurada no ano de 2012, obtendo uma imagem fixa (figuras 13) do pombo (alegoria do divino espírito santo), simbolizando a relevância religiosa e cultural que a devoção tem na comunidade.

Figuras 13: Imagem da inauguração da praça do Divino Espírito Santo, Felizardo-CE, 2012



Fonte: Imagem retiradas do blog Distrito Felizardo. Disponível em:

<https://distritofelizardo.blogspot.com/2012/06/praca-do-divino-e-inaugurada.html>

Acesso em: 04 de ago. de 2021.

Outro exemplo que demonstra a relevância simbólica para a comunidade é a criação da bandeira do distrito felizardo apresentando também a imagem do Divino como um de seus elementos, representando a religiosidade e a festa de pentecostes.

Figura 14: Bandeira do distrito Felizardo, 2022.



Fonte: Grupo Associação Casa olho d'água.

A Partindo do que já foi exposto, aqui é definido o espaço onde acontecem os eventos no distrito Felizardo e a natureza deles, pois desde sua edificação esse espaço e seu entorno é utilizado para variados fins, e que também são atrelados à religiosidade:

Os momentos de diversão são proporcionados por manifestações de caráter religioso, e estão concentrados no entorno da capela, que ocupa um lugar significativo no cotidiano das pessoas e têm uma influência sobre os costumes e até sobre as formas de festejar da comunidade. (Rodrigues, 2019, p. 21).

Posteriormente será tratado sobre essas manifestações, primando seus aspectos principais, para compreender quais são os existentes e também como operam esses festejos religiosos no distrito Felizardo e as influencias entre elas sofridas.

3.2 Festejos religiosos em Felizardo-CE

O fenômeno religioso é parte integrante de toda a história da humanidade, pois, a Fenomenologia da Religião vê na religiosidade um dos elementos da natureza humana. Por isso, a experiência religiosa implica em um sentimento de comunhão profunda com outras pessoas, com a natureza e com o sagrado (Cruz, 2021, p.183).

No catolicismo popular o seu centro está na devoção ao santo ou santa, em que se espera proteção para suplantar as dificuldades e para solução dos problemas da vida terrena, e também alcançar a salvação eterna (Cruz, 2021, 185), são práticas que não se opõem a Igreja oficial e as formas de crença propostas por ela, são “expressões religiosas populares sob o controle da Igreja hierárquica, e das expressões religiosas do povo em sua piedade autônoma” (Fragoso 1985, p. 217 apud. Sousa, 2011, p.25):

Os atos religiosos em que comumente se expressava a piedade autônoma do povo eram as romarias, as promessas, as novenas, os terços, os ofícios. É, porém, de notar que esses atos religiosos nunca eram colocados como ‘oposição’ à Igreja oficial. Pelo contrário, eram tidos como supletivos, e neles o povo procurava o mais possível imitar a seu modo os atos oficiais da Igreja. (Fragoso, 1985, p. 221 apud. Sousa, 2011, p. 27).

Assim, trata-se de uma dinâmica relação entre essas expressões “autônomas” do povo com os atos oficiais da Igreja hierárquica.

Era porém nos atos de ‘devoção’ que a alma religiosa do povo mais se manifestava: as santas missões, as festas religiosas, as procissões, as novenas, o mês de Maria, o culto ao Coração de Jesus. Em todos estes atos religiosos a alma popular se expressava em duas atitudes justapostas: expiação e festa. O catolicismo do nosso povo era profundamente marcado por um caráter penitencial. Este sentido de penitência era ainda mais acentuado por ocasião dos grandes ‘castigos’ de Deus: secas, epidemias, revoluções, calamidades públicas. (Fragoso, 1985, p. 219 apud. Sousa, p. 25).

São encontrados esses atos religiosos, onde tanto a “expiação” como a “festa” são elementos que podem ser observados, no distrito Felizardo, no distrito de Canaúna e no município de Ipaumirim a que pertencem, e podem ser citadas, por exemplo, na sede municipal, a romaria de São Sebastião em Ipaumirim, que já conta com seu 103º ano de celebração.

As festividades de Nossa Senhora da Conceição que acontecem nos dias 28 de novembro à 8 de dezembro com novenários, procissões, missas e shows com muita adoração em celebração a padroeira movimentam o município.

No entanto, sem dúvidas o 20 de janeiro com a festividade do co-padroeiro da cidade assume papel de destaque. A romaria atrai muitos devotos, tanto do Ceará como de regiões circunvizinhas, a exemplo da Paraíba e Rio Grande do Norte. São milhares de romeiros, todos os anos, que se deslocam de suas cidades para pagar promessas feitas a São Sebastião e renovar seus pedidos.

Também acontecem, outras atividades como shows com bandas contratados pela administração do município que contribuem para movimentar ainda mais o município, além de girar a economia pois durante o dia 20 centenas de barraqueiros montam seus pequenos comércios para venda de diversos produtos.

Como já foi mencionado, apesar da autonomia da sede administrativa em alguns aspectos, as influências por via das interações acontecem dentro desse espaço. Canaúna, outro distrito do município de Ipaumirim, também tem o seu santo padroeiro, “Nessa realidade temos os santos padroeiros como figuras de relevada importância dentro do universo das devoções das comunidades” (Saraiva, 2007). É celebrado anualmente o novenário do padroeiro São José, no período de 10 a 20 de março, fazendo as novenas, quermesse e o encerramento com missa e procissão pelas ruas principais do distrito.

[...] os santos padroeiros entram no calendário festivo das comunidades. Passam a ser comemorações coletivas de uma crença que perpassa apenas um indivíduo, chegando a congregar toda a comunidade em torno daquele santo. Alguns destes santos, representados por suas imagens fazem o papel de protetores ou patronos de alguns ofícios desenvolvidos pela comunidade. (Saraiva, 2007).

Dando ênfase ao distrito Felizardo, acontecem também práticas semelhantes, como as vistas na sede municipal e no distrito de Canaúna, que não serão o foco do trabalho, mas que são importantes serem citadas para entender a dinâmica dentro desse espaço, e que estão inseridas no calendário litúrgico.

O chamado Ano Litúrgico¹⁰, se divide em dois grandes ciclos, que são estes o ciclo do Natal, em que se celebra o mistério da Encarnação do Deus Filho, já o segundo é o ciclo da

¹⁰ É chamado de Ano Litúrgico o tempo que a Igreja celebra todos os feitos de salvação realizados por Jesus Cristo. O Ano Litúrgico é iniciado no primeiro Domingo do Advento, e se encerra no sábado da 34ª semana do Tempo Comum, ou seja: é no ciclo do Natal entre os dias 27 de novembro a 3 de dezembro que o ano Litúrgico começa, esse primeiro ciclo se “inicia no primeiro domingo do Advento e se encerra na Festa do Batismo do Senhor, tendo seu centro, isto é, sua culminância, na solenidade do Natal”. Já o encerramento do ano Litúrgico se dá no ciclo da Páscoa que “tem início na Quarta-Feira de Cinzas, início também da Quaresma, tendo o seu centro no Tríduo Pascal, encerrando-se no Domingo de Pentecostes. A solenidade de Pentecostes é o coroamento de todo o ciclo da Páscoa (...) Entremendo os dois ciclos do Ano Litúrgico, encontra-se um longo período, chamado `Tempo

Páscoa, em que se celebra a Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus Cristo e também sua subida ao céu e a vinda do Espírito Santo sobre a Igreja, na cerimônia de Pentecostes.

No distrito Felizardo já foi observado que se tem como santo protetor Nossa Senhora da Conceição, influência da matriz de Ipaumirim. No distrito é celebrado no mês de dezembro o tríduo à Imaculada Conceição, também com missas, cerimônia de hasteamento da bandeira, adoração ao Santíssimo Sacramento, procissões e a cerimônia de coroação da santa na missa de encerramento.

Também acontecem outras atividades que tem ritualística religiosa semelhante a celebração citada anteriormente, como: a quaresma que começa no dia de Cinzas, iniciando os preparativos para a páscoa; o mês mariano, onde acontece o novenário, as missas e procissões no distrito; no tríduo Pascal com a semana santa se inicia no domingo de ramos (no distrito os moradores enfeitam suas casas com ramos verdes em celebração a esse dia), também tem a celebração da Santa Ceia e o ritual do lava-pés, a Via Sacra e Ressurreição de Cristo; o tríduo da misericórdia é celebrado com missas com muita oração, pregação e adoração; o tríduo do coração de Jesus, também tem missas, procissões e a cerimônia de coroação do santo; e a celebração de natal com missa.

Concomitantemente à parte religiosa também acontecem outras atividades como: barracas com comidas e bebidas, apresentações de coreografias e apresentações teatrais, também são realizados bingos e rifas para sorteios nesses eventos.

Sobre as configurações das festas religiosas, comenta Jurkevics (2005) que:

Assim se configuram as festas brasileiras desde os primeiros séculos de colonização. O espaço de sociabilidade, para a maior parte da população, se realizava fora do âmbito domiciliar, uma vez que os grandes momentos de interação social eram as festas religiosas. As práticas católicas eram marcadas por efusivas manifestações de fé visíveis nas missas com corais, nas procissões – caminho do devoto à Casa do Pai – repletas de alegorias e nas festas com músicas, danças, comidas, bebidas e fogos de artifício. (Jurkevics, 2005, p.74)

Comum'. É o tempo verde da vida litúrgica. Após o Natal, exprime a floração das alegrias natalinas, aí aparecendo o início da vida pública de Jesus, com suas primeiras pregações. Após o ciclo da Páscoa, este tempo verde anuncia vivamente a floração das alegrias pascais. Os dois ciclos litúrgicos, com suas duas irradiações vivas do Tempo Comum, são como que as quatro estações do Ano Litúrgico". O ano Litúrgico. Arquidiocese de Goiania. Disponível em: <https://www.arquidiocesedegoiania.org.br/download.php?arquivo=uploads/o-ano-liturgico-0051027.pdf&nome=o-ano-liturgico-0051027.pdf> Acesso em 19 de abr. de 2023.

Jurkevics (2005) acrescenta ainda que as festas religiosas são um momento de celebrar a vida, e representam uma quebra com a monotonia cotidiana, podendo assim o homem provar de emoções e afetos brevemente, pois, por instantes, é como se o tempo fosse paralisado, e o tempo mítico é experienciado por meio da manifestação divina que propicia a união de todos que dela compartilham. “Nesse sentido, as festas revelam a essência fundante de respeito à fé e à fraternidade comunal, que alimentam as manifestações religiosas e perpetuam as tradições que constituem um verdadeiro patrimônio cultural”. (Jurkevics, 2005, p.74). As festa religiosas também são:

[...] manifestações da alegria cristã, que, por sua vez, nasce da certeza da salvação realizada, uma vez por todas, por Jesus Cristo, e da esperança da sua segunda vinda gloriosa, na Parusia. O povo se reúne para celebrar e, assim, manifesta alegria. A oportunidade de uma romaria ou de uma festa religiosa se converte em um momento prazeroso para o povo e de vivenciar o verdadeiro sentido comunitário próprio da natureza da Igreja, Povo de Deus. (Hackmann, 2006, p.882)

E os santos se constituem como mediadores da ação de Deus, para a salvação no povo e ao mesmo passo que se tornam, “além de mediadores, eles são estímulo e ânimo, ao mostrarem às pessoas simples que é possível ter fé e viver de acordo com o Evangelho.” (Hackmann, 2006, p.881)

Exposto isso, também faz parte do calendário da capela as festividades do Divino Espírito Santo, considerado, junto a Nossa Senhora da Conceição, como patrono da localidade, mas que assim como a festa de São Sebastião em Ipaumirim, o Divino tem papel de grande destaque no distrito Felizardo “A gente de todo lugar, quando tinha o Divino Espírito Santo do Felizardo e eu não entendo, mas sempre foi uma coisa, assim, grande entre aspas, o Divino Espírito Santo no Felizardo é como a Pedra de São Sebastião, sempre vem pessoas de tudo que é lugar”¹¹. Sua celebração ocorre, nesse contexto, no segundo ciclo do Ano Litúrgico, no período de pentecostes.

“As festas religiosas populares são momentos de compartilhamento de uma história passada e ao mesmo tempo presente”. (Sousa, 2017, p. 17). A festa do Divino passou a ser prática, também no distrito Felizardo, por volta de 1994, idealizada por uma moradora, que não mais reside no distrito.

Portanto, surgem inquietações, pois, quais motivos poderiam ter impulsionado a suposta moradora a trazer para a localidade o festejo? Com qual intuito a mesma foi inserida na

¹¹ Entrevista com Cristiano José de Sousa em 07/05/2023.

comunidade? Quais os significados em torno dessa celebração? Quais mudanças foram sendo empreendidas na festa? Como ganhou tal proporção à medida que envolve toda a população e não somente a local? Chamando a atenção de pessoas de outras regiões.

Para alcançar respostas a tais perguntas, será lançado mão das fontes orais, produzidas a partir do processo de entrevistas realizadas com homens e mulheres entre 24 e que participaram/participam da festa, e em seguida serão analisadas, junto a outras fontes, como imagens e vídeos, a fim de suscitar um debate.

Alberti (2004) alerta que entrevistar não é tarefa fácil, considerando que se lida com a memória de pessoas, memórias contadas, sujeitadas muitas das vezes ao esquecimento ou omissão de informações, entre outros percalços que influenciam dando limitações ao uso de fontes orais. Apesar dessas limitações, é imprescindível para esse trabalho o seu uso, não pela escassez de fontes sobre a festa Divino no distrito Felizardo, mas pela sua importância, e riqueza como fonte.

Portelli (1997) salienta que, cada entrevista de história oral tem seu valor e não se deve priorizar uma em detrimento de outra, mas sim considerar o conteúdo que cada uma apresenta de forma singular.

As entrevistas de história oral são tomadas como fontes para a compreensão do passado, ao lado de documentos escritos, imagens e outros tipos de registro. Caracterizam-se por serem produzidas a partir de um estímulo, pois o pesquisador procura o entrevistado e lhe faz perguntas, geralmente depois de consumado o fato ou a conjuntura que se quer investigar. Além disso, fazem parte de todo um conjunto de documentos de tipo biográfico, ao lado de memórias e autobiografias, que permitem compreender como indivíduos experimentaram e interpretam acontecimentos, situações e modos de vida de um grupo ou da sociedade em geral. Isso torna o estudo da história mais concreto e próximo, facilitando a apreensão do passado pelas gerações futuras e a compreensão das experiências vividas por outros.¹²

Assim, partimos do entendimento que com a história oral é possível compreender e analisar as experiências, utilizada no estudo de como a comunidade do distrito Felizardo-CE, elaborou e reelabora a prática da festa do Divino Espírito Santo, verificando que o nosso objeto também se dá na construção de uma memória e suas representações do passado, com explana Alberti (2004):

A metodologia da história oral é bastante adequada para o estudo da história de memórias, isto é, de representações do passado. Estudar essa história é

¹² CPDOC. História Oral. Programa de História Oral da Fundação Getúlio Vargas (FGV CPDOC). Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/acervo/historia-oral>. Acesso em: 16 fev. 2023.

estudar o trabalho de constituição e de formação das memórias, continuamente negociadas. A constituição da memória é importante porque está atrelada à construção da identidade. (Alberti, 2004, p. 27)

A constituição dessas memórias estão constantemente sendo reelaboradas “negociadas”, amalgamadas ao traço de constituição de uma identidade, movimento este percebido através da metodologia da história oral utilizando-se dela para elucidar as versões que chegam através do processo de entrevista. A partir da bibliografia e o cruzamento das fontes será feita a análise qualitativa, para elucidar as questões suscitadas no trabalho.

Nesse capítulo buscou-se analisar a formação do distrito Felizardo, atrelada à fundação da capela de Nossa senhora da Conceição, pois foi com o estabelecimento desse centro religioso que o local começa a se desenvolver, e a partir dessa análise ficou compreendido os aspectos que propiciaram a criação da festa do Divino Espírito Santo no distrito Felizardo, devido às suas raízes católicas desde a sua fundação, tornando-se um terreno fértil para a prática da festa do Divino Espírito Santo. Também foram tratados outros tipos de celebrações religiosas existentes, na sede municipal de Ipaumirim, Canaúna e Felizardo para compreender como operam, e as influencias entre elas sofridas.

Portanto, sobre a festa do Divino Espírito Santo Explicita Abreu (1996) que:

Independente de obstinação de permanência e continuidade de determinadas estruturas formais, a festa é sempre recriada e reapropriada, refletindo paixões, conflitos, crenças e esperanças de seu próprio tempo. Desta forma o desafio do historiador da festa passa a ser a compreensão dos seus significados e mudanças, em sua dinâmica relação com a experiência dos homens e mulheres que tornaram as festas, em qualquer época e local, autênticas, populares e concorridas. (Abreu, 1996, p.14).

Dito isso, o capítulo a seguir problematiza os significados e também as modificações na prática da festa a partir das experiências de homens e mulheres que participaram/participam da festa do Divino Espírito Santo em Felizardo-CE.

4. REZAR E FESTEJAR EM FELIZARDO-CE: “O DIVINO ESTÁ CHEGANDO”

O capítulo final da pesquisa se dedicou em problematizar as transformações que a festa do Divino Espírito Santo no distrito Felizardo-CE sofreu ao longo de sua existência que atualmente se encaminha para o seu 30º ano de celebração, como também os significados em torno dessa devoção. Nessa parte da pesquisa as entrevistas foram de suma importância, sendo a principal fonte de análise, aliada a fotos, vídeos e um poema, fornecidos pelos entrevistados. As entrevistas se deram da seguinte maneira: convite para participação com marcação previamente, gravação das entrevistas e em seguida a transcrição do material para análise posterior. É importante sublinhar que foram criados pseudônimos como forma de deixar em anonimato os participantes da pesquisa que além de não quererem se identificar é também uma forma de atender as diretrizes e normas previstas pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). Desse modo cabe aqui apresentar brevemente os personagens dessa história: Maria Rita Ferreira, 79 anos, ensino fundamental incompleto; Josefa Maria da Silva, 79 anos, fundamental incompleto; Josué Olivares Pereira, 58 anos, ensino superior completo; José Geraldo Silva Alves, 55 anos, ensino médio completo; Maria Elizabete de Souza, 50 anos, ensino superior incompleto; Rosana Francisca do Nascimento da Silva, 46 anos, ensino médio incompleto; Joaquim Rodrigues Neto, 41 anos, ensino superior completo; Amélia Cecília Braga, 26 anos, ensino superior completo; Cristiano José de Sousa, 24 anos, ensino médio completo e Francisco Antônio Soares, 24 anos, ensino superior completo. Foram escolhidos homens e mulheres, alguns devotos, que desempenham um papel ativo na organização do festejo, e outros que acompanham a celebração participando de toda a sua ritualística. Há também aqueles que, embora não sejam devotos, apreciam participar da festa, assim como curiosos que vêm de fora do distrito para experimentar sua atmosfera única. Além disso, há pessoas que preferem simplesmente observar e acompanhar os eventos que ocorrem no distrito durante a celebração.

4.1. Tradição: De Goiás a Felizardo-CE

Como explicitado em capítulo anterior, a festa do Divino Espírito Santo no distrito Felizardo partiu da iniciativa de uma antiga moradora, que experienciou a festa em outra região “Zuleide morava em Brasília, e conheceu essa festa lá e trouxe para aqui para o Felizardo a sugestão e criaram essa festa aqui no município”¹³. Quanto a motivação Maria Rita Ferreira (entrevistas em 04/05/2023) assinala:

Pois é. Foi em... noventa e quatro. Veio uma prima minha que mora em Brasília, ai ela veio para cá. Essa festa era lá do Goiás, não sabe? ela morando lá, e tinha essa festa, e eles faziam parte, ai ela veio pra cá, o pai dela tava doente, ai ela veio trabalhar para cuidar do pai. Quando chegou ai ela falou, dizendo “olha, nós devia... tem uma festa muito bonita no Goiás, do Divino Espírito Santo, a gente deveria fundar aqui essa festa, pra dizer [...] Assim, eu acho que... ela... o que motivou foi o que ela achou muito bonito lá e pensou em aqui, no lugar onde elas nasceu e se criou, ai ela pensou em trazer essa

¹³ Entrevista com Josefa Maria em 05/05/2023.

feira de lá, para também fazer aqui, para poder deixar uma grande festa religiosa, como está sendo hoje. É a maior festa do distrito é essa do Divino. (Maria Rita, 04/05/2023).

Apesar de não conseguir contato com a fundadora da festa do Divino, e compreender diretamente as suas motivações, através das falas acima é possível ter uma percepção acerca dessa iniciativa, pois, por motivo de doença de um familiar, a mesma teve que retornar a sua terra natal para cuidar de seu pai nesse período, e com seu retorno, e por não conseguir participar da festa que existe no interior de Goiás na qual ela era membro, e por achar a festa muito bonita como ressaltada na entrevista acima, com a ajuda de familiares decidiu fundar no distrito Felizardo. Outro ponto importante que fica explícito, apesar de não ser mencionado é a devoção, a necessidade espiritual de manter o seu culto ao Espírito Santo através da celebração pode ser considerada como uma motivação, e porque não dizer mesmo a principal delas.

A festa do Divino Espírito Santo em Felizardo-CE completou seus 29 anos de existência “as vezes coisa de poucos anos apenas – e se estabelecem com enorme rapidez” (Hobsbawn, et al, 1997, p.9), e foi influenciada pela festa do Divino Espírito Santo do estado de Goiás que é:

[...] movida pela parte espiritual, mas também tem muita cultura. Assim são... é a forma que é celebrada em Goiás. Tem essa mistura de religiosidade com a cultura.

É, a questão cultural... é... em Goiás... durante o período de... de... novenário né, eles fazem como eles chamam lá o pouso. O pouso chega a comunidade, a igreja, juntamente com os cavalheiros né, e fazem o pouso num lugar determinado... um determinado lugar, eles lá fazem muito naquelas fazendas né. Ai fazem aquela festa com churrasco, com oração, mas com muita alegria. Com muita alegria. (Entrevista com Maria Elizabete em 16/05/2023)

A passagem acima é complementada com a fala de Maria Rita (04/05/2023) quando fala que em Goiás eram feitas as novenas de casa em casa e diz que “[...] aqui também, seguia de casa em casa” o novenário. No distrito Felizardo a festa seguiu com a mesma junção de elementos culturais, e religiosos como mencionado também por José Geraldo (Entrevista em 04/05/2023) sobre a festa de Goiás:

feira de lá são, tipo festa assim... que o pessoal... não é aquela festa que só vai pra igreja, é aquela festa em família que ia de família em família aonde passava o Divino, em cada casa e lá as noitadas de festa era as novenas, com a procissão do Divino e o estandarte e naquela casa já tinha o jantar, em cada família tinha o jantar ai passava pra outra casa, no outro dia já prosseguia a novena e tinha o jantar e daquele jantar já ia novena em outras casas, era em família. (José Geraldo, 04/05/2023).

A festa de encerramento acontecia em Planaltina (GO), onde Zuleide residia antes de ter que voltar para o distrito Felizardo. Mas aconteciam as novenas na zona rural “lá eles faziam

as novenas né em cada uma chácara, o dono daquela chácara, ia o Divino para lá, eles convidavam aquelas pessoas para passar a noite tocando e o pessoal rezando fazendo aquele show religioso lá de noite na chácara [...]”. (Rita Maria, 04/05/2023) e quando era no dia da festa as pessoas vinham com o Divino para a cidade. Dessa forma a festa seguiu também no distrito Felizardo.

“(...) é uma festa que é muito marcante para o distrito, aliás é a maior festa religiosa do distrito de Felizardo, e que pra mim tem um cunho religioso muito forte, claro que tem a parte folclórica que também é comum nas festas católicas. (Entrevista com Joaquim Rodrigues, 08/05/2023)”. Tomando a festa em Goiás como modelo para a festa do distrito Felizardo ao passar do tempo foi crescendo à medida que todos os anos se celebrava, mais pessoas se juntavam para acompanhar a festividade. A título de exemplificação:

[...] temos duas festas classificadas como "tradicionais" que foram vivenciadas por moradores em outras regiões, e, posteriormente, incorporadas à cultura do distrito Felizardo como é o caso da "quadrilha" [...] foi influenciada pelo clima junino vivenciado na cidade de Campina Grande-PB; e a "Festa do Divino", que [...] também se trata de uma manifestação influenciada por uma festa de outra região do país: a comemoração religiosa do estado de Goiás. (Rodrigues, p.21, 2019).

A “tradição” é entendida como “[...] os usos e costumes, os símbolos, práticas, crenças, vestuário, culinária, música, poesia, dança, entre muitos outros elementos que fazem parte de uma dada cultura, um povo”, e que são passados de geração a geração, pela sua repetição (Luvizotto, 2010, p.32).

Aqui podemos traçar uma linha de entendimento entre alguns dos diversos elementos presentes na festa do distrito Felizardo como: as cores, as músicas sobre o santo, os cavaleiros, as procissões, o novenário festivo, os almoços, hasteamento da bandeira (Figura 15), que são comuns a outras festas já mencionadas, sejam em solo brasileiro ou em outros territórios, monta-se uma festa com base em elementos tirados de outras festas, esse conjunto de práticas e elementos na sua criação, é entendido como o que Hobsbawn (et al, 1997) chamou de “tradição inventada”:

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer

continuidade com um passado histórico apropriado. (Hobsbawm, et al, 1997, p.9)

Figura 15: Hasteamento da bandeira, festa do Divino Espírito Santo, Felizardo-CE, 2019.



Fonte: arquivo da capela nossa Senhora da Conceição.

A “tradição inventada” é em essência um processo de “formalização” e “ritualização” da prática, estabelecendo uma referência ao passado e uma continuidade, mesmo que artificialmente, pela imposição da repetição. Esse termo cunhado por Hobsbawm (et al, 1997), é utilizado de forma ampla e engloba tanto “as ‘tradições’ realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo” (Hobsbawm, et al, 1997, p.09), e apesar de serem difíceis de localizar quando surgiram, essas tradições que são, muitas das vezes consideradas ancestrais tem sua origem recente, elaboradas a partir das demandas do presente, não fazendo necessariamente referência a práticas culturais antiquíssimas.

Hobsbawm (et al. 1997, p.16) além da “tradição inventada” discute ainda sobre o que ele caracterizou por “tradição genuína”, onde existem raízes históricas muito mais profundas na cultura e sociedade e ao longo do tempo se desenvolvendo e evoluindo espontaneamente, estabelecendo uma conexão constante com o passado, e não sendo produzidas a partir de interesses específicos dentro de um contexto social, político e cultural como, por exemplo, os que o autor classificou em três categorias sobrepostas:

a) aquelas que estabelecem ou simbolizam a coesão social ou as condições de admissão de um grupo ou de comunidades reais ou artificiais: (b) aquelas que

estabelecem ou legitimam instituições, *status* ou relações de autoridade, e c) aquelas cujo propósito principal é a socialização, a inculcação de ideias, sistemas de valores e padrões de comportamento. (Hobsbawm, et al, 1997, p.17).

Tais categorias classificadas fazem parte das “tradições inventadas” que segundo Hobsbawm (et. al. 1997, p.12) a invenção destas ocorrem quando:

[...] uma transformação rápida da sociedade debilita ou destrói os padrões sociais para os quais as “velhas tradições” foram feitas, produzindo novos padrões com os quais essas tradições são incompatíveis; quando as velhas tradições, juntamente com seus promotores e divulgadores institucionais, dão mostras de haver perdido grande parte da capacidade de adaptação e da flexibilidade; ou quando são eliminadas de outras formas. Em suma, inventam-se tradições quando ocorrem transformações suficientemente amplas e rápidas tanto do lado da demanda quanto do lado da oferta. (Hobsbawm et al, 1997, p.12).

Portanto as tradições não devem ser encaradas como estáticas, e sim em movimento. Na leitura de Hobsbawm (1997, *apud.* Luvizotto, 2010), “toda tradição é uma invenção que surgiu em algum lugar do passado, podendo ser alterada em algum lugar do futuro”. (Hobsbawm, 1997 *apud.* Luvizotto, 2010, p.33), invenção por serem fruto da ação humana, mesmo aquelas que remetem a tempos imemoriais, podem passar por um processo de adaptação mediante novas situações e épocas em que está inserida, “as tradições são calcadas pelas constantes invenções e isso seria parte de sua natureza humana, inventiva e recriadora e, por esta razão, torna-se relevante na reflexão acerca de suas histórias”. (Silva, 2011, p.222).

[...] é preciso que se evite pensar que formas mais antigas de estrutura de comunidade e autoridade e, conseqüentemente, as tradições a elas associadas, eram rígidas e se tornaram rapidamente obsoletas, e também que as “novas” tradições surgiram simplesmente por causa da incapacidade de utilizar ou adaptar as tradições velhas [...] Houve adaptação quando foi necessário conservar velhos costumes em condições novas ou usar velhos modelos para novos fins. Instituições antigas, com funções estabelecidas, referências ao passado e linguagens e práticas rituais podem sentir necessidade de fazer tal adaptação. (Hobsbawm et al, 1997, p.13).

Nesse sentido a festa do Divino no distrito Felizardo, faz parte de uma “tradição inventada” e “(re)inventada” (Luvizotto, 2010, p.32), onde elementos do passado são constantemente elaborados e reelaborados para representar o passado da festa “os elementos antigos são buscados para o presente, no qual lhes são dados novos significados” Luvizotto, 2010, p.33), podendo modificar-se ou transformar-se:

As tradições inventadas nesse contexto são reinventadas constantemente, procurando atribuir um valor, ressignificando práticas e rituais cotidianos, buscando manter coeso o sentido dessas tradições dentro da modernidade, procurando satisfazer o indivíduo na busca pela segurança ontológica. (Luvizotto, 2010, p.33).

Sujeitada a continuidades e descontinuidades de suas práticas aderindo novas características, modificando outras, a festa do Divino Espírito Santo já passou por mudanças ao longo do tempo, não fazendo jus a sua formação original, vinda com a colonização portuguesa para o Brasil, e se espalhando em várias regiões, nem tão pouco de Goiás. Partindo dessa discussão, a seguir, serão problematizadas as transformações da festa do Divino Espírito Santo do distrito Felizardo-CE.

4.2. Memória, tradição e (re)invenção: modificações e conflitos na festa do Divino Espírito Santo em Felizardo-CE

Considerando o uso de entrevistas e o trato com a memória na produção da pesquisa, é relevante citar o que Halbwachs (1968) chamou de “memória coletiva”, e pontuar que “cada memória individual é um ponto de vista sobre a memória coletiva” (p.34) aqui não se exclui o processo de lembrar individual, mas as “lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós” (p.16).

Assim a construção dessas memórias existe por meio do convívio social, a partir dos grupos sociais a que cada indivíduo faz parte e dão sentido a ela, seja complementando, reforçando ou enfraquecendo. Halbwachs (1968) também vai falar sobre a importância da memória coletiva para o processo de recordação:

Acontece, com efeito, que uma ou várias pessoas, reunindo suas lembranças, possam descrever muito exatamente os fatos ou os objetos que vimos ao mesmo tempo que elas, e mesmo reconstituir toda a sequência de nossos atos e de nossas palavras dentro das circunstâncias definidas, sem que nos lembrássemos de tudo aquilo (Halbwachs, 1968, p. 17).

Desse modo, a combinação dessas memórias no processo de rememorar é valiosa para reunião de informações, mas deve-se considerar que para recordar um evento pretérito “não é necessário apenas que ele seja evocado por outros para que o sujeito lembre-se dele. É preciso que o indivíduo traga consigo algum ‘resquício’ da rememoração para que os conjuntos de testemunhos exteriores se constituam em lembranças” (Halbwachs, 1968, apud. Silva, 2016,

p.249), e que minimamente as lembranças estejam de acordo com a dos outros que vivenciaram o mesmo acontecimento para a fundamentação destes:

[...] não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possa ser reconstruída sobre um fundamento comum. Não é suficiente reconstituir peça por peça a imagem de um acontecimento do passado para se obter uma lembrança. É necessário que esta reconstrução se opere a partir de' dados ou de noções comuns que se encontram tanto no nosso espírito como no dos outros, porque elas passam incessantemente desses para aquele e reciprocamente, o que só é possível se fizeram e continuam a fazer parte de uma mesma sociedade. Somente assim podemos compreender que uma lembrança possa ser ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída. (Halbwachs, 1968, p. 22).

Tendo em vista a citação acima, a festa do Divino é um acontecimento que fez/faz parte da vida e das memórias dos entrevistados. Nas entrevistas realizadas com pessoas que participaram ou observaram a festa do Divino, em sua maioria ocorreu a sugestão de outros nomes, para serem também entrevistados, na alegação de que essas pessoas lembravam muito mais de detalhes sobre a festa, ou podiam fornecer informações que não sabiam, ou não tinham certeza, por também terem vivenciado o mesmo evento, em diferentes épocas, e diferentes níveis de envolvimento, por parte de tais memórias, proporcionou um entendimento da complexidade de relações presentes na celebração. Assim, essas indicações foram determinantes na busca de mais entrevistados e na construção de um corpus documental sobre a festa do Divino Espírito Santo em Felizardo-CE.

Assim são reconhecidas e reconstruídas as lembranças de determinada prática cultural, através de conjuntos e combinações constituindo uma “memória coletiva”, verdadeiros agregados de “memórias individuais” transplantados para a rememoração contemporânea, observado também na festejó do Divino Espírito Santo no distrito de Felizardo-CE, pois neste caso, “a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente” (Nora, 1993, p. 09), e por ser vivido no presente está sujeito também a refletir e influenciar-se por ele.

Desta forma, podemos considerar que a busca continuada por tais memórias, contribui para manter parte da tradição, mas a partir da recriação do festejó do Divino nos anos subsequente, por intermédio das transformações sociais, culturais e políticas nas quais toda a comunidade passou/passará, modificando assim a estrutura organizacional da festa, também propicia uma constante capacidade de criação de outras memórias sobre a celebração,

ressignificada através das mudanças, abrindo novos olhares, novas percepções sobre ela. Como salienta Brandão (1984):

As coisas mudam: nomes, lugares, pessoas, situações, passos de danças, significados do fazer religioso e festivo. Alguns símbolos se alteram e as explicações que os mais moços oferecem ao pesquisador para aquilo que fazem podem ter muito pouco a ver com as que os seus avós teriam para contar. (Brandão, 1984).

E, em se tratando de uma manifestação popular, como a devoção ao Divino Espírito Santo em Felizardo-CE que coexiste diferentes atores sociais - as autoridades religiosas, os membros da igreja, a comunidade, a população das cidades circunvizinhas e também políticos- é plausível que ocorra mudanças estéticas, simbólicas e organizacionais pelos interesses investidos no mesmo. Mas nem sempre a ideia de mudar é fácil, na festa em estudo, houve relutância com relação a busca de apoio a outros segmentos, para que o evento ganhasse maiores proporções, e também conflitos, pois, nem todos estavam de acordo com as transformações empreendidas na tradição. Portanto, cabe aos tópicos seguintes dar atenção a experiências de diferentes sujeitos com a festa, revisitando a memórias destes, com fins de compreender como a devoção ao Divino Espírito Santo vêm sendo ressignificada na localidade do distrito Felizardo-CE.

4.2.1. Início da festa do Divino Espírito Santo em Felizardo-CE e suas modificações

A festa do Divino Espírito Santo em Felizardo-CE teve seu início no ano de 1994 e a princípio não havia o envolvimento da capela Nossa Senhora da Conceição. Não se tinha nem a imagem do Espírito Santo (estátua do santo) e a primeira que foi usada nas novenas e procissões foi cedida por uma moradora para ser utilizada na festa, “[...] essa festa não tinha nem a imagem, a imagem era de dona Ester, a primeira imagem que surgiu da festa do Divino foi da casa de dona Ester” (José Geraldo, 04/05/2023).

A festividade começou sua realização da seguinte maneira: eram feitas as novenas¹⁴ de casa em casa, pegando os nomes das pessoas onde em seguida era realizado um sorteio, cada

¹⁴ A palavra “novenas” vem do latim *novem*, de “nove”. A novena, portanto, é um conjunto de orações que pode ser rezada por nove dias, nove semanas ou nove meses. São dias nos quais nos dedicamos à prática da oração pedindo a intercessão dos santos, da Virgem Maria, do Espírito Santo ou dos Santos Anjos e Arcanjo. Entre a ascensão de Jesus ao Céu e a descida do Espírito Santo sobre os apóstolos, como Ele havia prometido (cf. João 14,26), se passaram 9 dias. E estes 9 dias, Nossa Senhora, os apóstolos e algumas mulheres, que acompanharam de perto a missão terrena de Jesus, ficaram reunidos em oração. Esta foi a primeira novena cristã que se tem registro. Mas por que eles fizeram isso? Agiram assim por obediência ao Mestre que os instruiu a permanecerem

casa sorteada recebia o santo, e no outro dia saiam em procissão para levá-lo para a próxima casa sorteada, e assim como em Goiás começou na zona rural e iniciou “no Sítio Boi, ela começou assim, quando chegou logo, tirando nas novenas, ai nós íamos tirar lá no Boi, na casa de um, tirava aqui na casa de outro, ela ficou tirando nas casas também, que nem era lá, que lá era na chácara” (Maria Rita, 04/05/2023).

Os devotos que recebiam o Divino Espírito Santo em suas casas, também ofereciam um lanche para os presentes “[...] aí vinha e chegava e tinha um lanche naquela casa, ai na outra noite tinha o sorteio, aí já o casal daqui que recebia o Divino, já ia, fazia também”, (Maria Rita, 04/05/2023). E assim era feito nas outras residências contempladas, até que findasse as nove noites, e no último dia (o décimo dia) era celebrada uma missa paga com a contribuição dos fiéis, e encerrava com um almoço cujos alimentos eram também doados.

Tais aspectos citados acima podem ser observados no poema *Festa do Divino Espírito Santo* de autoria de Roza Maria Gonçalves (2023) fornecido por Maria Elizabete (16/05/2023) sobre a criação da festa, vejamos:

“A festa do Divino
É uma grande tradição
Começou em 94
Essa honrosa devoção
Foi trazida de Goiás
Com muita dedicação.

Os devotos saíam na rua
Em grande procissão
Um casal com o divino
Seguiram em direção
A casa sorteada

em oração. Jesus os deixou aparentemente sozinhos, mas com a promessa: ‘vós sereis batizados no Espírito Santo daqui a poucos dias’ (Atos 1,5). Eles seguiram as instruções de Jesus, permaneceram reunidos por nove dias, orando e esperando o que estava por vir, e Deus respondeu às suas orações de uma maneira transformadora, porque foram perseverantes: Deus os recompensou com o Pentecostes.

Rezar uma novena é ter uma experiência espiritual enriquecedora. Basílica São Miguel Arcanjo. 2022.

Disponível em: <https://basilicasaomiguelarcanjo.org.br/rezar-uma-novena-e-ter-uma-experiencia-espiritual-enriquecedora/> Acesso em: 06 de jun. de 2023.

Para fazer oração.

Eram 9 noites de novena
De enorme satisfação
Encerrando com uma missa
E uma bonita procissão
Almoço pra todo mundo
Doado pela população.

Cavaleiros, carros e motos
Seguam em procissão
Com a bandeira do Divino
Fazendo reflexão
Dando viva tão alto
Que doía o coração.

Foi assim que começou
A festa de tamanha tradição
O nosso Distrito visitado
Por uma enorme multidão
Uns vinham pagar promessas
E outros por devoção”.

Nesse poema, observamos que a autora retrata em seus versos os ritos da devoção ao Divino Espírito Santo no distrito Felizardo-CE, que apesar de ter sido inspirado na folias do Divino de Goiás possui suas particularidades, ela cita a peregrinação que o santo percorre, as novenas, a missa de encerramento, a procissão e o almoço servido aos participantes, estas fases constituem a festa.

Nas entrevistas não foi mencionado o ano exato que o almoço do Divino começou a ser oferecido. Na festa de Goiás nas comemorações aconteciam os churrascos, e almoços com muita comida, e essa prática também passou a fazer parte da festa do distrito Felizardo assim como os lanches que eram oferecidos nas casas sorteadas. Vejamos o que Maria Rita (04/05/2023) fala sobre o almoço oferecido na festa:

[...] depois, ai ela falava “vamos ajeitar para dar um almoço ao pessoal que participa e vem pra festa”, ai cada um levava um prato, fazia aqui na casa da gente, o pessoal do Olho D’água, da Rua, do Distrito levava aquele prato pra frente da Igreja. Quando terminava a missa, ai tava a “mesona”, ai botava os pratos e tinha aquele pessoal que vinha assistir à missa, fazia a refeição, comia e pronto, terminava a festa. (Maria Rita, 04/05/2023)

No relato de Maria Rita (04/05/2023) conta-se que cada pessoa que participava ajudava de todas as formas, e como meio de gratificação Zuleide dava alguma quantia em dinheiro, como relatado também por Maria Rita abaixo acerca dos primeiros anos da festa do Divino.

De primeiro a gente ajudava... era, assim, como coisa de casa, quase não era nem por dinheiro, também enfeitando as ruas, que era quando o Divino passava, cada uma pessoa da rua [...] era ‘vamos enfeitar a Avenida Chico Felizardo’, ai pessoal [...] enfeitava. O pessoal que morava lá na Rua Zeca Felizardo, “vamos enfeitar, que o Divino vai passar”, e assim, era a festa, era bem... bem, assim, destacada mesmo. (Maria Rita, 04/05/2023)

Quem contribuía principalmente eram os casais sorteados para receber o santo em suas casas “aquele casal que recebia ajudava, ajudava para poder no dia da festa mesmo ter alguma coisa”, (Maria Rita, 04/05/2023). Doando cada um, pratos de comida diferentes, “quando foi aumentando o pessoal e foram vendo né, que estava, ai ‘não, agora para fazer o almoço vamos arranjar uma casa para fazer o almoço nas casas’, aí um dava uma galinha, outros davam criação e assim ia, fazendo uma festa bem... muito almoço, muita comida” (Maria Rita, 04/05/2023), e eram preparados em suas próprias residências para que no último dia de celebração o almoço após a missa fosse servido, que acontecia em frente a capela, onde era posta uma mesa grande e nela eram colocadas as panelas para servir o povo que vinha prestigiar o evento. Já nas procissões:

[...] vinham de noite, às vezes a gente vinha acompanhando né, com música, tudo, o povo cantando e batendo, música, é Leozete cantando e acompanhando a procissão, no que a gente queria fazer, cada um queria fazer mais bonita, entendeu, vinha aqui “ah, vamos para a casa de fulano”, ai as pessoas se interessavam para poder fazer aquela noite bem bonita para chamar atenção, ai assim, chamava uma pessoa para vir tocar acompanhando todo o tempo a procissão. (Maria Rita, 04/05/2023).

Maria Rita (04/05/2023) também relatou que foi entre três a quatro anos que a festa seguiu desse formato, e também sem o envolvimento da capela Nossa Senhora da Conceição diretamente, e que nesses primeiros anos Zuleide tinha relutância em falar com o pároco local, e não obter apoio para celebração:

Mas a igreja... assim, a gente, ela achava que o pessoal não ia apoiar, ai começamos nas casas. Ela começou nas casas, tirando nas novenas, saía com

o Divino Espírito Santo, nós andando nas casas, um casal...fazia aquele sorteio para levar o Divino [...] Ai com mais assim, uns dois... com uns três a quatro anos assim desse jeito, ai depois, ai “não, agora vamos pra Igreja”, conversou com o Padre, ai o Padre, ai apoiou e tudo, ai ficamos tirando a reza na Igreja, fazendo o sorteio na Igreja e saia para as casas e tirando as novena [...]. (Maria Rita, 04/05/2023).

Mas, como relatam, a cada ano que passava mais devotos se juntavam na celebração, no início era pequena, com poucas pessoas mas à medida que foi crescendo, e mais pessoas foram se juntando a ela, a capela Nossa Senhora da Conceição sentiu a necessidade de sua atuação, o que é mencionado por Josué Olivares (Entrevista em 11/05/2023), mas já Maria Rita (04/05/2023) fala que foi iniciativa de Zuleide depois de muito os devotos incentivarem que ela pedisse apoio a capela Nossa Senhora da Conceição foi que ela tomou a decisão e o pároco da época concordou em abrir espaço para que a celebração tivesse sua colaboração, e fosse inserida no calendário litúrgico da capela como sugeriu padre Ranilson, o pároco que estava nos primeiros anos da festa, “ ele viu e ele chamou o pessoal da igreja e disse que a igreja teria que se envolver na festa porque era uma festa religiosa, era uma festa da igreja” (Josué Olivares, 11/05/2023).

Deve-se considerar que a memória é carregada por grupos vivos, nesse contexto “ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, susceptível de longas latências e de repentinas revitalizações” (Nora, 1993, p. 09), assim, alguns dos relatos de memórias como o exemplo mencionado anterior, podem entrar em discordância nas informações.

Por ser a história uma representação sempre incompleta e problemática do passado (Nora, 1993, p.9) cabe aqui discutir e analisar as problemáticas em volta da festa do Divino Espírito Santo em Felizardo-CE à medida que seu processo de reelaboração e reinvenção perpassa por uma relação conflitante, pois “os lugares de memórias são, antes de tudo, rastros” (Nora, 1993, p.12) e nem sempre são simples de segui-los, e obter respostas, pois “os lugares de memória nascem e vivem do sentimento de que não há memória espontânea, por isso é preciso criá-los organizá-los vigiá-los da varredura da história” (Nora, apud. Silva, 2011, p.228).

Vale destacar que não foram encontradas fotos da festa entre os anos de 1994 a 2011, portanto as imagens encontradas são dos anos entre 2012 a 2023. Percebe-se que as pessoas não

tinham uma preocupação de guardar registros da celebração, até mesmo aquelas diretamente envolvidas com a festa não relataram ter nenhum registro fotográfico dos anos entre 1994 à 2011 nem tão pouco algo escrito sobre a celebração. Nas investigações para saber a respeito dos livros de tomo¹⁵ que ficam na matriz de Ipaumirim-CE também não foram encontrados registros sobre a festa do Divino Espírito Santo no distrito Felizardo-CE.

Existia a atuação de fotógrafos em Felizardo no período que compreende os anos de 1930 a 2000 como é analisado por Ribeiro (2019), no entanto nenhum dos entrevistados forneceram algum registro desse período, nem mesmo aqueles que fazem parte da equipe da capela forneceram imagens nem outro tipo de fonte desse período, apenas foi encontrada uma camiseta confeccionada para a festa do ano de 2000 (figura 16 e 17).

Figura 16 e 17: Camiseta da festa do Divino Espírito Santo do ano 2000, Felizardo-CE, 2023.



Fonte: Registros da autora¹⁶

Assim como a camiseta acima (figuras 16 e 17), foram confeccionadas outras para outros anos da festa, mas não foram fornecidas fotos pelos entrevistados, exceto as que podem ser observadas nas figuras 18 e 19, do acervo pessoal de Maria Rita (04/05/2023). São duas camisetas de estampa diferente, e provavelmente de anos distintos da festa do Divino, no entanto, não é possível saber com exatidão pois Maria Rita (04/05/2023) não recorda a data, mas supõe ser entre os anos de 2010 e 2019. Vale salientar que a confecção dessas camisas não

¹⁵ “[...] os livros de tomo são onde estão registrados os acontecimentos históricos, os atos e fatos significativos e os procedimentos administrativos de maior relevância das paróquias, seminários e santuários”. Nos livros de tomo da igreja Católica, a história da comunidade. Folha do mate. 2015. Disponível em: <https://folhadomate.com/noticias/nos-livros-de-tombo-da-igreja-catolica-a-historia-da-comunidade/> Acesso em: 10 de maio de 2023

¹⁶ Camiseta foi encontrada junto a roupas que foram doadas a Neuza Maria de Moura Souza, a mesma não recorda quem fez a doação. Foto registrada em 2023.

era/é restrita às pessoas da organização, portanto qualquer interessado poderia solicitar com a pessoa responsável por fazer o pedido.

Figura 18 e 19: Camiseta da Festa do Divino Espírito Santo, distrito Felizardo-CE.



Fonte: Acervo pessoal de Maria Rita (entrevista em 04/05/2023).

Vale pontuar também que a falta de imagens fotográficas com exatidão referente ao período de 1994 a 2011 se deve também a escassez e inacessibilidade às tecnologias a boa parcela da população no período destacado, diferente dos anos mais recentes da festa, sendo encontradas uma boa quantidade de imagens.

Mediante os registros fotográficos fornecidos como também os encontrados nas pesquisas em sites como blogs, páginas de redes sociais e arquivos fornecidos pelos entrevistados, deve-se considerar que esses registros para esse estudo são importantes por serem fruto da ação humana, “toda fotografia é um resíduo do passado. Um artefato que contém em si um fragmento determinado da realidade registrado fotograficamente” (Kossoy, 2001, 45). Portanto uma rica fonte histórica de análise da festa do Divino por ter por trás dela uma história e vestígios de um tempo passado, assim, utilizar-se delas para compreender as mudanças observadas no festejo tem grande relevância, junto aos relatos de memórias.

Isto posto, como foi relatado anteriormente sobre o almoço da festa do Divino, que ele acontecia em frente a capela Nossa Senhora da Conceição nos primeiros anos de festa, várias mesas eram juntas formando uma única grande mesa com as comidas, e após o encerramento da missa os participantes formavam uma fila e eram servidos pela equipe organizadora do almoço. A figura 20, retrata o momento do almoço na comunidade do distrito Felizardo-CE, ela é diferente da imagem que descrevemos acima, pois assim como outras fases da festa, essa

também passou por alterações, nela (figura 20) o almoço referente ao ano de 2019, foi servido nas imediações da casa paroquial - instituição que pertencem à igreja, diferente de anos anteriores. Também é possível observar as pessoas em fila aguardando a sua vez para receber o almoço.

Figura 20: Fila do almoço da festa do Divino Espírito Santo, Felizardo-CE, 2019.



Fonte: registro da autora.

O almoço se tornou algo muito chamativo, e uma prática lembrada em todas as entrevistas, e é recordado até mesmo por Rosana Francisca (entrevista em 10/05/2023) que apesar de já ter sido católica, ela nunca participou da festa pois quando a festa foi iniciada a mesma já havia se tornado evangélica, mas não deixou de observar a festa e relata que: “eles trabalham muito, em conjunto para fazer a festa, pedem muita ajuda, por exemplo, para fazer o almoço, quando dizia assim ‘festa do Divino’ no outro dia eram mais de 30 cozinheiras, assim, entre as ajudantes e as cozinheira, para começar a cozinhar na véspera, porque era muita gente, dos arredores”. Com isso é possível compreender que o envolvimento das pessoas na festa é intenso, e bem organizado, as cozinheiras (figura 21) são um exemplo de dedicação a festa, visto no relato citado acima e exposto na imagem abaixo, onde as mesmas estavam cortando e preparando os alimentos para fazer o almoço.

Figura 21: Cozinheiras do almoço da festa do Divino Espírito Santo, Felizardo-CE, 2019.



Fonte: Acervo da capela Nossa Senhora da Conceição.

Inicialmente não tinha uma organização propriamente dita, Zuleide recebia muita ajuda dos devotos para organização da festa, porém não existia uma equipe, “A organização da festa, antes né, ela... não tinha uma estrutura de organização como a estrutura de organização de hoje né” (Maria Elizabete, 16/05/2023):

Antes é... tia Zuleide chegava de Brasília, acho que um mês antes né, até por que eu acredito eu que... como não era celebrada com as pastorais, então ela... ela... era muita coisa só pra ela, mesmo... tudo bem, não tinha as pastorais engajadas no início, porém tinha os devotos que se empenhavam muito (...). (Maria Elizabete, 16/05/2023).

Assim a ajuda dos devotos era essencial para que a festa do Divino acontecesse, portanto Zuleide buscava sempre por contribuição, vejamos o que fala Maria Elizabete (16/05/2023) sobre a sua colaboração:

ela sempre me procurava para que eu pudesse dar a minha colaboração, é... muitas vezes saía pra Ipaumirim, pra Cajazeiras, quando se aproximava, principalmente quando se aproximava mesmo o dia da procissão, por que sempre faltava alguma coisa, aí ela mandava me chamar e dizia “minha filha, está muito próximo, eu queria pedir a sua ajuda”, aí eu sempre saía nos comércios arrecadando os refrigerantes que eram servidos juntamente com o almoço né, para os visitantes, pros devotos locais e pros visitantes de toda a região. De sítios circunvizinhos e pessoas de outras localidades que vinham. (Maria Elizabete, 16/05/2023).

Vejamos mais um exemplo de colaboração para que a festa do Divino Espírito Santo em Felizardo acontecesse, também a partir do relato de Maria Rita (04/05/2023) pode ser observado o empenho dos devotos:

[...] tinha umas que “vou ficar na área de pedir para sair e arranjar alguma coisa”, outras para poder ir “ah, hoje eu vou para o sítio hoje, vou cortar madeira para fazer os paus da bandeira”, que até isso era tudo, não tinha dinheiro para comprar nada, nada, aí a coitada vinha de Brasília já trazia uns panos de lá, que ela fazia festa, ajudava lá no Goiás, aí o que sobrava das bandeiras, aí ela já trazia para ajudar nessa festa daqui. (Maria Rita, 04/05/2023).

Assim, até os materiais para fazer as bandeiras Zuleide trazia de Brasília, da festa na qual ela já fazia parte, pois a festa não contava com recurso e dependia muito do que era arrecadado nas doações e colaborações. A tradição do almoço desde que foi implantado acontecia também dessa forma, com a ajuda que a população dava, doando os alimentos, e como reforça José Geraldo (04/05/2023):

[...] a população ela se dedicava toda, de criança ao velho se dedicava a essa festa, em ajudar, você via que tinha cozinheira que passava a noite cozinhando, os vigias da prefeitura já ia vigiar as cozinheiras pra passar a noite

na casa paroquial cozinhando, o pessoal já dava aquela contribuição do alimento, as crianças que passava noites e noites pedindo ajuda e ajudava na cozinha, e isso, o pessoal se dedicava [...] (José Geraldo, 04/05/2023)

Existia ainda o chamado pantaleão “[...] pra pedir ajuda à noite, nós fazíamos o pantaleão, fazia o senhor dono da casa à noite que chama “reizado”, nós fazia pra pedir, pra fazer as feiras né, para na festa final dar almoço ao pessoal” (José Geraldo, 04/06/2023), era um momento onde os devotos saíam a noite cantando nas ruas para que as pessoas acordassem e abrissem a janela e deixassem um quilo de alimento e esse seria usado no almoço da festa:

Aqui há muitos anos sempre existiu né, é uma tradição daqui também, porém que nunca mais foi usado né, mas, eu lembro, era Enoque com um carro de mão na frente, teve até um ano que Dedé foi com uma sanfona, e a gente atrás cantando nas portas e arrecadando os alimentos. (Maria Elizabete, 16/05/2023).

Essa prática deixou de acontecer, e não existem relatos de quando começou a ser usada na festa do Divino, nem mesmo se sabe porque deixaram de fazer, mas como foi relatado acima não foi influência de Goiás, foi criada no distrito. Assim, é perceptível a dedicação da população, de crianças aos adultos existia e ainda existe um intenso envolvimento para a elaboração da festa do Divino Espírito Santo como foi observado nos relatos, cada devoto ajudando a sua maneira.

Outra prática que ganhou destaque na festa do Divino Espírito Santo em Felizardo foram as procissões. Tanto as realizadas nos dias de novena como a do último dia de festa, mas sem dúvidas a que junta o maior número de pessoas é a procissão de encerramento da festa. As procissões nos dias de novena aconteciam devido o sorteio dos casais, como foi relatado, as pessoas acompanhavam o santo até as casas sorteadas:

[...] já chamava uma criança, de mão limpinha, pegava um bilhete, mexia, pegava e amostrava, ai ela dizia “casa de fulano, aqui já vai amanhã você e sua esposa, ou você e seu esposo”, ai quando era de noite a pessoa já ia para a igreja e ficava lá sentado lá na frente para receber. Quando era nas casas, era vinha, já recebia aqui, já na outra noite já vinha pegava aqui e já levava pro sítio, nós levamos também lá para o Sítio Boi [...] só que o Divino não era no andar, era só aquele casal com ele, com aquela veste, uma veste, vestindo uma veste, a... a mulher e o homem, tinha aquela “vestona” vermelha para receber o Divino e trazer para a casa deles, na outra noite ele ia para a igreja, chegava lá, ficava sentado, ai outro era sorteado, ele já entregava aquela veste para outro e a bandeira. A mulher levava o Divino e o esposo levava a bandeira. (Maria Rita, 04/05/2023).

Com a participação da igreja, as novenas passaram a não acontecer mais nas casas, mas continuou o sorteio e os devotos vindo receber o santo com a vestimenta vermelha (figura

22), sendo levado em procissão até suas casas para passar a noite e no outro dia seguir o mesmo processo, trocando com o casal responsável da casa seguinte (figura 23).

Figuras 22 e 23: Casal sorteado da noite de novena usando a vestimenta vermelha, festa do Divino Espírito Santo, Felizardo-CE, 2018.



Fonte: Acervo pessoal de Josefa Maria (05/05/2023).

O novenário também é relatado por Josefa Maria (05/05/2023) após concluir a novena o casal seguia (figuras 24 e 25) com o santo em um andor levando (não mais nos braços como nos primeiros anos da festa) em direção ao setor (duas ou mais ruas compõem um setor) que os responsáveis da casa sorteada residiam:

[...] tinha o novenário ai o casal ia lá pra frente, cada setor escolhido é um casal pra levar o Divino, ai quando terminava a novena o casal ia lá pra frente ai colocava aquela vestimenta é... vermelha no casal, eles pegavam uma bandeira e saiam em procissão, andavam o setor todinho, lá da da rua né que o Divino ia, e deixava ele permanecer na casa do casal, e no outro dia antes de começar a novena ai todo mundo ia lá ai trazia em procissão pra igreja rezar a novena ai já tinha outro casal na igreja pra... ai assim era as nove noite, sabe? (Josefa Maria, 05/05/2023)

Figuras 24 e 25: Casal sorteado em procissão indo em direção ao seu setor, festa do Divino Espírito Santo, Felizardo-CE, 2019.



Fonte: Acervo da Capela Nossa Senhora da Conceição.

Nas imagens acima, a bandeira do Divino na figura 24 veio depois do casal com o andor levando o santo, e na figura 25 a bandeira veio antes, abrindo a procissão, ambas as

imagens são do mesmo ano, e tem essa variação, mas são diferentes dos anos iniciais da festa pois antes de ter o uso do andor levando o santo, um membro da casa sorteada levava o santo nos braços enquanto que o outro levava a bandeira.

Os lanches que serviam, também era algo que foi caindo em desuso quando da peregrinação do santo às casas, isso acabava ficando a critério de quem recebia, por vezes também estava relacionado a alguma promessa que a pessoa fazia, e o lanche era uma forma de cumprimento desta, como é relatado por Amélia Cecília (Entrevista em 11/05/2023) que diz ter ido a primeira festa com 12 ou 13 anos, e sobre o lanche ela relata:

Lembro que quando eu vinha pra casa da minha avó no distrito eu acompanhei uma procissão e lembro que em umas dessas recepções na casa sorteada a família serviu um chá, bolacha, em outra um bolo para as pessoas que acompanharam a imagem do Divino. Isso após a oração, mas tinha casa que apenas tinha a oração. Era apenas quem queria servir, sabe? Não era uma obrigação, às vezes a pessoa era devoto, queria fazer diferente, ou mesmo fazia promessas. (Amélia Cecília, (11/05/2023).

Dessa forma, ao chegar na casa depois de cumprir o trajeto, andando no setor sorteado as pessoas chegavam a casa e lá era feita uma oração (Pai nosso, Ave Maria, Salve Rainha) e em seguida se fosse da vontade e condição de quem residia era servido um lanche.

Já na zona rural eram enviadas as imagens do santo “e saia em todas as casas, mas eram dias antes da festa, ai sai nas casas do povo, e rezavam, aí no dia de sair é que sai lá da igreja da Cajazeirinha e ia para a do Felizardo todo mundo acompanhando, (Amélia Cecília, 11/05/2023) e com a chegada das pessoas da zona rural no dia de encerramento da festa no período da manhã, juntavam-se com as pessoas do distrito para que a procissão (figura 26) começasse.

Figura 26: Procissão de encerramento da festa do Divino Espírito Santo, distrito Felizardo, 2012.



Fonte: Captura de tela de vídeo do acervo de Maria Rita (04/05/2023).

Na imagem acima a seta aponta para onde estava o Divino Espírito Santo, não é possível identificar com nitidez o santo pois a estátua ainda era de um modelo pequeno, mas ainda assim pode-se ver quatro pessoas carregando um andor que é justamente onde se carregam os santos nas festas religiosas.

A organização da procissão era da seguinte maneira: após o andor tinham algumas pessoas trazendo faixas (não é possível identificar o que estava escrito devido à baixa qualidade da imagem), em sequência vinha a banda de música (figura 26), depois um carro com membros da capela Nossa Senhora da Conceição, atrás era a área onde estavam os pedestres (figura 27), em um carro de som discursando vinha o padre que também organizava todos na procissão, em seguida vinham as motos (figura 28), os cavaleiros, e por último os carros (figura 29).

Figura 27 e 28: Procissão de encerramento da festa do Divino Espírito Santo, Felizardo-CE, 2012.



Fonte: Captura de tela de vídeo do acervo de Maria Rita (04/05/2023).

Figura 29: Procissão de encerramento da festa do Divino Espírito Santo, Felizardo-CE, 2012.



Fonte: Captura de tela de vídeo do acervo de Maria Rita (04/05/2023).

Pode-se observar através dessa exposição do festejo e embasado no que já foi abordado no presente trabalho, de que, como tradição, a mesma sofre com transformações que se alastram com o tempo, seja por meio de modificações esporádicas e pontuais, que, com o tempo, se acumulam e geram modificações mais visíveis. A exemplo, podemos observar as próprias modificações ocorridas no cortejo, onde, alguns elementos tendem a permanecer e outros são gradativamente incorporados, no caso, a presença dos cavaleiros, das motocicletas, dos carros, a imagem da padroeira (Nossa Senhora da Conceição), dos ciclistas e até mesmo da própria disposição destes elementos na procissão. Desta forma, podemos constatar que, a presença desses elementos não se tratam de algo fixo e imutável.

A título de exemplo, podemos observar que em alguns anos, no cortejo, a imagem do Divino Espírito Santo foi disposta de maneiras diferentes durante o mesmo. Seja visto como carro chefe da procissão podendo ser observado em 2012 ou não, como no relato de Josefa Maria(05/05/2023) que também fala que o santo foi disposto de outras forma como em cima de uma caminhonete ou carro de som:

[...] teve ano que ia um carro de som na frente com o padre organizando, assim, o Divino ia na frente, e o pessoal ia atrás porque o padre botava o Divino no carro e o padre ia em cima do carro de som junto com o Divino, não era? No tempo do Padre Sebastião era assim, não, o Divino ia numa caminhonete, com o padre e os coroinhas e o carro de som na frente, tocando, e o pessoal ia atrás, assim, ia o apostolado e o pessoal atrás, depois da multidão ia os carros, não, era? os motoqueiros, os ciclistas aí os carro e os cavaleiro era por último porque no meio do povo não tinha como né? (Josefa Maria, 05/05/2023).

A disposição de outras alas também mudava, a exemplo dos cavaleiros como posto na fala acima. Vejamos outro exemplo de formação da procissão no caso de 2017, onde a imagem do Espírito Santo aparece em outra ala da procissão:

Figura 30: Procissão de encerramento da festa do Divino Espírito Santo, Felizardo-CE, 2017.



Fonte: foto de autoria de KL drone, em parceria com o Nois Divulga, disponível em: https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1255089737946757&set=pb.100003372294163.-2207520000.&ttype=3&locale=pt_BR Acesso em: 10 de abr. de 2023.

Como já exposto é possível observar que a ordem da procissão também se alterou com o tempo. A partir da figura 30 que mostra a procissão da festa do Divino Espírito Santo de 2017, na formação em vez da imagem do Divino (figura 32) vir a frente da procissão como em 2012, nesta ocasião foi a imagem de Nossa Senhora da Conceição (figura 31) quem guiou a caminhada. Após Nossa Senhora da Conceição vem a banda de música, a imagem do Divino Espírito Santo, depois um carro de som, os pedestres, o caminhão com o padre, os cavaleiros, as motos e os carros.

Figura 31 e 32: Festa do Divino Espírito Santo, imagem de Nossa Senhora da Conceição e do Divino Espírito Santo na procissão, Felizardo-CE, 2017.



Fonte: Registro do Arquivo pessoal de Francisco Antônio (09/05/2023).

O ponto de partida da procissão de 2017 também foi a capela como em 2012 (e outros anos que sucedem o período que a capela passou a adotar a festa no calendário de suas comemorações) que seguiu juntando pessoas ao longo do cortejo, passando pela entrada principal do distrito Felizardo, chegando até a BR 116 (figura 33) e percorrendo a rua BR116 (figura 34):

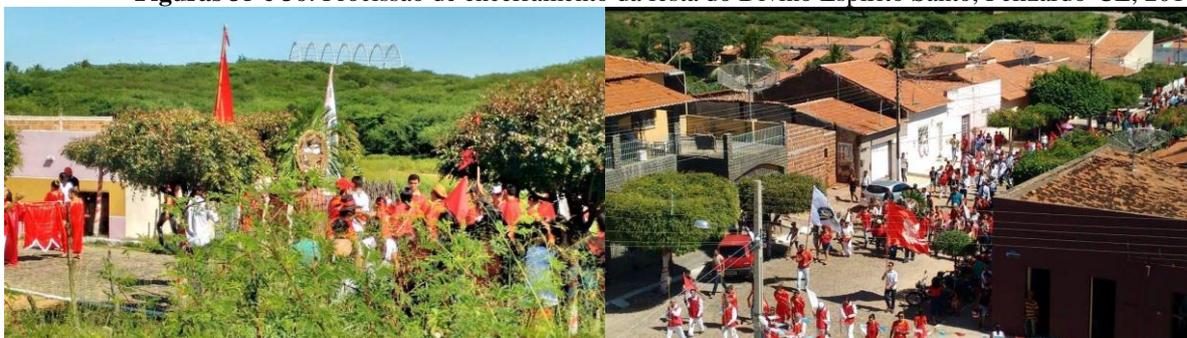
Figuras 33 e 34: Festa do Divino Espírito Santo, procissão na BR 116, Felizardo-CE, 2017.



Fonte: Registro do arquivo pessoal de Francisco Antônio (09/05/2023).

Depois desse percurso a procissão seguiu em direção a uma entrada secundária (figura 35) que também dá acesso ao distrito pela rua Félix Antônio, retornando por ela até chegar a capela (figura 36).

Figuras 35 e 36: Procissão de encerramento da festa do Divino Espírito Santo, Felizardo-CE, 2016.



Fonte: Acervo pessoal de Maria Rita (04/05/2023).

Nos anos de 2012 a 2018 não foi observado a presença dos ciclistas na procissão (figura 37), portanto só passaram a fazer parte do cortejo no ano de 2019, vindo após a ala dos pedestres.

Figura 37: Ala dos ciclistas na procissão de encerramento da festa do Divino Espírito Santo, Felizardo-CE, 2019.



Fonte: Registro da autora.

A festa do Divino Espírito Santo no distrito Felizardo passou por modificações de forma a atender as necessidades de cada época. Com a pandemia da Covid-19 a festa foi interrompida ao menos de forma presencial, neste caso, em virtude das medidas restritivas que passaram a vigorar, conforme exemplifica Sotero e Soares (2020):

A crise global da pandemia do coronavírus levou os países a adotarem uma série de mecanismos de contenção da contaminação da COVID-19. Diante da ausência de vacina e de tratamentos efetivos, a recomendação da Organização Mundial de Saúde apontou para o isolamento social, para evitar o aumento potencial do número de casos confirmados e de mortes decorrentes do coronavírus. (Sotero; Soares, 2020, p. 92)

Sendo assim, devido ao isolamento praticado durante este período, a realização da festa como esta vinha ocorrendo encontrou na pandemia, um novo obstáculo para a sua realização. Isto posto, a festa como “organismo vivo”, adaptando-se, transformando-se e reimaginando-se, encontrou outra forma de acontecer, neste caso, o novenário foi transmitido virtualmente e outra alternativa de manter outra parte da ritualística da festa foi a partir da celebração da missa respeitando o distanciamento social: “no dia assisti a missa ali na praça, mas, assim, fiquei no carro. Nós fomos né, o padre veio, ficou, celebrou a missa, na praça e o pessoal longe né, de máscara e tudo, mas teve, não faltou” (Maria Rita, 04/05/2016).

Para ser mais específico acerca disso, o novenário do Divino, que era celebrado antes da festa de encerramento, culminando com o cortejo final que era o momento mais esperado de toda a celebração, os nove dias de oração foram realizadas exclusivamente por meio das redes sociais, a partir da transmissão ao vivo (figura 38). Cada noite de novena contava com os homenageados da noite:

Figura 38: Postagem da primeira noite de novena do Divino Espírito Santo, Felizardo-CE, 2020.



Fontes: Arquivo do perfil da Imaculada Conceição Felizardo.(fig.30) Disponível em: <https://instagram.com/imaculadaconceicaofelizardo?igshid=MjAxZDBhZDh1NA==> Acesso em: 27 de mai. de 2023.

Essa foi a forma de se adaptar a necessidade de isolamento social para preservar a saúde e bem estar dos fiéis e ao mesmo tempo não deixar de celebrar a sua maneira as festividades de pentecostes. Já no encerramento do novenário o padre, em cima de uma caminhonete, passou pelas ruas principais do distrito (figuras 39 e 40).

Figuras 39 e 40: Itinerário da procissão da festa do Divino e padre percorrendo o setor Joaquim Rolim com a imagem do Divino, Felizardo-CE, 2020.



Fontes: Arquivo do perfil da Imaculada Conceição Felizardo.(fig.30) Disponível em: <https://instagram.com/imaculadaconceicaofelizardo?igshid=MjAxZDBhZDhlNA==> Acesso em: 27 de mai. de 2023, e Registro da autora (fig.31).

A pandemia trouxe uma quebra na rotina das pessoas e sua relação com a festa do Divino, e ela também foi um marco de ruptura com a estrutura da festa pré-pandemia, pois passado esse período a festa que aconteceu no ano de 2022 e 2023 seguiu de forma completamente diferente, vejamos:

[...] é, anteciparam, né? Foi domingo, um domingo anterior ao de pentecostes, né que... esse ano veio lá do sitio pau branco e... o almoço acabou, a história do almoço, houve no sítio, né? Só para o pessoal da cavalaria, da cavalgada, né, ai acabou também essa questão do almoço, ai, o domingo é... a partir de 07h00m da manhã, no domingo de pentecoste, 07h00m da manhã até o horário da missa de 04h00m a igreja ficou aberta mas só pra rezar terço, pra fazer pregação, adoração, essas coisas, sabe? (Entrevista com Josefa Maria em 05/05/2023)

A presença dos cavalos foi retirada da procissão de encerramento, e o almoço também. A presença dos cavalos na festa foi transformada em uma cavalgada, que aconteceu duas semanas antes da festa de pentecostes. Os horários também foi algo que mudou, antes a procissão acontecia no período da manhã e foi para a tarde.

Já a festa, o “forró” tinha passado por modificações, ao acontecer em praça pública foi tirado e passou a ser em estabelecimentos privados, mesmo não podendo mais acontecer em praça pública como em 2015 ainda aconteceu, “Normalmente não era em praça não, mas eu lembro de que em 2014, não 2015 teve, tinha até a estrutura do palco” (Cristiano José, 07/05/2023)”, a população utilizou de práticas em oposição a mudança e a tática (Certeau, 1998) adotada pela população foi por meio da mudança de local, não deixando de acontecer o

forró por isso, da mesma forma, encontraram um meio de não deixarem de fora a presença dos cavaleiros criando-se um dia para a cavalgada, no entanto, Joaquim Rodrigues diz que:

[...] essa cavalgada que houve foi confusão, porque não disseram que podia fazer a cavalgada do Divino, com o nome do Divino. Aí eu disse: Interessante que a festa de São Sebastião é a festa de São Sebastião, leva o nome de São Sebastião, a festa de Santo Antônio são três dias de festa dançante mesmo, é a festa de Santo Antônio. Aí no Felizardo, nos Estados Unidos do Felizardo não pode ter festa do Divino, cavalgada do Divino não?.

Vale destacar que essas mudanças já vinham sendo debatidas desde que Zuleide Quaresma ainda organizava a festa, e como já foi exposto em outro momento, existiam desafios desde sua criação:

Por que a Igreja, eles não queriam, assim... ceder, ai ela, nós falamos “vai falar com o padre”, ai “não, que eu não moro aqui”, ai “mas tu é filha daqui do lugar, tu tem direito, tu trabalhou muito nessa Igreja, tu foi quem, é, tu já foi parte da Igreja, tu já fez coração, coroou santo, então tu é daqui”. (Maria Rita 04/05/2023).

Maria Rita (04/05/2023) ainda relata que houveram desavenças que fizeram Zuleide deixar de vir organizar a festa “ai desgostou, ai parece que foi em dois mil e dez, foi o ano que ela desistiu, ai foi embora, bem dizer na véspera da festa, ai ela desistiu mas aí ficaram, continuaram e fizeram a festa desse, pra frente até hoje” (Maria Rita 04/05/2023). Maria Elizabete (16/05/2023) já fala que foi em torno de sete anos atrás que Zuleide deixou de participar da festa como organizadora. Tal percepção das desavenças também é relatada por José Geraldo (04/05/2023):

[...] ai já se criou uma rivalidade porque tia Zuleide ela não angariava fundo para a igreja [...] ela deixou a festa que já estava um pouco chateada do povo da igreja, ela já foi pra Brasília pra fazer em Goiás [...] toda igreja tem rivalidade né? Existiu uma rivalidade agora e no caso Zuleide se chateou e abandonou a festa e foi embora, na qual eles dizem que foi alguém da igreja que expulsou Zuleide da festa mas não expulsou, ela mesmo quis ir embora e deixou a festa para, que o pessoal tomasse de conta (José Geraldo 04/05/2023).

Assim Zuleide se afastou e analisando as falas, assim como a de Josefa Maria (05/05/2023) é possível ter uma percepção dos conflitos acerca da festa do Divino que culminaram com seu afastamento “porque a festa dela... o... é... era almoço, ela não se incomodava de juntar dinheiro, pra igreja, a igreja não ficava com nada, mas o padre disse que não pode haver uma festa para a igreja não ter um rendimento” (Josefa Maria, 05/05/2023)

desse modo também houve uma mudança no que diz respeito ao financeiro da festa do Divino Espírito Santo.

Nesse sentido quem ficou encarregado de dar seguimento a festa foram os membros da capela, “só que a festa foi mudando de tradição, já foi feito tipo festa já como se o divino fosse o co-padroeiro da festa aqui” (José Geraldo, 04/05/2023), “[...] essa questão de co-padroeiro isso saiu da boca, mas não tem...Pelo menos oficialmente, que eu sei não [...] (Joaquim Rodrigues, 08/05/2023). Mesmo após a partida de Zuleide a festa seguiu com o mesmo modelo, tendo os sorteios das famílias (também foram retirados da festa), os cavaleiros e o almoço ainda tinham permanecido, e só após 2020 essas mudanças aconteceram e geraram muita insatisfação por parte da população.

O recorte deste trabalho está entre 1994 e 2023, pois é importante destacar a festa atualmente, onde aconteceram as mudanças mais significativas e apesar de tais alterações ela permanece e se encaminha para o seu 30º aniversário, desse modo, nos remeter a festa atual se faz necessário, à medida que essas transformações já vinha sendo debatidas muito antes, na época em que a fundadora da festa fazia parte da organização, como já foi posto, e só foram postas em prática após 2020 pois a interrupção da festa nesse ano foi um marco de reinvenção da festa, desse modo essas tensões na celebração culminaram com a transformação, devido a ressignificação desta refletida no período pandêmico, e “houve manifestações viu, criou-se um grupo no WhatsApp para se criar uma comissão para procurar o padre” (Maria Elizabete, 16/05/2021), “[...] teve até um grupo, eles estavam querendo dizer que o padre estava errado [...] (Rosana Francisca, 10/05/2023) porque parte da população não aceitou as mudanças:

[...] o horário, que o pessoal do sítio bate muito na tecla que gostava muito que fosse pela manhã e que não tivesse tirado a presença dos cavaleiros da procissão, como lá é celebrado em Goiás, os cavaleiros participam da procissão [...] Não aceitam a mudança. As pessoas preferem a procissão pela manhã, querem o almoço de volta, por que, por que é, o coordenador do dizimo ele cita que o almoço traz prejuízo para a igreja, que não traz lucros pra igreja, mas eu lhe digo uma coisa, assim como todos falam, quem doava os alimentos? A população, certo. Era tudo a população que doava, no final sobrava-se alimentos que dava pra colocar um mercantil, o que fazia? Cestas básicas, feira, dividia, chegamos a dividir entre 8 a 10 cestas básicas com aquelas pessoas que a gente via que tinha necessidade de receber, e ainda todo ano a gente montava um feirão, colocava bingo e arrecadava dinheiro para a igreja (Maria Elizabete em 16/05/2023).

Desse modo, segundo Maria Elizabete (16/05/2023) foi citado que o almoço dava prejuízos, e que não tinha um saldo positivo para a capela. Outra mudança na procissão é que

atualmente não faz mais o trajeto pela BR 116, a esse respeito Josefa Maria (05/05/2023) comenta que gerou insatisfação:

[...] porque os outros anos tinha aquela mania do povo querer a procissão aqui pela essa rua, a pista, aquela bem estendida né? E aí a empolgação do povo era a caminhada longa, era a caminhada animada, com muito carro, muita moto, ciclista, mas como não foi possível porque a justiça não deixa mais fazer na BR. Aí como ficou só dentro da rua, quer dizer, menos animada por isso, porque o pessoal queria era se destacar mais na caminhada né, com os motoqueiro, os ciclistas. (Josefa Maria, 05/05/2023).

Apesar das manifestações da população, as mudanças aconteceram. Vale destacar que essas mudanças empreendidas na festa do Divino Espírito Santo perpassam por conflitos também simbólicos, pois na época que Zuleide estava à frente de sua organização tinha: “[...] cavalgada, tinha almoço, tinha festa dançante no resto da tarde todinha entrava pela noite. Só que encerrava, a da igreja encerrava com missa de 10h30m da manhã...era depois da missa, aí tinha o almoço aí era pra encerrar aí né só que o pessoal continuava na rua.” Tais conflitos podem ser expressos também na fala de Joaquim Rodrigues (08/05/2023):

[...] Hoje tá mais digamos assim, vamos dizer litúrgico, mais antes era bem folclórico mesmo, pessoal com bandeira, com bumba batendo, bem estiloso e pelo menos boa parte dos que eu participei também a questão folclórica muito forte, esses últimos anos é que tentou-se, é colocar o caráter mais religioso, mais Divino na festa, mais antes... É tanto que no dia da festa tinha uma festa dançante também [...] (Joaquim Rodrigues, 08/05/2023).

Foi a partir de uma reunião com o conselho e o pároco que ficou decidido a mudança na festa do Divino Espírito Santo. Rosana Francisca (10/05/2023) diz que “essa mudança eu achei boa porque, reza, oração tem que ser cada uma no seu lugar, até porque o padre mesmo disse ‘como é que você vai rezar’ e ao redor da igreja aquelas mesas de bar”, essa percepção é complementada também por Josué Olivares (11/05/2023).

a festa eu acredito assim, que ela tem que ser uma festa religiosa, se é da igreja tem que ser religiosa e não uma festa mundana, como ela era antes, então por isso que o conselho viu e também a gente vê em outras paróquias e a gente procura a melhorar, a se aperfeiçoar. Muitas pessoas acharam ruim, por falta do almoço né? Mas aí é um bem para a comunidade, um bem para todos, porque a festa é para alimentar o espírito da gente, não é a carne né? Nós estamos aqui para alimentar o nosso espírito e ganhar a nossa salvação. (Josué Olivares, 11/05/2023).

A festa “mundana” a que se refere tirava o sentido religioso da festa, pois esse modelo de festa se afastava portanto do sentido sagrado pregado pela igreja católica, era uma mistura que, para os membros da capela afastava as pessoas do propósito de salvação, desse modo não

envolviam só questões financeiras como exposto, e isso foi questionado por Maria Elizabete (16/05/2023) quando retiraram o almoço da festa do Divino, a mesma falava não dar prejuízo, o que leva a crer que era uma mudança muito mais voltada para questões simbólicas, em torno do meio espiritual, litúrgico, em detrimento da parte folclórica da festa, pois como relata Josefa Maria (05/05/2023), acerca dessas mudanças, o pároco achava que:

[...] estavam mais com interesse em festa, em almoço do que mesmo ir pra igreja e rezar, né? Tanto que ele tirou a cavalaria, e tirou o almoço do domingo também, porque a cavalgada chegava na praça e ali o pessoal, é...o pessoal que era devoto mesmo ia pra igreja e permanecia na igreja, assistia a missa e tudo, mas ficava aquela “zuada” na rua, os bar tudo cheio, bebendo, dançando, o pessoal andando de cavalo e dava um movimento danado né, ai... e também o almoço o padre achava que as pessoas estavam com mais interesse em almoço também, e na praça a tarde havia dança também, era a festa, ai não podia festa do divino ser assim, ai estava misturando, festa dançante com bebedeira, essas coisas, ele disse que tirava o sentido da festa de pentecoste né (Josefa Maria 05/05/2023).

E nesse contexto foi um dos motivos da mudança, e concomitante a isso a retirada da parte cultura que veio de Goiás também sofreu mudanças que envolvem atividades como o almoço, os cavalos, o forró, “[...] depois da pandemia né. Que ai tiraram a tradição do almoço como é celebrado lá né. Que a cultura, ela veio de lá do Goiás, ela não é celebrada da forma que está sendo celebrada hoje. A parte cultural né, a parte cultural ficou uma noite.” (Maria Elizabete, 16/05/2023). Da parte cultural a que se refere, foram incorporadas outras práticas, mais aceitas, como apresentações de danças coreografadas, peças teatrais, uma noite música entre outras práticas que envolvem as atividades desenvolvidas na Associação Casa Olho d’água, e que segundo o que já foi apresentado, tais práticas não desviavam o foco da parte religiosa da festa.

Foi retirado o almoço e a cavalaria que fazia parte da procissão, desse modo, impedia as pessoas de se dispersarem, e voltasse sua atenção na missa. O almoço, que era um alimento da carne, não do espírito, já os cavaleiros, as pessoas se envolviam em atividade como cavalgadas e acabavam por vezes preferindo tais atividade, não se voltando para a missa.

Figura 41: Registro da “missa do envio” do 28º ano da festa do Divino Espírito na capela Nossa Senhora da Conceição, Felizardo-CE, 2022.



Fonte: Arquivo do perfil da Imaculada Conceição Felizardo. Disponível em: <https://instagram.com/imaculadaconceicaofelizardo?igshid=MjAxZDBhZDhlNA==> Acesso em: 27 de mai. de 2023.

O sorteio das famílias para receber o Divino em suas casas, assim como a peregrinação do santo seguiu de outra forma, foram feitos cofres com uma “capelinha” (figura 41) contendo a imagem pequena do santo, percorria as casas, e quem quisesse contribuir com alguma quantia em dinheiro poderia colocar no cofre pequeno que acompanhava a imagem, essa prática alterou a peregrinação durante as novenas como também a forma de arrecadamento para a festa que antes era feito por meio de envelopes.

Eu vi que tinha no começo tinha a união da igreja com o povo e o povo com a igreja, já agora eu vejo afastado, o povo se afastaram da igreja por causa da festa, os que participam desconfia dos outros e teve uma desavença né na igreja, já não acho de muita importância, não sei porque, o que é que está acontecendo que o padre até pediu que o pessoal não fosse por aparecer, fosse pela união, já acho diferente. [...] Foi esse tipo de desconsiderar os membros da igreja, desconsiderar, de não deixar participar como participava, de ter só aquela panelinha dentro da igreja, só eles e pronto, que eles joga a festa pro povo, que o povo venha, e eles só queriam fazer, não queria participação da gente, aí foi nessa ocasião que eu me afastei. (José Geraldo, 04/05/2023).

Muitos dos conflitos como posto, antecedem essa mudança pós pandemia, mas de fato essa grande mudança na estrutura da festa causou mais insatisfação. Na fala acima José Geraldo (04/05/2023) menciona que no começo da festa existia mais união entre o povo e a igreja, e que na atualidade isso mudou por haver desavenças entre os membros pela existência de grupos divergentes e por esse motivo ocasionou seu afastamento da festa que se restringe às procissões, “Agora como eu me afastei eu só dou minha contribuição de ir para a procissão só, nem na novena não vou” (José Geraldo, 04/05/2023). Posto isso:

contra todas as formas do erro «interaccionista», o qual consiste em reduzir as relações de força a relações de comunicação, não basta notar que as relações de comunicação são, de modo inseparável, sempre, relações de poder que dependem, na forma e no conteúdo, do poder material ou simbólico acumulado pelos agentes (ou pelas instituições) envolvidos nessas relações e que, como o dom ou o *potlatch*, podem permitir acumular poder simbólico. É enquanto instrumentos estruturados e estruturantes de comunicação e de conhecimento que os sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra [...]. (Bourdieu, 1989, p.11).

Neste trecho, o autor discorre que as relações de comunicação são relações de poder e dependem tanto do poder material ou simbólico acumulado pelos agentes ou pelas instituições envolvidas nessas relações, e dessa forma, esse “poder simbólico” a que se refere, é relacionado a capacidade de imposição de significados, crenças ou valores que modelam as relações sociais, os sistemas simbólicos, como a língua a cultura não são meios de comunicação e conhecimento isentos de relações de poder, tem funções políticas ao se mostrarem como meios “estruturados” e “estruturantes”, capaz de alterar e serem alterados pelas relações de poder. E por ser a igreja uma instituição que parte dessa noção, “estruturada” e “estruturante”, o seu poder simbólico foi capaz de mudar os rumos da festa do Divino Espírito Santo, pois mesmo com as manifestações, geradas pela insatisfação dos populares, não foi possível frear a alteração na festa, até o momento, lembrando “a existência das relações de dominação que organizam o mundo social, percebe a cultura popular em suas dependências e carências em relação à cultura dos dominantes” (Chartier, 1995, p.179).

Dessa forma a festa também teve uma modificação no seu sentido quando “dois anos foi virtual, então a população acabou criando outro sentimento em relação a festa. E existe a resistência daqueles que querem que seja o folclórico mesmo, mas cada um participa da forma que entende né?” pois como Joaquim Rodrigues (08/05/2023) analisa “[...] as relações de poder que tem dentro é muito grande, porque existe uma tendência a tornar a festa cada vez mais Divina no sentido religioso, e outra tendência é querer levar pro folclórico.”

As tradições se criam e se reinventam, a partir do seu contexto, seja ele, social, cultural, político e econômico em que estão inseridas para manterem seus significados e atenderem as necessidades de seu tempo, envolvidas em interações mas também em conflitos, em relações de poder. Essas invenções e reinvenções demonstram as possibilidades e a riqueza da memória para a formação de sentidos e significações sobre a festa do Divino Espírito Santo no distrito Felizardo-CE para além desses conflitos simbólicos, será analisado a seguir, os sentidos

atribuídos pela devoção a festa como também outros usos dessa manifestação pois não só de devotos se faz a festa e que estes também perpassam por tensão.

4.3. Entre memórias: Significados, sentidos, usos e conflitos da festa do Divino Espírito Santo em Felizardo-CE

Uma vez que essa pesquisa parte da perspectiva da História Cultural que “tal como a entendemos, tem por principal objecto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (Chartier, 1988, p.16), pode-se construir no imaginário, a forma como tais sentidos e significados são criados por uma determinada comunidade e/ou povo, a partir de fatores como a linguagem, as normas e/ou costumes, e neste caso a cultura (o festejo), criando assim uma nova forma de interpretar, categorizar e dar sentido aos eventos e seus fenômenos sociais, compartilhado entre aqueles que participam de tal festa, sendo sujeita a interpretações variadas de uma mesma prática.

“Naturalmente, o simbólico permeia cada uma das relações estabelecidas pelos devotos.” (Jurkevics, 2005, p. 86). Desta forma, através das entrevistas realizadas com as pessoas que participam/participaram da festa do Divino Espírito Santo do distrito Felizardo-CE é possível compreender as nuances da festa, pois a medida que as falas vão sendo suscitadas, percebe-se que existem diferentes sentidos e significados para cada pessoa que a vivência, seja de perto (participando) ou de longe para aqueles que apenas a observam também. Através da fala de Francisco Antônio (Entrevista em 09/05/2023) é possível perceber a importância da religiosidade para a existência da festa do Divino Espírito Santo:

[...] sem a religiosidade, sem o envolvimento religioso das pessoas daqui, acho que a festa nem existiria, então, é essa devoção, essa religiosidade que eles têm que é reforçada com a festa, com a celebração, ela acaba criando esse sentimento de devoção comum, comunitária [...] então acredito que, eu acho que seja, se não é o principal, é um dos pilares principais. (Francisco Antônio, 09/05/2023).

Desse modo a festa do Divino Espírito Santo é uma forma de reforçar esses significados para aqueles que dela participam e que tem uma devoção com o Espírito Santo, nessa perspectiva, Jurkevics (2005) exemplifica acerca dos significados das festas religiosas, em particular a procissão para os seus devotos, como um caminho de busca e aproximação com o sagrado, segue:

Esses festejos, marcados majoritariamente por procissões, simbolizam o caminho percorrido pelos devotos em direção a esse sagrado. Assim, o cortejo é um meio, um instrumento que significa muito mais que o simples fato de um grupo de pessoas marcharem juntas, uma vez que naquele momento estão irmanados. Portanto, a representação é a caminhada espiritual. As velas representam a Luz. Os devotos unem-se, afastando-se das trevas e dos pecados. (Jurkevics, 2005, p. 86)

O significado e importância das procissões é tamanha nas festas do Divino que, no período pandêmico, o itinerário do Divino foi uma forma de representar o momento de procissão que devido ao contexto social não foi possível. Assim como o itinerário foi uma adaptação ao contexto a realização da novena nas redes sociais foi, de igual importância, para além de uma cerimônia litúrgica, um ato de preservação também da saúde mental dos fiéis, através da “alimentação do espírito” por meio da fé reforçada com essa adaptação ao contexto social, onde o mundo passava por um momento de crise, dessa forma buscou-se manter a união entre os fiéis e o festejo, e isso pode ser percebido através da interação no envio de fotos das famílias devotas (figura 42), que foram impressas e coladas nos bancos da capela Nossa Senhora da Conceição (figura 43) como forma de simbolizar os espaços preenchidos por eles, pelos inúmeros devotos, inseridos na celebração da novena através das fotos.

Figura 42 e 43: Arte produzida para o 26º ano da festa do Divino Espírito Santo e Captura de tela da live do novenário do Divino Espírito Santo, Felizardo-CE, 2020.



Fonte: Arquivo do perfil da Imaculada Conceição Felizardo. Disponível em: <https://instagram.com/imaculadaconceicaofelizardo?igshid=MjAxZDBhZDhlNA==> Acesso em: 27 de mai. de 2023.

“[...] os cavaleiros tem toda uma simbologia né de levar a bandeira do Divino cantando, é como se fosse além da festa uma cavalgada com procissão [...]” (Joaquim Rodrigues, 08/05/2023). Outra prática que foi analisada as transformações, e também não é uma simples prática, ela tem um significado, é o almoço, pois ao analisar o código alimentar da festa do

Divino Espírito Santo em Pirenópolis, Goiás, Veiga (2008, p.5) discute o significado, “‘dar de comer’ implica em fazer o corpo do outro, dar substância ao visitante. A distribuição alimentar, um gesto de caridade e bênção, é parte fundamental da etiqueta e da ética das festas do Espírito Santo, bem como seu vasto consumo”. Observamos nessa passagem a importância do almoço, que vai além de uma formalidade, é tido como um ato de caridade.

Esses significados das práticas tidas como as principais que compõem o festejo do Divino (as procissões o almoço), são elementos marcantes na festa em particular do distrito Felizardo, e foram observadas nas falas de todos os entrevistados, e apesar de pontos em comum, a celebração também perpassa por concepções individuais sobre ela, em especial a forma com que cada devoto participante constroem a realidade a partir da sua relação com o festejo.

4.3.1. O Divino opera milagre, e constrói sentidos e significados

Em alguns dos relatos foram mencionados pelos devotos graças alcançadas, alguns destes ou ouviram relatos de outros devotos ou os mesmos atribuíram melhoras na sua realidade advindo de graças permitidas através da ligação com o Espírito Santo por meio de sua fé manifestada também na celebração, pois a festa é uma ligação com o sagrado, e ela propicia que as pessoas criem sentidos para sua vida, e os relatos dessas graças alcançadas reforçam essa ideia, ou seja esses sentidos se retroalimentam. Vejamos isso por meio do relato de Amélia Cecília (08/05/2023) sobre um testemunho que tomou conhecimento por ter sido dado na capela do distrito Felizardo:

[...] disse que ela estava em tratamento de quimioterapia, e disse que certa noite anoiteceu na rede e despertou achando que tava chovendo dentro da rede dela, e disse que era o Espírito Santo naquela hora curando ela, e era chuva de graça do Espírito Santo na rede dela, é tanto que o tratamento dela foi muito bom e na primeira quimio dela, o caroço, o nódulo sumiu. (Amélia Cecília, 08/05/2023).

É perceptível que a fé é capaz de mover os devotos, e principalmente em momentos difíceis ela é decisiva como no caso relatado onde a pessoa estava em tratamento de uma doença delicada. Assim temos uma graça que foi alcançada e foi ouvida por outra pessoa quando foi dado o testemunho na capela Nossa Senhora da Conceição. Com o testemunho repassado para mais pessoas, ele se constitui como algo importante, no sentido de reforçar as crenças naquela comunidade, principalmente ao ser compartilhada entre outros devotos e/ou conhecidos destes,

como forma de reafirmação do significado criado a partir do vínculo com a festa do Divino Espírito Santo, a exemplo de José Geraldo (04/05/2023) que disse ter alcançado uma graça para o sobrinho após um acidente “o Espírito Santo de Deus restaurou a vida dele, e foi celebrada uma missa em ação de graça” e outro testemunho ouvido e relatado por Josefa Maria (05/05/2023):

[...] ouvi um testemunho na igreja, sobre uma moça que ficou grávida e era uma gravidez de risco, e eu acho que ela e a família se apegaram com o Divino Espírito Santo e fizeram oração. Ela teve a criança, e a criança quando nasceu ficou muitos dias no hospital e ela teve que se apartar da criança, ai ficaram nas orações, e eu acho que a criança passou quase um mês lá e ela só ia visitar e voltava, ai ela deu o testemunho porque ela teve a criança e ela resistiu que o médico não dava nenhuma esperança da criança resistir né? E a criança resistiu. (Josefa Maria, 05/05/2023).

Nos relatos que foram observados envolvem testemunhos de cura, e no relato a seguir, Maria Rita (04/05/2023) fala de um livramento de uma mal, de proteção manifestada pelo Espírito Santo, vejamos:

[...] uma filha minha mesmo, que mora em Brasília, ela tava aqui na época da festa do Divino e ela mora lá. Ai quando, eu sempre, toda noite ligava pra ela, ei “Filha, tô indo pra festa, tô indo pra missa, tô indo...”, ai ela “mamãe, reze por mim, reze por mim, que eu tô saindo da escola, reze por mim que eu tô saindo da escola”, ai ficou. Quando foi ela indo para a escola, quando... nessa mesma festa, na noite derradeira, na véspera da missa do Divino, mas nas novenas mesmo, ai ela foi pra aula dela, quando vinha e foi descer do ônibus, ai ela disse que quando ela desceu lá na escola mesmo, ela disse “oh Meu Deus do céu, eu só tô vindo pra essa aula por que eu preciso estudar, mas se não fosse isso, eu tô vindo com a força do Divino, por que se não fosse a força do Divino Espírito Santo eu não tava aqui não, eu acho que no que eu vim lá do Felizardo, eu poderia era ter me formado era lá, para vir aqui para Brasília e começar aqui, tá muito difícil para mim, mas eu tenho fé no Divino Espírito Santo, eu vou passar na minha prova”, ai disse que se inscreveu lá na prova, pra fazer a prova, ai veio para casa, mas quando foi descendo do ônibus ela disse que pisou assim em falso, não caiu, tirou o pé, ai disse que ali descendo o pessoal tudo saindo, quando ela olhou “cadê?”, não tinha mais ninguém na parada, ai ela “ai Meu Deus”, agora que ela não morava perto, ela “Meu Deus do céu como é que eu vou para casa com esse pé quebrado?”, ai disse que quando deu fé viu lá um rapaz chegando e disse “ei, você... o que é que tá acontecendo?”, ai ela disse “foi eu que pisei aqui em falso e tirei meu pé e tô aqui ó”, ai ele pegou e disse “vixe, parece que quebrou”, ai ela disse que ele pegou e disse “eu vou pegar uma aguinha pra você”, ai ela disse “onde é que tem água aqui?”, olhou de um lado pra outro, quando deu fé chegou com uma garrafinha de água, ai só foi ela tomou e passou no pé dela, ai ele disse “vamos, eu vou deixar você em casa”, ai ela disse “você sabe onde é minha casa?”, ai ele disse “sei”, ai ela disse que ele “se apoie em mim”, ela se apoiou e ele saiu com ela, ai quando chegou lá na casa lá, ela disse que ia subir lá pra cima, ai disse que ele ficou e ai ela disse “pronto, minha casa é aqui”, ai ela disse “e eu me esqueci”, ai ele “pois pronto, ai você tá... tá salva”, ai ela disse “e eu me esqueci de perguntar seu nome”, ai ele disse “eu te conheço, eu te vejo

todo dia”, o que respondeu a ela foi isso, ela disse que quando foi olhando para trás ela viu um pássaro bem alvinho voando assim, por cima do apartamento assim onde ela tava, ai ela disse que sentiu que era o Divino Espírito Santo que tinha vindo deixa ela em casa, ai quando chegou, ai de noite mesmo ligou para mim, “oh mamãe”, ai contou a história, eu disse “minha filha, pois foi”, ela disse “tô aqui com o pé direito aqui muito inchado mas amanhã vou ter que”, no outro dia o pé dela disse que amanheceu o dia, ela disse pra ela, não tinha acontecido nada no pé, ela disse que ficou até com vergonha, que chegou de noite contando para a patroa dela que tinha tirado o pé, quando foi no outro dia o pé bonzinho, ai eu disse “minha filha, pois foi minha filha, nós aqui na festa quando você falou, eu sempre entrego vocês ao Divino Espírito Santo e você é também muito devota do Divino Espírito Santo”, ela disse “pois é”, ai sei que ela aconteceu essa lá com ela (Maria Rita, 04/05/2023).

Muitos são os sentidos e significados atribuídos ao santo “O Divino é identificado como o santo da cura, da consolação, da misericórdia. A sua festa instala simbolicamente o império comunitário, centralizando ritualmente uma distribuição equalizada de bens que redistribui generalizadamente a toda a comunidade”. (Bandeira, 2003, p.357, apud. IPHAN, 2010, p.23). Essas representações de “cura”, “consolação” e “misericórdia” simbolizadas pelo Divino são elementos que fortalecem a devoção ao santo, e esse sentido de cura é expresso como observado, na festa do Divino Espírito Santo em Felizardo-CE a partir dos testemunhos de graças alcançadas, seja de restauração da saúde ou de proteção, desse modo:

[...] o devoto busca solução imediata de seus problemas numa relação direta com o sobrenatural, uma vez que por outros meios não foi possível resolvê-los. O apelo à interferência divina em favor de suas necessidades físicas, materiais ou espirituais é marcado por uma relação afetuosa e de confiança no poder intercessor da santa invocada. (Lima, 2009, p.07).

Compreende-se que a cultura é “um conjunto das práticas, das técnicas, dos símbolos e dos valores que se devem transmitir às novas gerações para garantir a reprodução de um estado de coexistência social” (Bosi, 1992, p.16), e sendo a festa do Divino Espírito Santo uma prática social entendida e significada pelos homens e mulheres que dela participam/participaram, e que a ela atribuem significados muito subjetivos, composta por símbolos e valores, os relatos de memórias se constituem como peça fundamental para analisar desses aspectos da festa, vejamos pois os significados atribuídos a ela a partir da fala de Maria Rita (04/05/2023):

Ele é na minha vida, ele é tudo. Eu né... não sei viver, quer dizer, não sei o que seria de mim sem, se não fosse o Divino Espírito Santo, que alguma coisinha que eu sinto já vou me recorrendo a ele, já me valendo dele, desde quando começou essa festa, eu já... eu comecei essa grande fé, que com ele, ele tem um grande significado na minha vida e na vida da minha família.

Desta forma Maria Rita (04/05/2023) atribui, quando fala “de alguma coisinha que eu sinto” se refere a questões de saúde e cura, como também de proteção, e prontamente recorre ao Divino Espírito Santo de forma a intervir nos problemas da vida terrena. Já Josefa Maria (05/05/2023) fala que para ela o Divino Espírito Santo:

[...] significa muito porque quando se fala do Divino, o Divino já é uma coisa muito forte, que já é o espírito de Deus né? Sem o Divino a gente não é nada, tudo que acontece na nossa vida, é tudo por intermédio do Espírito Santo, o Espírito Santo é quem dirige toda a nossa vida, toda nossa mentalidade, na gente é o Espírito Santo. Josefa Maria (05/05/2023).

Para Josefa Maria (05/05/2023) o Divino Espírito Santo atrela o significado da festa ao sagrado fazendo uma ligação direta com Deus. Pelo seu relato é possível reforçar também que se trata de uma devoção representando o Espírito Santo como guia, como o condutor de todas as coisas na sua vida, e para quem participa da festa e tem essa devoção com o santo ela ressalta que “[...] é por amor a aquilo que tá acontecendo, de oração, de alegria né? É, parece que é o fogo do Espírito Santo que desce nas pessoas”, e é esse mesmo sentimento que diz movê-la a participar, além de o fato de “já ser católica e gostar da igreja né?”, como também pontua Maria Elizabete (16/05/2023) é “a fé, né? A fé, e a devoção. A fé e a devoção e como eu havia falado em outras palavras, o próprio Espírito Santo que nos move, independente de quem seja o padre, de quem esteja a frente, quando se tem fé, basta. Só Deus basta”.

Já para Joaquim Rodrigues (08/05/2023) a festa significa “[...] um momento de renovação da fé, e pelo menos para aqueles que entendem, é o momento que até fala do fogo abrasador do Divino Espírito Santo, é o momento de cada um renovar a fé, pra aqueles que realmente acompanham e vão é muito importante”. e também diz que “[...] é uma festa pra mim grandiosa. Tem um símbolo, um valor simbólico muito grande para o Felizardo, e eu acho que engrandece o lugar, até o pessoal de Ipaumirim vem assistir” (Joaquim Rodrigues, 08/05/2023).

A dedicação das pessoas dando sua ajuda também tem muito a dizer sobre a importância e o sentido da festa para quem dela participa, vejamos a fala de José Geraldo (04/05/2023).

Eu participava porque eu dedicava tudo na festa né? [...] quando era pra pedir ajuda pra fogos, que eu levantava muitas caixas de festejo pra soltar meio dia três horas da tarde, a noite e no outro dia de madrugada, e soltar ainda na festa, arranjava muito patrocinadores [...] o dinheiro era todo pra festa e também nós corria atrás de alimento, em São José, em Ipaumirim, onde muitos comerciantes ajudavam, Canauna e aqui no distrito. (José Geraldo, 04/05/2023).

Josefa Maria (05/05/2023) ainda fala também da importância da festa do Divino Espírito Santo para trazer mais devotos para a capela: “[...] é um chamativo do povo ir para a igreja porque o povo estava muito afastado e quando chega esse período, né? Pelo menos no período da festa o povo vai, mas aí recebe muitos conselhos, essas pessoas né? [...] Que não abandone a igreja, que não faça isso”. Josefa Maria (05/05/2023) ainda pontua o destaque da festa em relação a outras que acontecem no distrito [...] quando é outras festas, não tem a participação que tem essa, aí eu acho importante sim, porque o pessoal se acorda para o que vai acontecer ali né? [...] Quando diz assim, ‘começou o novenário do Divino’ a igreja enche, tem uma grande diferença na participação” não só no novenário mas também na missa de encerramento o número de pessoas na capela aumenta (figuras 44 e 45).

Figura 44 e 45: Missa de encerramento da festa do Divino Espírito Santo, Felizardo-CE, 2019.



Fonte: Acervo da capela Nossa Senhora da Conceição.

Esse destaque da festa do Divino Espírito Santo em relação às outras celebrações no distrito é perceptível e sinaliza a importância atribuída a ela que é expressa também na fala de Maria Elizabete (16/05/2023) quando diz que a festa se torna relevante para a comunidade:

Pra que a gente realmente né? vivencie o Pentecostes. Pra que realmente a gente possa entender a importância do Espírito Santo em nossas vidas né? [...] Para que as pessoas conhecessem mais o Cristo ressuscitado né? que apenas não visitassem a nossa capela no período do novenário do Divino Espírito Santo, que vinhessem a missa do dizimo, que é uma vez a cada mês, no segundo sábado de cada mês (Maria Elizabete, 16/05/2023)

O relato de Josué Olivares também destaca o significado e importância da festa para comunidade "ela significa a fé dos cristãos, você vê que quando não é na festa muitas pessoas não frequentam a igreja e durante a festa elas vem muito com aquela fé [...] ela se destaca no município e também na, em relação às cidades vizinhas" (11/05/2023). Observamos aqui, que mais uma vez, a festa é descrita como uma forma de atrair pessoas para as atividades da igreja, os discursos ou sermões da missa estão voltados justamente para este público que aparece nas

datas festivas. Logo acima, Josefa Maria (05/05/2023) referenciou esse momento na sua entrevista, quando fala dos concelhos, entre eles, o de " não abandone a igreja". Nesse sentido, podemos entender que a festa do Espírito Santo aparece nas entrevistas como momento estratégico, pois a participação dos diferentes públicos seria ideal para passar uma mensagem. Na figura 46, temos um banner confeccionado para a festa de 2019, que retrata esse objetivo, ele foi exposto na parte externa da Capela Ns^a. Senhora da Conceição, contendo “os 7 dons do Espírito Santo”, vejamos:

Figura 46: Banner, os sete dons do Espírito Santo, Felizardo-CE, 2019.



Fonte: Registro da autora.

Percebe-se que o empenho em confeccionar tal material e deixá-lo em exposição denota uma preocupação em passar uma mensagem para as pessoas ali presentes, ao observarem as informações, tomam conhecimento dos “dons do Espírito Santo”¹⁷, tais informações fazem parte do texto de referência para o ensino da Doutrina Católica, o Catecismo¹⁸, e também está em Isaías 11:02 no antigo testamento da Bíblia Sagrada. Nesse contexto, mesmo que não diretamente, as pessoas acabam por ter acesso ao conteúdo bíblico, e a Doutrina por meio desse material exposto, até mesmo aqueles que vão à festa com outros propósitos.

¹⁷ Você conhece os dons do Espírito Santo? **Idemais**, 2022. Disponível em:

<https://www.idemais.com.br/noticias/voce-conhece-os-dons-do-espírito-santo/> Acesso em: 01 de jun. de 2023.

¹⁸ Você conhece a história do Catecismo da Igreja Católica? **Blog Edições CNBB**, 2022. Disponível em:

<https://edicoescnbb.blog/2022/07/07/voce-conhece-a-historia-do-catecismo-da-igreja-catolica/comment-page-1/#:~:text=O%20Catecismo%20do%20Conc%C3%ADlio%20de,da%20Igreja%20Cat%C3%B3lica%20em%201992.> Acesso em: 01 de jun. de 2023.

4.3.2. *Não só de devotos se faz a festa: Outros usos do festejo do Divino Espírito Santo no distrito Felizardo-Ce*

Das mudanças empreendidas na festa do Divino Espírito Santo foi citada como motivo as questões financeiras, dessa forma é um aspecto que vale ser discutido. Josué Olivares (11/05/2023) fala que “[...] a gente investe na capela né? Que o nosso foco de trabalho, a nossa meta era a casa paroquial, que foi construída mas falta muita coisa para ser terminada, ser concluída e também aqui na capela o altar do Coração de Jesus, a gente trabalhou em cima desses dois projetos”, já Josefa Maria (05/05/2023) complementa a sua fala quando diz que:

É, realmente é, como diz a história, é uma capela pobre né? Ai tem que tocar a festa com os arrecadamento, porque dá gastos, não é fácil, a dificuldade maior é essa questão de, do trabalho, assim, porque, tem pessoas que, eu acredito que tem pessoas que ajuda de boa vontade mesmo né, mas tem aquelas pessoas que tem vontade e, mas não tem condições, né? (Josefa Maria 05/05/2023).

O festejo também tem gastos e para estes, os recursos são retirados dos arrecadamentos, doações e também dos patrocínios adquiridos vejamos do que trata Joaquim Rodrigues (08/05/2023):

E por exemplo: de carro de som que precisa nas nove noites, questão de fogos de [...] de utensílios pra enfeitar a igreja e as ruas, e também tinha o almoço que era comunitário no Domingo no final da festa, que sempre alguém doava um boi e a comunidade doava um carneiro, galinha pra fazer um almoço comunitário para todo mundo, e isto daí tem um custo. Em contrapartida, a igreja também faz o gasto “né” que precisa pra poder a festa acontecer e também arrecada com esta festa. Que geralmente é mandada a imagem pra os sítios e essa imagem vai sempre com um cofrezinho para a pessoal fazer a doação. E as noites também, as nove noites que acontece tem também a oferta de cada comunidade, em cada noite a população faz a doação. (Joaquim Rodrigues 08/05/2023).

Com a retirada do almoço, na alegação de que estaria trazendo gastos segundo Josué Olivares (11/05/2023), uma forma de angariar recursos para a capela, em vez de servir o tradicional almoço, foram criadas barracas para a venda de comidas para a capela ter rendimento, tendo em vista que o foco era investir nela, assim a festa do Divino por ser um “chamativo do povo” e envolver um grande número de pessoas é utilizada também como forma de angariar recurso para investir nas melhorias desta, que muito era questionado quando Zuleide estava à frente da organização e que foi observado no depoimento de Josefa Maria (05/05/2023) ao falar que ela dedicava todos os recursos exclusivamente a festa e a capela não tinha nenhum saldo. Em contrapartida a festa também beneficia o comércio local:

Sim, por que move o comércio um pouco, de qualquer forma, antes... antes movia mais como eu falei pra você, no novenário, durante as oito noite de novena... as nove noites de novenas, aliás, as nove noites de novena, que o novenário são nove noites de novena, antes, as ruas não cabiam de gente, movia mais o comércio, hoje infelizmente as pessoas, quando a imagem saia, com muita dificuldade da igreja. (Maria Elizabete, 16/05/2023).

Quando a entrevistada fala que antes movia mais o comércio se refere a festa pré pandemia, que na sua visão com mudança também foi afetado o comércio local, pela insatisfação por parte da população que acaba por diminuir sua participação no festejo, e a esse respeito cita Rosana Francisca (10/05/2023) que:

[...] foi uma contenda grande, daquelas donas de bar ali ao redor que não queria saber de reza, só quer saber de vender, ai teve aquele movimento, foi um movimento grande viu? [...] Uns acharam bom e outros não, porque eles não queriam saber de rezar, eles queriam saber de vender. (Rosana Francisca, 10/05/2023).

Da festa participam além das pessoas do distrito e município, pessoas das cidades circunvizinhas, dessa forma o grande contingente de pessoas no período da festa do Divino Espírito Santo traz também um benefício econômico, “[...] economicamente porque assim, eu venho de outro estado pra cá, então imagine as pessoas do próprio município e de municípios circunvizinhos né, então elas vem pra cá também, deve movimentar a economia daqui [...]”. (Francisco Antônio, 09/05/2023), mas a mudança também modificou o quadro econômico, e isso gerou insatisfação como já mencionado, é um exemplo desta as vendas das pessoas da localidade, que viam na festa uma oportunidade de vender mais mercadorias.

Francisco Antônio (09/05/2023) do estado da Paraíba é um exemplo de pessoas que vêm participar do festejo, e que são de outros estados “[...] o incentivo maior foi a curiosidade, mas, claro, pelo fato de eu me deslocar para cá constantemente contribuiu, aí comecei a conhecer a localidade e foi me apresentado a festa, é, no caso pela a minha namorada a celebração muito antes [...]”. E não só de estados vizinhos, “De Brasília mesmo vinha, que vinha a família dela para a festa para assistirem, vinha gente de Fortaleza, mas sendo daqui mesmo, mas deixavam para vir no tempo da festa para assistirem a festa daqui. Vinha gente de Cajazeiras, vinha muita gente também, de muitos lugares. Assim, essas pessoas vinham em sua maioria movidos por convites feitos de pessoas da própria localidade, sejam, parentes ou amigos, movidos pela curiosidade também, e pela própria socialização.

No trecho da entrevista¹⁹ abaixo, podemos perceber que o olhar sobre a festa do Divino estava intimamente ligado à ideia de socializar, se apartando, portanto, da ideia de devoção ao Espírito Santo. Em suas falas afirma que não participava da festa religiosa:

Eu não participava...eu não participava, porque...assim, eu ia para a rua porque tinha gente na rua, a galera chegava lá e chamava e nós íamos...mas, questão de participar eu nunca participei, eu ia mais por conta dos amigos, que eles me convidavam pra curtir, mas a festa em si, eu não participava (Cristiano José, 07/05/2023).

O fato de ter muitas pessoas na rua chamava atenção, era, por exemplo, o momento de as pessoas reverem as outras que a muito tempo não viam, como um momento também de diversão para elas, seja aproveitando a companhia uma das outras, seja fazendo a refeição que era oferecida gratuitamente, aproveitando para dar um passeio de cavalo (figura 47) ou participando do forró que acontecia no período da tarde, todas essas atividades atraíam as pessoas no último dia de festa.

Figura 47: Crianças andando a cavalo e almoço da festa do Divino Espírito Santo, Felizardo-CE, 2019.



Fonte: registro da autora.

Independente de participarem das atividades religiosas ou não, a festa atrai devotos, mas também atrai pessoas com variados interesses, atrai curiosos, e abre possibilidades de outros usos da festa como mencionado em uma passagem anterior sobre o monumento do Divino em Morada Nova-CE. O interesse em transformar a festa elevando ela a um patamar de

¹⁹ Entrevista com Cristiano José em 07/05/2023.

romaria traria ganhos econômicos bem maiores para a população do distrito Felizardo porém também tal empreendimento encontrará desafios:

Talvez a população é que não tenha percebido isso ainda, porque até essa de colocar a imagem ali, a gente vai tentar é... criar sei lá, uma romaria, alguma coisa. Que você... São Sebastião, eles fazem, Ipaumirim fazem são três, quatro dias de festa e romaria tudo mais. Então além do valor religioso, tem o valor capital que gera renda e tudo mais, o pessoal aqui não teve essa compreensão ainda de tornar essa festa maior pra trazer alguma coisa pro lugar. A imagem tando ali, se Deus quiser, a gente vai ver se consegue uma romaria pra aqui, tornar essa festa grandiosa e de repente as cidades começa a visitar imagem e tudo mais, como tá o Padre “Ciço” lá. O Padre “Ciço” quando foi colocado no Horto ninguém achava que ia ser o que foi, e taí acho que é a segunda maior romaria do Brasil né? É essas duas partes brigando, que podia se juntar e fazer as duas coisas (Joaquim Rodrigues 08/05/2023).

Também se estabelecem outras relações dentro da festa do Divino “[...] tem a questão política, porque eu acredito que tenha a questão política porque torna a localidade evidente né, é... ter um evento desse nível” (Francisco Antônio em 09/05/2023) em um distrito majoritariamente católico, em eventos dessa proporção, adquirir capilaridade²⁰ política é extremamente importante para construir relações com as bases eleitorais, se preocupando não apenas com o social, ou religioso, mas também com as questões políticas no município.

Nesse sentido podemos observar que as figuras políticas se mantêm engajadas, buscando estar presente nos eventos, a exemplo da inauguração da praça do Divino Espírito Santo, que podemos observar na figura abaixo (figura 48) a esquerda o ex-prefeito de Ipaumirim, Geraldo, que também esteve presente na inauguração da torre da capela Nossa Senhora da Conceição observado em capítulo anterior, e não apenas se fazendo presente, mas também dando um parecer sobre o evento, seja discursando ou dando entrevista, como também outras figuras como a vereadora Luciene, se fizeram presente dando suas contribuições no evento.

Figuras 48: Fotos da inauguração da praça do Divino Espírito Santo, Felizardo-CE, 2012.

²⁰ Segundo a socióloga Olga Borges Lustosa A capilaridade política “resvala na decolagem da candidatura, na tendência de subir e ocupar espaço” (Lustosa, Olga Borges. 2018).



Fonte: imagem retiradas do blog Distrito Felizardo. Disponível em:
<https://distritofelizardo.blogspot.com/2012/06/praca-do-divino-e-inaugurada.html>

Acesso em: 04 de ago. de 2021.

Ainda neste sentido, podemos compreender que a festa tem seus usos políticos e isso não é algo relativamente incomum. De fato, a capilaridade, como já explanado anteriormente, é de vital importância para a sobrevivência política de qualquer pretense candidato a cargo público (Dias, 2004). Contudo, o simples fato de se atrelar direta ou indiretamente a imagem de um festejo com esses, especialmente, em uma localidade onde tradicionalmente todos os votos são o verdadeiro divisor entre o sucesso político e o fracasso eleitoral, é de extrema importância e permite a penetração da imagem do mesmo dentro das esferas sociais do lugarejo (DIAS, 2004).

Importante destacar que, a política não é realizada de forma direta dentro do festejo. A capilaridade se dá, consideravelmente, de forma indireta. Existe, desta forma, uma linha bastante tênue entre, a participação única e exclusivamente para ganhos pessoais, e a participação de forma orgânica de interação com o festejo, conforme destaca-se no trecho da entrevista abaixo:

Rapaz não, assim porque graças a Deus eu gosto de me envolver no que acontece no Felizardo, mais a festa ela, vamos dizer assim, pra a comunidade ela é muito concorrida, como é uma festa que é grande né? muita gente infelizmente se utiliza da festa pra querer aparecer e tal. E eu particularmente acho melhor ajudar e ficar nos bastidores, porque eu sempre ajudei, graças a Deus eu sempre ajudei, sou católico e gosto de ajudar o que é do Felizardo, como agora estou na qualidade de político quanto menos eu aparecer melhor, porque o pessoal pode dizer que eu estou me utilizando da festa pra ganho político, e Deus me livre, tem outros espaços pra gente fazer política e na igreja não dá certo não (Joaquim Rodrigues em 08/05/2023).

Desta forma, podemos perceber que a participação política é existente e de certa forma fundamental para qualquer carreira política no lugarejo, todavia, tal participação deve ser tênue. Isto posto, ao observarmos tais manifestações políticas que se adaptam à realidade da festa, nos

é permitido analisar mais profundamente tais relações, principalmente, no que diz respeito ao poder público e o festejo (Dias, 2004).

No Trecho da entrevista abaixo, podemos entender como se dá a participação do poder público no festejo, em especial, da prefeitura, ao dar o seu suporte para a realização da festa, como forma de fomento à atividade cultura no lugarejo, [...] é como eu “tô” dizendo à ajuda do poder público ela sempre existiu, mais em nem toda gestão contribuiu. Por exemplo: a que é dos “Alves” sempre houve uma participação [...] Tem gestão que é mais participativa, tem gestão que não é.” (Joaquim Rodrigues, 08/05/2023).

Tal ajuda por parte do poder público está amparada diretamente, por exemplo, na própria Constituição Federal, em seu art. 215, ao estabelecer que o Estado será garantidor direto para o exercício de direito culturais diversos, vejamos:

Art. 215. O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais.

§ 1º O Estado protegerá as manifestações das culturas populares, indígenas e afro-brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional.

§ 2º A lei disporá sobre a fixação de datas comemorativas de alta significação para os diferentes segmentos étnicos nacionais.

É imprescindível pontuar que os organizadores da festa do Divino procuravam/procuram colaboradores para ajudar na festa, geralmente recorrendo às figuras públicas para adquirir patrocínio, uma vez que estando a frente do poder político, podem e como está previsto em lei devem ajudar, desse modo se torna uma via de mão dupla, onde a festa se beneficia e é beneficiária nessas relações. Sendo assim, não resta dúvidas sobre a obrigatoriedade da participação do Município como agente ativo do festejo, bem como, da sua importância. Todavia, precisamos destacar que, como foi expresso na fala acima, existem elementos políticos que podem auxiliar e da mesma forma atrapalhar o andamento do festejo. Tais elementos são indissociáveis da festa, visto que, a mesma não está inserida em um vácuo de poder, mas sim faz parte da rica diversidade de relações de poder no distrito, conforme veremos neste trecho da entrevista: “[...] Que infelizmente né? A parte política também ela de qualquer forma está imbricada na festa. Quem muitas vezes tá à frente se for mais... situação tem a tendência de ter mais ajuda, se for oposição tem a tendência de não ter” (Joaquim Rodrigues, 08/05/2023). Um exemplo de atuação política na festa era no “forró” onde algumas

gestões pagavam a festa totalmente e outras ajudavam com patrocínio. Depois a iniciativa privada ficou fazendo” (Joaquim Rodrigues, 08/05/2023).

As relações políticas elevam o festejo a algo também além de um evento litúrgico. A festa, em síntese, se trata de uma forma de identificação, de criação de laços e de proximidade com o devoto, que, em outro contexto, também é eleitor. O voto vai além de apenas ideologia política e/ou consciência de classe, tais motivações perpassam por tais elementos e, em localidades onde a proximidade entre eleitores e candidatos é maior, surgem as motivações de cunho explicitamente pessoal e emocional (Pereira, 2015).

Todavia, conforme já explicitado anteriormente, a criação de tais conexões não se dá de forma abertamente explícita, conforme o trecho abaixo nos permite compreender:

E eu particularmente acho melhor ajudar e ficar nos bastidores, porque eu sempre ajudei, graças a Deus eu sempre ajudei, sou católico e gosto de ajudar o que é do Felizardo, como agora “tô” na qualidade de político quanto menos eu aparecer melhor, porque o pessoal pode dizer que eu “tô” me utilizando da festa pra ganho político, e Deus me livre, tem outros espaços pra gente fazer política e na igreja não da certo não. (Joaquim Rodrigues, 08/05/2023).

Por outro lado deve-se lembrar que também se trata para além de uma figura política um devoto, uma coisa não anula a outra, tem suas crenças e valores, mas, tem seus interesses pessoais e mesmo que indiretamente tem sua participação que se converte em ganho político. Se utilizar da festa para ganhos políticos é, de certa forma, mal visto pela comunidade local, em particular, a festa do Divino Espírito Santo, conforme também podemos observar na entrevista a seguir:

[...] Então assim, eu acho que... e a tendência... e outra coisa, tá politizada, assim como foi politizado o Tabaco Fumaçando e o Arrasta Pé, e se acabou-se, está politizada. Política... dentro da Festa do Divino Espírito Santo, aí vai se findar em que? Da mesma forma que aconteceu, tá politizada... tá politizada. Muita política. Ai... é aquela coisa né, o lugar é pequeno, as pessoas enxergam e veem, então... as pessoas vão se afastando. (Maria Elizabete, 16/05/2023).

Maria Elizabete (16/05/2023) menciona ainda um possível afastamento das pessoas porque a festa está “politizada” mas, no sentido que tenta atribuir está mais relacionado a “politicagem” onde existem interesses pessoais, e supõe que esta possa levar a sua ruína. Todavia, é interessante ressaltar que, o auxílio aparentemente orgânico, esse sim, é bem querido, gerando justamente o efeito inverso de uma atitude explícita de interesses pessoais

A existência de certo poder político presente no festejo e a participação do poder público criam certos parâmetros que nos permitem delimitar até onde chega a importância da festa (Pereira, 2015). A participação ou a contribuição de políticos, esta vinda, seja a pedido por parte de quem está à frente da festa, ou por vontade própria de forma orgânica, demonstra que não apenas a festa ganha destaque dentro das relações políticas no município, bem como delimita uma área de influência desta dentro da política local. Vejamos mais um exemplo de atuação política dentro do festejo do Divino a partir da figura 49 e 50.

Figuras 49 e 50: Abanador distribuídos na festa do Divino Espírito Santo, Felizardo-CE, 2017.



Fonte: Registros da autora.

Precisamos salientar que, não apenas tais benesses políticas são restritas a apenas políticos e figuras públicas da localidade. Como parte integrante da política municipal, o Distrito conta com um total de 1.825 eleitores com sede eleitoral no distrito (TRE/CE, 2022), para fins de comparação, o Distrito de Canaúna tem 758 eleitores em sua sede eleitoral (TRE/CE, 2022), tornando assim o Distrito no segundo maior colégio eleitoral municipal, perdendo apenas para a sede do município, conforme podemos conferir na tabela 1 abaixo:

Tabela 1: Locais de votação e zona eleitoral do município de Ipaumirim-CE. 2022.

Locais de Votação

Município: IPAUMIRIM - 92ª Zona Eleitoral

Fonte: Sistema Elo - atualizado em 28/06/2023 - 11:31:04

COD. LOCAL	LOCAL	ENDERECO	BAIRRO	CEP	APTOS	QUANT. SEÇÕES
1015	GRUPO ESCOLAR BENEVENUTO DE ALMEIDA CAVALCANTE	TRAVESSA SAO JOSE SN	FELIZARDO-DISTRITO	63340000	448	2
1023	ESCOLA DE ENSINO FUNDAMENTAL DR JARISMAR GONCALVES MELO	AV CAPITAO URBANO 37	CENTRO-SEDE	63340000	1.412	6
1031	GRUPO ESCOLAR JOSE ALVES DE OLIVEIRA	VILA SAO JOSE	CENTRO-SEDE	63340000	911	4
1040	ESCOLA DE 1 GRAU DOM FRANCISCO DE ASSIS PIRES	RUA PRESIDENTE CASTELO BRANCO 110	CENTRO-SEDE	63340000	2.587	9
1066	GRUPO ESCOLAR CORONEL LUIS LEITE DA NOBREGA	SITIO SAO PEDRO SN	SAO PEDRO-SITIO	63340000	287	1
1082	ASSOCIAÇÃO COMUNITÁRIA DO SERROTE	SITIO SERROTE SN	SERROTE-SITIO	63340000	324	1
1104	GRUPO ESCOLAR FRANCISCO DE MELO E SILVA	DISTRITO DE CANAUNA SN	CANAUNA-SITIO	63340000	758	3
1112	GRUPO ESCOLAR VICENTE FELIZARDO VIEIRA	DISTRITO DE FELIZARDO SN	FELIZARDO-DISTRITO	63340000	1.377	5
1139	CENTRO DE EDUCAÇÃO INFANTIL POETA ALBERTO ALEXANDRE VIANA DE MOURA	AVENIDA ARGEMIRO FELIZARDO	CENTRO-SEDE	63340000	313	1
1210	GRUPO ESCOLAR LUIZ PINHEIRO BARBOSA	VILA ALTO BANDEIRANTE	CENTRO-SEDE	63340000	498	3
1236	POSTO DE SAÚDE DA VILA FAZENDINHA	VILA FAZENDINHA	VILA FAZENDINHA	63380000	305	2
1244	ASSOCIAÇÃO DOS AGRICULTORES DO SÍTIO SÃO VICENTE	SÍTIO SÃO VICENTE	SAO VICENTE-SITIO	63380000	336	2
TOTAL						
Locais						12
Seções						39
Aptos						9.556

Fonte: TRE/CE. Locais de votação. Município: IPAUMIRIM - 92ª Zona Eleitoral. Sistema Elo. Disponível em: <https://apps.tre-ce.jus.br/CartorioEleitoral/LocaisMunicipioController.do?jsessionid=E8FED21F7EC4EBB6234768C20A7C6207?municipio=14150&zona=92&nomeMunicipio=IPAUMIRIM>. Acesso em: 29 de jun. 2023.

Desta forma, torna-se nítida a influência quantitativa do Distrito nas eleições municipais, tornando assim as manifestações ocorridas no mesmo em oportunidades políticas de inserção de figuras dentro do mesmo. Podemos observar que, a participação em eventos que evidenciam determinadas figuras públicas e melhorem a sua imagem perante a comunidade, propiciam uma oportunidade de se capitalizar politicamente dentro do segundo maior colégio eleitoral do município.

Isto posto, podemos compreender que o devoto, antes de tudo, também é cidadão e eleitor, agente político e participante ativo do sistema político local, sendo por definição a peça fundamental nas relações políticas de poder do lugarejo (Pereira, 2015). Logo, ser bem quisto pelo “cidadão devoto”, incorre em possivelmente ser bem quisto pelo “cidadão eleitor”, e que aquele(s) votos passem a ser a base de sustentação para oportunidades políticas de figuras públicas do distrito ou até mesmo externas a este, como resta demonstrado na Figura 38, onde o prefeito constitucional do município, à época, participava da inauguração da torre da capela, dentre outras figuras.

Desta forma, não nos resta dúvidas de que o festejo não é apenas uma manifestação cultural religiosa inserida em um vácuo de poder e influência, limitado a apenas os seus próprios usos litúrgicos. O festejo é muito além, e suas relações e construções perpassam pela construção de sentidos, significados e este tem seus usos e recursos para a comunidade e envolve tensões, transformando a intimidade das relações de poder a nível local, se inserindo nas relações políticas de poder do município e influenciando aqueles que dela participam e/ou contribuem, também se beneficiando a festa desses usos. Não só de devotos se faz a festa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos a historicidade da prática devocional ao Divino Espírito Santo no distrito Felizardo-CE entre os anos de 1994 e 2023, discutindo o objeto de estudo na história e na produção historiográfica entendendo os diálogos produzidos sobre essa cultura de forte expressão da religiosidade popular inserida em um espaço fundado a partir de suas raízes históricas fincadas em uma cultura religiosa católica que propiciou a criação da festa do Divino Espírito Santo nesse espaço.

Entre os anos de 1994 e 2023, no distrito Felizardo, se inventou e se reinventou a festa do Divino Espírito Santo, fomentada por homens e mulheres que significam e ressignificam essa prática, seja por meio da devoção ao Divino ou pelos diferentes usos feitos desta, onde foram identificados diferentes atores, diferentes segmentos sociais, e a partir de diferentes interesses perpassados por relações de poder, por relações conflitantes para a construção de uma cultura e de uma história da festa.

Entre os conflitos e as relações de poder na invenção e reinvenção da festa também existem memórias que se constituíam/constituem, memórias contadas, múltiplas em seus sentidos e significados, e capaz de reforçar essa devoção, memórias que revelam sobre uma íntima relação com o sagrado, que enriquecem esta prática e manifesta a cultura e religiosidade de um povo que lhe atribuem diferentes significados mas também fazem dela diferentes usos. Desse modo foi possível observar a existência de múltiplas práticas na festa do Divino em Felizardo-CE.

Dada a complexidade do tema e das questões abordadas, com esse trabalho não se pretendeu colocar a história da devoção ao Divino Espírito Santo como acabada, encerrada em si próprio. Com este trabalho buscou-se, para além de compreender a historicidade da devoção ao Divino Espírito Santo no Distrito Felizardo a partir da provocação e problematização dos objetivos deste, também contribuir para a historiografia local, contemplando aspectos da cultura religiosa de Felizardo-CE, assim como também provocar outros olhares sobre a festa do Divino Espírito Santo pois já se debatem planos para o futuro da festa como a implantação do monumento semelhante ao visto na cidade de Morada Nova-CE.

Tal empreendimento abre margem para novos olhares sobre a festa, que contemplam o turismo religioso, assim como abordagem sobre espaço, e espacialização da fé, cultura e religiosidade em uma só festa.

Por fim, conseguimos assim, compreender apenas uma fração das complexas ligações, invenções e reinvenções, significados e conflitos deste festejo em todo o período analisado. Em particular, compreender e estudar tal festa, na qual também estou inserida, permite correlacionar os fenômenos políticos, econômicos, sociais e culturais que a cercam, de forma a tentar esclarecer as suas raízes históricas, como também imaginar que o futuro da festa permanece aberto às possibilidades e nestas inclui a capacidade da cultura popular de se reinventar, e usar de práticas e táticas para subverter a ordem vigente da festa do Divino Espírito Santo em Felizardo-CE, e como as pessoas que dela participam constroem sentidos e significados que impactam no modo de ver a vida, de pensar e de agir. A festa é um espaço de devoção e fé, mas também reflete as dinâmicas sociais do povo e dos habitantes do distrito Felizardo. Ela não apenas movimentava o comércio e as posições sociais, mas também revela a predominância da fé católica na maioria da população. Ao longo do tempo, a festa tem sobrevivido adaptando-se às mudanças, aproximando-se das tradições que distinguem o local e proporcionando um momento de conexão com a comunidade e com a história da região.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Martha Campos. **O império do Divino: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro, 1830-1900**. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP: [s.n.], 1996.
- AGOSTINHO. A Trindade. Trad. Agustino Belmonte. São Paulo: Paulus, 1994. 726 p
- ALBERTI, Verena. O lugar da história oral: o fascínio pelo vivido e as possibilidades de pesquisa. In: Ouvir contar – textos em história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004, p. 13-31.
- ANDRADE, S. R. DE. Religiosidade católica no Brasil a partir da Revista Eclesiástica Brasileira. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 1, n. 2, 11. 2000.
- APÓS doações de fieis e empresário, torre de igreja é inaugurada com grande festa. **Diário do Sertão**, Ipaumirim, 29 de jul. 2015. Disponível em: <https://www.diariodosertao.com.br/noticias/religiao/53513/apos-doacoes-de-fieis-e-empresario-torre-de-igreja-e-inaugurada-com-grande-festa-video.html> Acesso em: 04 de ago. 2021.
- APRESENTAÇÃO. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan)**. 23 de nov. 2020. Disponível em: <https://www.gov.br/iphan/pt-br/aceso-a-informacao/institucional/apresentacao> Acesso em: 09 de fev. de 2022.
- A SANTÍSSIMA Trindade. **Catolicismo Romano**. Disponível em: <https://www.catolicismoromano.com.br/a-santissima-trindade-explicacao/> Acesso em 06 de nov. de 2022.
- BARROS, J. D. (2005). HISTÓRIA CULTURAL E A CONTRIBUIÇÃO DE ROGER CHARTIER. *Diálogos - Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História*, vol. 9, n. 1, 2005, pp. 125-141.
- BAKHTIN, M. **A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Trad. Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da UnB, 1987.
- BLOG DE PARATY. Festa do Divino Espírito Santo. Disponível em: <https://paraty.com.br/blog/festa-do-divino-espírito-santo/> Acesso em: 16 de abr. de 2023.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia da Letras, 1992.
- BOURDIEU, P. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- BRANDÃO, A. Quarentena amorosa. Rio de Janeiro: Sextante, 2015.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O que é Folclore. 4. ed. São Paulo: Editora Brasiliense 1984.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Brasília, DF: Presidência da República, 2023. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 28 jun. 2023.
- BETTO, Frei. Brasil: País em Desenvolvimento. Editora Vozes, 1984.

BETTO, Frei. Brasil: Terra de Contrastes. 8ª edição. Editora Rocco, 2006.

BURKE, Peter. **Hibridismo Cultural**. São Leopoldo CED. UNISINOS, 2003.

_____. **O que é história cultural?** Trad. Sérgio Góes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

CAVALCANTE, Fernando. Eita que interior véi bom. 01 mai. 2019. Disponível em: https://www.instagram.com/p/Bw6zDX_nlNN/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 04 de ago. de 2021

_____. Distrito Felizardo. 23 fev. 2020. Disponível em: https://www.instagram.com/p/B86rzXKnsj5/?utm_source=ig_web_copy_link. Acesso em: 04 de ago. de 2021.

CAVALHADAS de Pirenópolis Patrimônio Cultural Imaterial. Agita Pirenópolis. 2017. Disponível em: <https://www.agitapirenopolis.com.br/cidade-de-pirenopolis/cavalhadas-de-pirenopolis> Acesso em: 18 de ago. 2022.

CERTEAU, Michel de. A Invenção do Cotidiano. 3ª Edição. EDITORA. VOZES. Petrópolis. 1998. p. 176.

CONCEIÇÃO, Capela Imaculada. No dia 09/06/2019, vivemos, com fé e esperança, o Encerramento do 25º Ano da Festa do Divino Espírito Santo, no Distrito Felizardo, com o Tema: Vinde Espírito Santo! Dái-nos Vossos Sete Dons. Felizardo, 30 jun. 2019. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/BzVsSLDB9Dr/> Acesso em: 04 de ago. de 2021.

COSTA, Ana de Lourdes Ribeiro da. **A cartografia do período colonial brasileiro e a Igreja Católica**. Visões Urbanas, Salvador, v. 5, n. Especial, [s.p.], 2008.

CPDOC. História Oral. **Programa de História Oral da Fundação Getúlio Vargas** (FGV CPDOC) Página Inicial. Disponível em: <https://cpdoc.fgv.br/acervo/historia-oral>. Acesso em: 16 fev. 2023.

CHAGAS, Maria Flaucineide Vieira, ROLIM, Raimunda Vieira. **Em Família**. Cajazeiras: Edição do autor. 2004.

CHARTIER, Roger. A história cultural entre práticas e representações. Trad. de Maria Manuela Galhardo. Lisboa: Difusão Editora, 1988, 244 p.

_____. "Cultura Popular": revisitando um conceito historiográfico. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 8, n° 16, 1998, p. 179-192.

CRUZ, J. E. da. (2021). A estirpe de conselheiros do catolicismo popular sertanejo do Nordeste brasileiro. PLURA, Revista De Estudos De Religião / PLURA, Journal for the Study of Religion, 12(2), 182–205. Recuperado de <https://revistaplura.emnuvens.com.br/plura/article/view/1836>

DIAS, Marcia R. . **Da Capilaridade do Sistema Representativo: em busca da legitimidade nas democracias contemporâneas**. Civitas (Porto Alegre) , Porto Alegre, v. 4, n.2, p. 235, 2006.

DISTRITO Felizardo. BLOG DO DISTRITO FELIZARDO, 2011. Disponível em: <https://distritofelizardo.blogspot.com/2011/11/blog-post.html>. Acesso em: 13 de ago. de 2021.

DPH-IPPLAP. **A festa do Divino Espírito Santo de Piracicaba**. – Piracicaba: IPPLAP, 2012.

ENCONTRO de bandeiras reúne fiéis do Divino às margens do Rio Piracicaba. G1, 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/piracicaba-regiao/noticia/2013/07/encontro-de-bandeiras-reune-fieis-do-divino-margens-do-rio-piracicaba.html> Acesso em: 16 de abr. de 2023.

ERIG, Geruza Aline; SANTANA, Aline Gomes; FERREIRA, Mayele Cristina de Andrade. Turismo e Evento: Festa do Divino Espírito Santo em Natividade, Tocantins, Brasil. 2018. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/4735/473557642010/html/> Acesso em 16 de abr. de 2023.

FESTA do Divino Espírito Santo. **Blog Khristianos**, 23 de mai. De 2015. Disponível em: <https://khristianos.blogspot.com/2015/05/festa-do-divino-espírito-santo.html> Acesso em: 11 de out. de 2022.

FESTA do Divino Espírito Santo. Festas e Tradições. **Conhecendo Morada Nova**. Disponível em: <http://www.portaldodivino.com/Moradanova/moradanova.htm>. Acesso em: 25 de abr. de 2023.

GONÇALVES, Rejane Monteiro Augusto. **Umari – Baixio – Ipaimirim: Subsídios Para a História Política**. Fortaleza: edição da autora,1997.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Traduzido do original francês. LA MÉMOIRE COLLECTIVE (2.^a ed.) Presses Universitaires de France. Paris, França, 1968.

HACKMANN, G. L. B. . O sentido cristão das festas religiosas. Teocomunicação , v. 36, p. 867-883, 2006.

HOBSBAWM, E. RANGER, T. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

IPHAN. **Festa do Divino Espírito Santo da cidade de Paraty/RJ**. Dossiê de registro-Paraty. Ministério da Cultura, 2009-2010.

JURKEVICS, Vera Irene. **Festas Religiosas: a materialidade da fé**. História. Questões e Debates , v. 22, p. 73-86, 2005.

KARNAL, Leandro; TATSCH, Flavia Galli. Documento e história – **A memória evanescente**. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (Org.). O historiador e suas fontes. São Paulo: Contexto, 2009, p. 9-28.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & história**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

LEITE, Serafim. "História da Companhia de Jesus no Brasil: Tomo I - A Origem e Fundação da Companhia de Jesus no Brasil (1549-1553)". São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1940

LEITE, Serafim. O Século XVI nos Domínios Portugueses na América. Vol. 3 da série "História da Companhia de Jesus no Brasil". Lisboa: Livraria Portugália Editora, 1938.

LIMA, A. C. C. . Fé e devoção: o ex-voto como meio simbólico de comunicação. In: XXV Simpósio Nacional de História- História e Ética, 2009, Fortaleza. História e Ética. Fortaleza: Fortaleza, 2009. v. 01. p. 148-148.

LOPES, Lara. Conheça os mascarados de Pirenópolis – Alegria da festa!. Agita Pirenópolis. 2017. Disponível em: <https://www.agitapirenopolis.com.br/conheca-os-mascarados-de-pirenopolis-20429> Acesso em: 18 de ago. 2022.

LUSTOSA, Olga Borges. **Capilaridade e Estrutura**. 2018. Disponível em: <https://www.rdnnews.com.br/blog-do-romilson/colunistas/olga-lustosa/conteudos/102787> Acesso em 12 de ago. 2021.

LUVIZOTTO, CK. As tradições gaúchas e sua racionalização na modernidade tardia [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2010. 140 p. ISBN 978-85-7983-088-4. Available from SciELO Books. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/cq8kr/pdf/luvizotto-9788579830884.pdf> Acesso em: 20 de abr. de 2022.

MACHADO, Iara. **Festa do Divino em Piracicaba: uma proposta de curadoria**. São Paulo, 2009, 193p.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: A Problemática dos lugares. In: Revista do programa de pós-graduação da PUC/SP. São Paulo, n. 10 dez./93. Tradução de Yara Maria Aun Houry.

NORONHA, C. U. A. . Teologia da Libertação, origem e desenvolvimento. FRAGMENTOS DE CULTURA , v. 22, p. 185-191, 2012.

NOS livros de tomo da igreja Católica, a história da comunidade. Folha do mate. 2015. Disponível em: <https://folhadomate.com/noticias/nos-livros-de-tombo-da-igreja-catolica-a-historia-da-comunidade/> Acesso em: 10 de maio de 2023.

O ANO Litúrgico. **Arquidiocese de Goiania**. Disponível em: <https://www.arquidiocesedegoiania.org.br/download.php?arquivo=uploads/o-ano-liturgico-0051027.pdf&nome=o-ano-liturgico-0051027.pdf> Acesso em 19 de abr. de 2023.

PATRIMÔNIO Imaterial. **Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan)**. 2014. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/234>. Acesso em: 11 de out. de 2022.

PEREIRA, F. J. . **Os usos políticos da festa: religião e política festejam o sagrado coração de Jesus**. 2015. (Apresentação de trabalho/Congresso). Disponível em:

https://evento.ufal.br/anaisreaabanne/gts_download/Francisco%20Jomrio%20Pereira%20-%201019861%20-%20203328%20-%20corrigido.pdf. Acesso em: 28 de jun. 2023.

PINSKY, Carla Bassanezi (Org.) ; LUCA, Tania Regina de (Org.) . **O Historiador e Suas Fontes**. 1. ed. São Paulo: Editora Contexto, 2009. v. 1. 333p.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente**. Projeto História, São Paulo, (14), abr. 1997, pp. 25-39.

PRAÇA do Divino é inaugurada. **Blog Distrito Felizardo**. Ipaumirim, 15 de Junho de 2012. Disponível em: <https://distritofelizardo.blogspot.com/2012/06/praca-do-divino-e-inaugurada.html>. Acesso em: 13 de mar. 2021.

REZAR uma novena é ter uma experiência espiritual enriquecedora. **Basílica São Miguel Arcanjo**. 2022. Disponível em: <https://basilicasaomiguelarcanjo.org.br/rezar-uma-novena-e-ter-uma-experiencia-espiritual-enriquecedora/> Acesso em: 06 de jun. de 2023.

RIBEIRO, Maria Alane Oliveira. **Cultura Fotográfica no Distrito Felizardo-CE (1930-2000)**. Monografia ((Licenciatura Plena em História), Universidade Federal de Campina Grande. Cajazeiras-PB, p. 86. 2019.

RODRIGUES, Amanda de Sousa. **O espetáculo Junino: as manifestações festivas das quadrilhas do Distrito Felizardo (Ipaumirim-CE), 1985-2013**. Monografia (Licenciatura Plena em História), Universidade Federal de Campina Grande. Cajazeiras-PB, p. 113. 2019.

SALDANHA, Bruna Cordeiro; SANTOS, Wanderson Benigno dos. **No monte, a fé: Espaço e religião, a Influência da religiosidade na construção de Serrolândia-Ba**. 2018. Disponível em: <http://anais.uel.br/portal/index.php/sinagget/article/download/477/399> Acesso em: 21 de abri. 2021.

SANTOS, Rafael Coelho Cursino dos Santos. **A Festa do Divino de São Luiz de Paraitinga: O desafio da cultura popular na contemporaneidade**. 2008. Dissertação (Mestrado em História Social). Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo.

SARAIVA, Adriano Lopes ; SILVA, Josué da Costa . **O culto aos santos padroeiros e a religiosidade popular nas comunidades ao longo do rio Madeira**. In: II Colóquio Nacional do Núcleo de Estudos em Espaço e Representações: espaços culturais: vivências, imaginações e representações, 2007, Salvador. Anais, 2007.

SILVA, Mônica Martins da. **As festas populares e a “invenção” das tradições: uma reflexão sobre as cavalhadas e a procissão do fogaréu em goiás (1940-1980)**. Patrimônio e Memória. UNESP – FCLAs – CEDAP, v.7, n.1, p. 212-230, jun. 2011.

SOTERO, ANA PAULA DA SILVA; SOARES, RICARDO MAURÍCIO FREIRE. **Constituição e Restrição a Direitos Fundamentais em Tempos de Pandemia de COVID-19: um Breve Estudo do lockdown no Estado do Maranhão**. Direitos e Deveres Fundamentais em Tempos de Coronavírus: Segundo Volume, p. 91, 2020.

SOUSA, Poliana Macedo de. **A Festa do Divino Espírito Santo: influências do Modelo de Império de Alenquer (Portugal) na festa de natalidade- Tocantins (Brasil)**. p. 14-20. 2017.

SOUSA, Silvana Vieira de. **Tradição e fé : memórias e histórias de uma religiosidade popular na Paraíba do século XX** /Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP [s. n.], 2011.

SOUZA, R. L. **O catolicismo popular e a Igreja: conflitos e interações**. História Unisinos, v. 12, p. 127-139, 2008.

THOMPSON, E.P. **Costumes em comum Estudos sobre cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das letras, 1998. Resenha de: OLIVEIRA, E. S. DIÓGENES, G. FAÇANHA, M. A. OLIVEIRA. R. L. Universidade Federal do Ceará, Centro de humanidades Departamento de História. Scribed Company. p. 01-06, 2015. Disponível em: <https://pt.slideshare.net/SuperHistoria/resenha-costumes-em-comum> Acesso em: 20 de ago. 2022.

TRIPADVISOR. Foto de Morada Nova: entrada de morada nova-- pomba do divino. Disponível em: https://www.tripadvisor.com.br/LocationPhotoDirectLink-g2344270-i77152690-Morada_Nova_State_of_Ceara.html Acesso em: 09 de mai. de 2023.

VOCÊ conhece os dons do Espírito Santo? **Idemais**, 2022. Disponível em: <https://www.idemais.com.br/noticias/voce-conhece-os-dons-do-espírito-santo/> Acesso em: 01 de jun. de 2023.

VOCÊ conhece a história do Catecismo da Igreja Católica? **Blog Edições CNBB**, 2022. Disponível em: <https://edicoescnbb.blog/2022/07/07/voce-conhece-a-historia-do-catecismo-da-igreja-catolica/comment-page-1/#:~:text=O%20Catecismo%20do%20Conc%C3%ADlio%20de,da%20Igreja%20Cat%C3%B3lica%20em%201992.> Acesso em: 01 de jun. de 2023.

VEIGA, Felipe Berocan. Os Gostos do Divino: Análise do Código Alimentar da Festa do Espírito Santo em Pirenópolis, Goiás. Candelária (Rio de Janeiro), v. 8, p. 135-150, 2008.

ANEXOS

ANEXO A - TCLE- TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário (a) no estudo **“SALVE O DIVINO” UMA HISTÓRIA DE DEVOÇÃO AO ESPIRITO SANTO NO DISTRITO FELIZARDO-CE (1994-2020) ”**, coordenado pelo professor (a) **DR^a. SILVANA VIEIRA DE SOUSA**.

Sua participação é voluntária e você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo tem por objetivo: **Compreender a historicidade da prática da devoção ao Divino Espírito Santo no distrito Felizardo-CE, no período de 1994 a 2020, por meio da sua discussão na História e na historiografia, a análise do espaço de inserção da devoção a partir da cultura religiosa do distrito e problematização dos significados e as modificações que a devoção ao Divino obteve no distrito Felizardo-CE.** Esta pesquisa se faz necessário por que a produção desse projeto possibilita uma contribuição para a historiografia do Felizardo-CE, onde se encontram escassas as pesquisas que contemplem perspectivas da cultura popular e da sociedade local, em particular, sobre a cultura religiosa na devoção ao Divino Espírito Santo no recorte temporal feito nesse estudo que vai de 1994-2020. Com este trabalho, busca-se contribuir para suscitar novos debates tendo em vista o crescente número de produções historiográficas no campo da cultura, a discussão proposta nessa pesquisa mostra sua importância como possibilidade de subsídio para novas pesquisas, com outros olhares, e outras questões a serem levantadas, para a produção científica.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido (a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: **Será realizada entrevista com gravador, conduzida a partir de um roteiro semiestruturado, após esse procedimento a entrevista passará por transcrição para ser utilizada na análise desse trabalho, para compreender qual relação o entrevistado tem com a prática devocional ao Divino Espírito Santo, a partir das falas analisar os sentidos e significados que ela tem, e as modificações em suas estruturas simbólicas, e de organização da prática no distrito Felizardo. Também serão coletadas fotos e vídeos caso o entrevistado tenha e possa disponibilizar.** Os riscos envolvidos com sua participação são: **De acordo com a Resolução 466/2012 do CNS (BRASIL, 2012), toda pesquisa envolvendo seres humanos envolve risco em tipos e gradações variados, os riscos serão mínimos, uma vez que não serão conduzidas experiências ou outras atividades potencialmente agressivas à integridade física ou mental dos participantes. Como participante você será informado de que a pesquisa consistirá somente de respostas as questões postas por**

meio de entrevista, acerca de suas experiências com a prática da devoção ao Divino Espírito Santo e os possíveis riscos serão, tão somente, relacionados a possível constrangimento ou desconforto ao relatar suas experiências. Os sujeitos participantes serão devidamente informados dessa possibilidade, destacando que podem desistir da pesquisa caso se sintam incomodados de alguma forma. Serão informados, ainda, sobre os benefícios que podem resultar do presente estudo. Os benefícios da pesquisa serão: No que diz respeito aos benefícios, a realização do estudo é importante, pois através da análise dos resultados obtidos será possível conhecer alguns aspectos da história local do distrito, enaltecendo a cultura histórica nos registros acadêmicos acessíveis ao público.

Todas as informações obtidas serão sigilosas e seu nome não será identificado em nenhum momento. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de maneira que não permita a identificação de nenhum voluntário.

Se você tiver algum gasto decorrente de sua participação na pesquisa, você será ressarcido, caso solicite. Em qualquer momento, se você sofrer algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, você poderá buscar o direito de ser indenizado.

Esta pesquisa atende às exigências das resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), as quais estabelecem diretrizes e normas regulamentadoras para pesquisas envolvendo seres humanos.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do Centro de Formação de Professores (CFP) da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) é um colegiado interdisciplinar e independente de caráter consultivo, deliberativo e educativo, que tem como foco central defender os interesses e a integridade dos participantes voluntários de pesquisas envolvendo seres humanos e, conseqüentemente, contribuir para o desenvolvimento da pesquisa dentro de padrões éticos.

Você ficará com uma via rubricada e assinada deste termo e qualquer dúvida a respeito desta pesquisa, poderá ser requisitada a DR^a. SILVANA VIEIRA DE SOUSA, ou ao Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos - CEP/CFP/UFCG cujos dados para contato estão especificados abaixo.

Dados para contato com o responsável pela pesquisa

Nome: DR^a. SILVANA VIEIRA DE SOUSA

Instituição: UFCG-CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES.

Endereço Pessoal: Rua Irma Fernanda São José, n° 91 Cajazeiras Paraíba 58900000

Endereço Profissional: Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, S/n - Populares, Cajazeiras - PB, 58900-000, Sala dos professores, n° 13

Horário disponível: Terça-feira 10h30 à 12h e quarta-feira 10h00m à 12h00m

Telefone: 83-99917-7771

Dados do CEP

Comitê de Ética em Pesquisa do Centro de Formação de Professores da Universidade Federal de Campina Grande- CEP/CFP/UFCG, situado a rua Sergio Moreira de Figueiredo, s/n, Bairro: Casas Populares, Cajazeiras - PB; CEP: 58.900-000.

Email: cepcfpufcgcz@gmail.com

Declaro que estou ciente dos objetivos e da importância desta pesquisa, bem como a forma como esta será conduzida, incluindo os riscos e benefícios relacionados com a minha participação, e concordo em participar voluntariamente deste estudo.

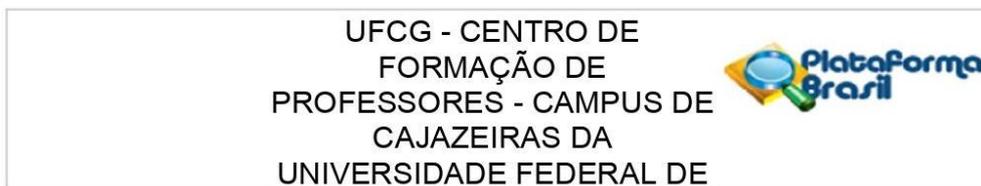
Felizardo, Ipaumirim-CE

Assinatura ou impressão datiloscópica do voluntário ou responsável legal

Silvana Vieira de Sousa

Assinatura do Responsável pela pesquisa

ANEXO B- PARECER CONSUBSTANCIADO CEP



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: "Salve o Divino" Uma história de devoção ao Espírito Santo no distrito Felizardo-CE (1994-2020)

Pesquisador: SILVANA VIEIRA DE SOUSA

Área Temática:

Versão: 1

CAAE: 68860823.4.0000.5575

Instituição Proponente: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.035.187

Apresentação do Projeto:

O Projeto em relatoria tem como título: "Salve o Divino" Uma história de devoção ao Espírito Santo no distrito Felizardo-CE (1994-2020). As entrevistas serão produzidas a partir de um roteiro semiestruturado, com 10 (dez) homens e mulheres adultos, devotas ou não devotar ao Divino Espírito Santo.

Objetivo da Pesquisa:

OBJETIVO GERAL:

- Compreender a historicidade da prática da devoção ao Divino Espírito Santo no distrito Felizardo-CE, no período de 1994 a 2020.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Discutir a prática devocional ao Divino Espírito Santo na História e sua discussão na historiografia;
- Analisar o espaço de inserção da devoção ao Divino Espírito Santo a partir da cultura religiosa do distrito Felizardo-CE;
- Problematicar os significados e as modificações que a devoção ao Divino obteve no distrito Felizardo-CE.

Endereço: Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, s/n

Bairro: Casas Populares

CEP: 58.900-000

UF: PB

Município: CAJAZEIRAS

Telefone: (83)3532-2075

E-mail: cepcfufcgcz@gmail.com

UFCG - CENTRO DE
FORMAÇÃO DE
PROFESSORES - CAMPUS DE
CAJAZEIRAS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE



Continuação do Parecer: 6.035.187

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

RISCOS: os possíveis riscos serão, tão somente, relacionados a possível constrangimento, ou desconforto ao relatar suas experiências.

BENEFÍCIOS: através da análise dos resultados obtidos será possível conhecer alguns aspectos da história local do distrito, enaltecendo a cultura histórica nos registros acadêmicos acessíveis ao público.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O presente projeto de pesquisa trata-se de um trabalho de conclusão de curso (TCC) cujo responsável é SILVANA VIEIRA DE SOUSA.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

O Projeto apresenta todos os termos. O pesquisador responsável SILVANA VIEIRA DE SOUSA anexou os seguintes documentos ao protocolo de pesquisa:

Projeto de pesquisa detalhado
Termo de anuência
TCLE
Questionário da pesquisa
Termo de compromisso do pesquisador
Termo de compromisso de divulgação dos resultados
Cronograma
Orçamento

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O projeto de pesquisa "Salve o Divino" Uma história de devoção ao Espírito Santo no distrito Felizardo-CE (1994-2020), número 68860823.4.0000.5575 e sob responsabilidade de SILVANA VIEIRA DE SOUSA atende aos preceitos éticos recomendados para trabalhos que envolvem seres humanos e, portanto, somos favoráveis à sua APROVAÇÃO.

Considerações Finais a critério do CEP:

Solicitamos que o relatório do presente projeto de pesquisa seja enviado a este CEP em um prazo máximo de seis meses a contar da sua data de aprovação.

Endereço: Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, s/n
Bairro: Casas Populares **CEP:** 58.900-000
UF: PB **Município:** CAJAZEIRAS
Telefone: (83)3532-2075 **E-mail:** cepcfufcgcz@gmail.com

**UFCG - CENTRO DE
FORMAÇÃO DE
PROFESSORES - CAMPUS DE
CAJAZEIRAS DA
UNIVERSIDADE FEDERAL DE**



Continuação do Parecer: 6.035.187

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2107484.pdf	17/04/2023 18:26:58		Aceito
Declaração de Pesquisadores	Termocompromissodospesquisadores.docx	17/04/2023 18:26:35	SILVANA VIEIRA DE SOUSA	Aceito
Outros	Termodivulgacaodosresultados.docx	17/04/2023 18:24:20	SILVANA VIEIRA DE SOUSA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	ProjetoCompletoonline.pdf	14/04/2023 20:14:35	SILVANA VIEIRA DE SOUSA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	Tclealine14.docx	14/04/2023 20:09:38	SILVANA VIEIRA DE SOUSA	Aceito
Orçamento	Orcamento.docx	29/03/2023 15:47:26	SILVANA VIEIRA DE SOUSA	Aceito
Outros	Instrumentodepesquisa.docx	29/03/2023 15:33:42	SILVANA VIEIRA DE SOUSA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.docx	29/03/2023 15:30:32	SILVANA VIEIRA DE SOUSA	Aceito
Folha de Rosto	folhaderostoo.pdf	29/03/2023 12:18:28	SILVANA VIEIRA DE SOUSA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAJAZEIRAS, 02 de Maio de 2023

**Assinado por:
Paulo Roberto de Medeiros
(Coordenador(a))**

Endereço: Rua Sérgio Moreira de Figueiredo, s/n

Bairro: Casas Populares

CEP: 58.900-000

UF: PB

Município: CAJAZEIRAS

Telefone: (83)3532-2075

E-mail: cepcfufcgcz@gmail.com